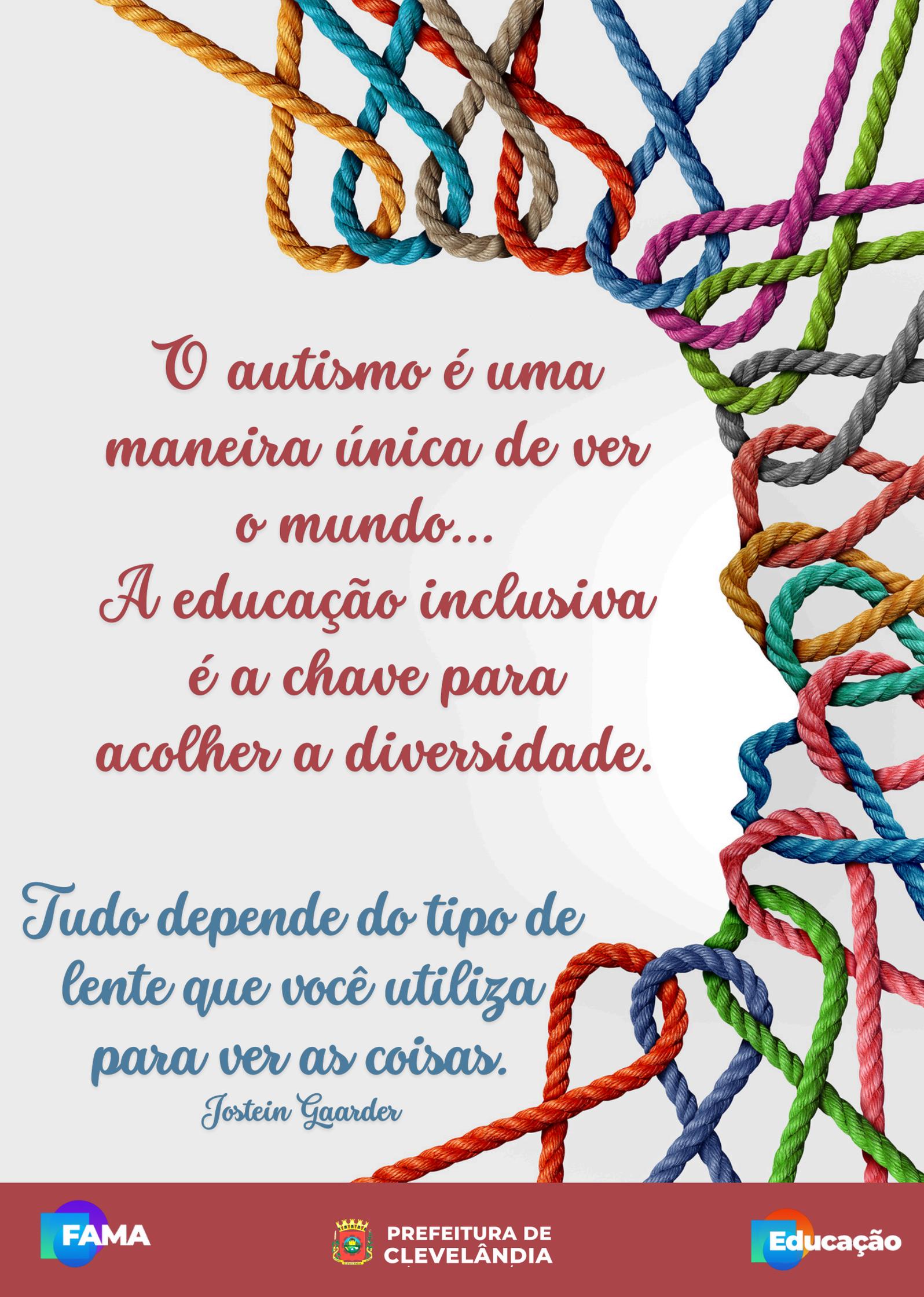


Organizadoras
Ana Maria Lopes Conceição
Fabiane Carbonari Menegussi
Francieli Fabris

***ANAIS DO I SIMPÓSIO
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESPECIAL COM ÊNFASE NO
TRANSTORNO DO ESPECTRO DO
AUTISMO***



*O autismo é uma
maneira única de ver
o mundo...*

*A educação inclusiva
é a chave para
acolher a diversidade.*

*Tudo depende do tipo de
lente que você utiliza
para ver as coisas.*

Jostein Gaarder

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simpósio Municipal de Educação Especial com ênfase no
Transtorno do Espectro do Autismo (1. : 2024 :
Clevelândia, PR)

Anais do I Simpósio Municipal de Educação
Especial com ênfase no Transtorno do Espectro do
Autismo [livro eletrônico] / organização Ana Maria
Lopes Conceição, Fabiane Carbonari Menegussi,
Francieli Fabris. -- Clevelândia, PR :
Ed. dos autores, 2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-44685-1

1. Autismo 2. Educação inclusiva 3. Educação -
Pesquisa 4. Inclusão I. Conceição, Ana Maria Lopes.
II. Menegussi, Fabiane Carbonari. III. Fabris,
Francieli. IV. Título.

25-268762

CDD-371.94

Índices para catálogo sistemático:

1. TEA : Transtorno do Espectro do Autismo :
Educação inclusiva 371.94

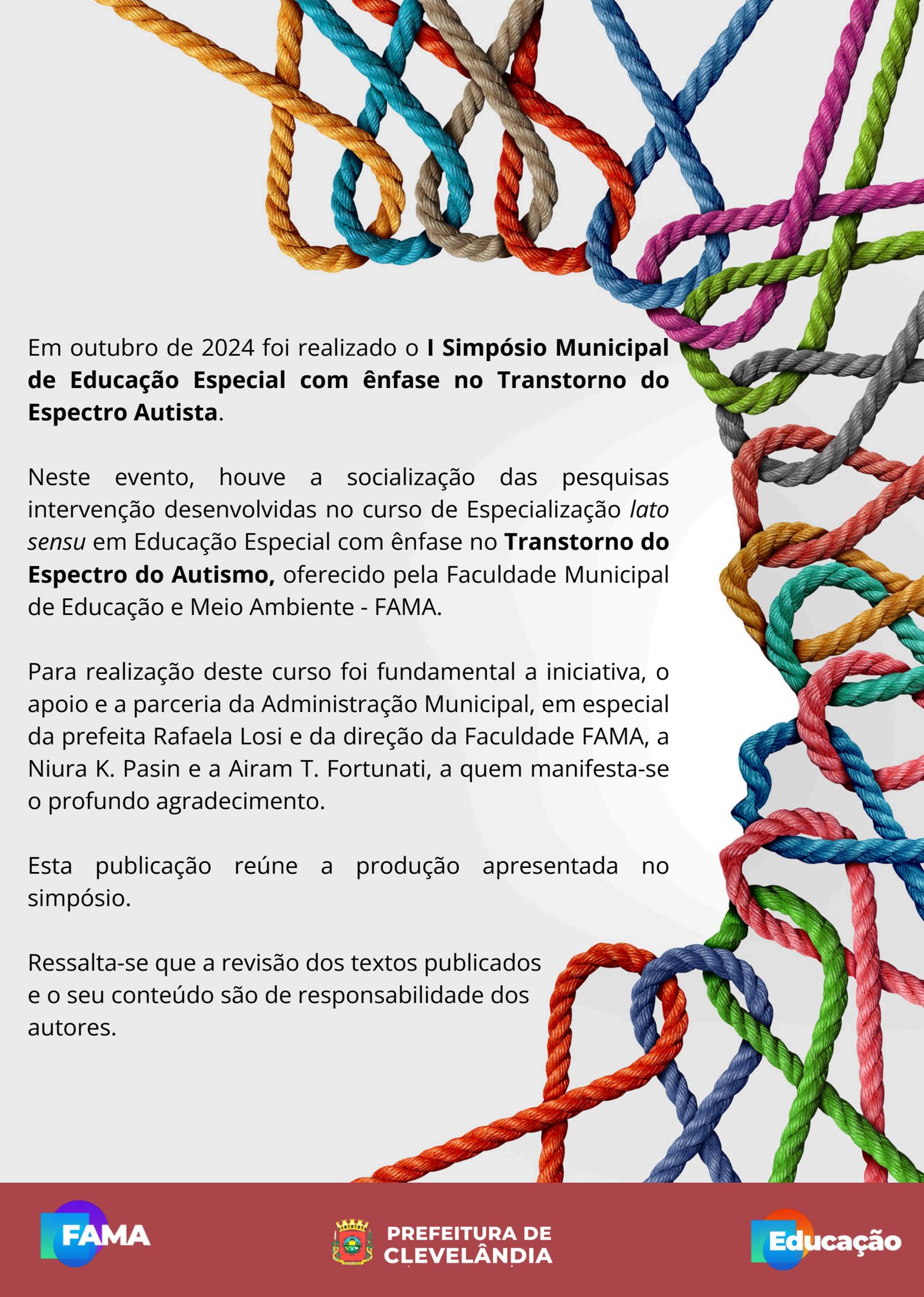
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ISBN: 978-65-01-44685-1

TCB



9 786501 446851



Em outubro de 2024 foi realizado o **I Simpósio Municipal de Educação Especial com ênfase no Transtorno do Espectro Autista**.

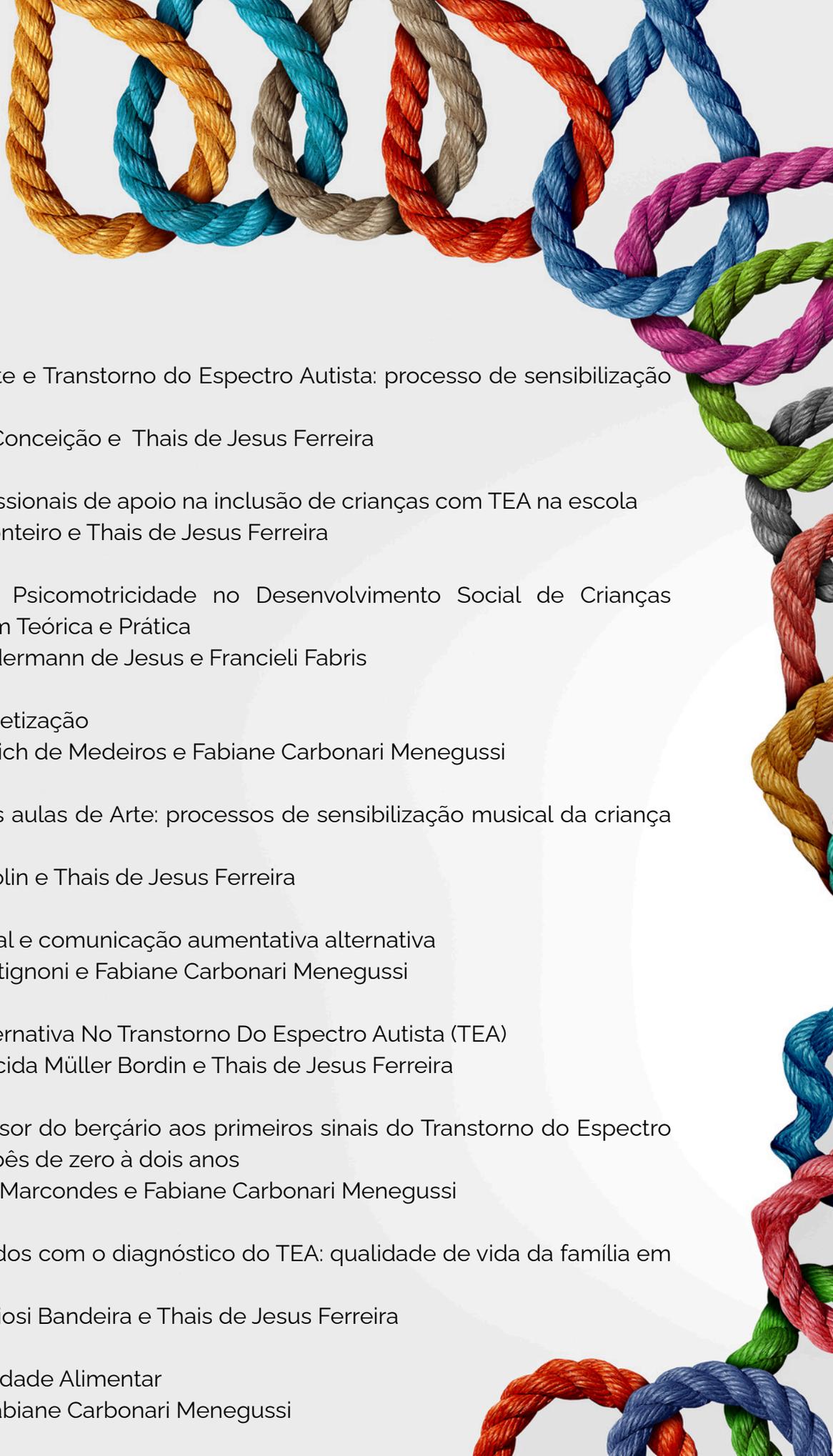
Neste evento, houve a socialização das pesquisas intervenção desenvolvidas no curso de Especialização *lato sensu* em Educação Especial com ênfase no **Transtorno do Espectro do Autismo**, oferecido pela Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA.

Para realização deste curso foi fundamental a iniciativa, o apoio e a parceria da Administração Municipal, em especial da prefeita Rafaela Losi e da direção da Faculdade FAMA, a Niura K. Pasin e a Airam T. Fortunati, a quem manifesta-se o profundo agradecimento.

Esta publicação reúne a produção apresentada no simpósio.

Ressalta-se que a revisão dos textos publicados e o seu conteúdo são de responsabilidade dos autores.

Sumário



Título: Formação Docente e Transtorno do Espectro Autista: processo de sensibilização de profissionais da APAE

Autoras: Adinara Lopes Conceição e Thais de Jesus Ferreira

Título: Atuação das profissionais de apoio na inclusão de crianças com TEA na escola

Autoras: Alda Viviane Monteiro e Thais de Jesus Ferreira

Título: A Influência da Psicomotricidade no Desenvolvimento Social de Crianças Autistas: Uma Abordagem Teórica e Prática

Autoras: Alessandra Biedermann de Jesus e Francieli Fabris

Título: O Autismo e Alfabetização

Autoras: Alexandra Ap. Kich de Medeiros e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: Musicalização nas aulas de Arte: processos de sensibilização musical da criança autista

Autoras: Ana Paula Bresolin e Thais de Jesus Ferreira

Título: Autismo não verbal e comunicação aumentativa alternativa

Autoras: Anna Paula Martignoni e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: Comunicação Alternativa No Transtorno Do Espectro Autista (TEA)

Autoras: Berenice Aparecida Müller Bordin e Thais de Jesus Ferreira

Título: O olhar do professor do berçário aos primeiros sinais do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em bebês de zero à dois anos

Autoras: Danielli Cristina Marcondes e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: Desafios vivenciados com o diagnóstico do TEA: qualidade de vida da família em evidência

Autoras: Dielise M. Franciosi Bandeira e Thais de Jesus Ferreira

Título: Autismo e Seletividade Alimentar

Autoras: Eliane Pires e Fabiane Carbonari Menegussi

Sumário

Título: Atividades Lúdicas para alunos com Transtorno do Espectro Autista no componente de Geografia

Autoras: Eliane de Paula Landmann e Francieli Fabris

Título: Uso da comunicação alternativa no Transtorno do Espectro Autista em ambiente escolar

Autoras: Franciele Teixeira Viana e Thais de Jesus Ferreira

Título: Avaliação Psicomotora e do Desenvolvimento Motor

Autoras: Francine Zanella e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: Troca de sinal sonoro por música visando o bem-estar de alunos com autismo

Autores: Givanildo Artuso De Souza e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: Intervenção com Tecnologias Assistivas: estudo de caso de um aluno com TEA e TOD

Autoras: Idinéia Dutra Marquezoti de Oliveira e Thais de Jesus Ferreira

Título: O lúdico como estratégias de intervenção na Educação Infantil com aluno autista

Autoras: Jéssica Cappellaro Faoro e Francieli Fabris

Título: Percepção Da Família Em Relação A Aprendizagem E Autonomia De Crianças Autistas Escolarizadas

Autoras: Juliana Toniolli e Thais de Jesus Ferreira

Título: Alfabetização De Pessoas Com Transtorno Do Espectro Do Autismo

Autoras: Leovani de Fátima Bortolini e Francieli Fabris

Título: A Ludicidade Na Alfabetização De Crianças Autistas Na Sala De Recursos

Autoras: Marcia Rodrigues De Abreu e Francieli Fabris

Título: Promovendo A Inclusão De Alunos Autistas Na Educação Infantil

Autoras: Marizete Souto Fracalossi e Fabiane Carbonari Menegussi

Sumário

Título: Política Pública De Implementação Das Práticas Integrativas E Complementares Em Saúde (Pics) No Sus No Município De Clevelândia- Terapia Reiki

Autoras: Marla Cristiane Nienow e Francieli Fabris

Título: Intervenção Precoce E Prática Pedagógica No Desenvolvimento De Crianças Com TEA

Autoras: Neiriele de Oliveira Dlugoss e Francieli Fabris

Título: Estudo de caso: Explorando o Potencial do Autismo Através da Alfabetização

Autoras: Neusa Maria Rodrigues e Francieli Fabris

Título: Experiências E Desafios Na Rotina Familiar De Mães de Crianças Autistas

Autoras: Paloma Vieira e Francieli Fabris

Título: Importância das Artes Visuais para Desenvolvimento Sensorial de Alunos com TEA

Autores: Rafael Gilioli e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: AUTISMO: Um guia para os trabalhadores da Saúde

Autoras: Rafaela Carbonari Fogolari e Thais de Jesus Ferreira

Título: Influência do Plano Educacional Individualizado (PEI) na aprendizagem e socialização de crianças autistas

Autoras: Renata Teixeira de Assis e Thais de Jesus Ferreira

Título: Intervenção Pedagógica Com Crianças Autistas Matriculadas No Jardim: Desafios E Possibilidades

Autoras: Rita de Cássia Schovai de Oliveira e Thais de Jesus Ferreira

Título: Material de Apoio aos Professores de Alunos Autistas

Autoras: Rosana Ribeiro dos Santos e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: Desfralde na Adolescência

Autoras: Rosilva de Lima Pereira e Fabiane Carbonari Menegussi

Sumário

Título: Capacitação dos Conselheiros Tutelares para o Atendimento de Violações de Direitos de Vítimas Autistas

Autoras: Sandra de Fátima Ribeiro e Francieli Fabris

Título: Cartilha de Conscientização sobre o Autismo na Primeira Infância

Autoras: Seres Maria Poncio da Silva e Thais de Jesus Ferreira

Título: Tornando os Direitos dos Autistas Conhecidos: Informações para Familiares e Professores

Autoras: Sigmar Jeanne Miglioranza Massarotto e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: Grupo de Estudos Como Estratégia de Formação de Professores: Autismo em Debate

Autoras: Vanessa Ribeiro e Thais de Jesus Ferreira

Título: Construindo um Ambiente Inclusivo: Partindo da Realidade a Prática

Autoras: Verônica Raquel Leal Grignani e Fabiane Carbonari Menegussi

Título: O Mundo da Criança com TEA no Contexto Escolar do Ensino Regular Integral: Desafios e Perspectivas da Inclusão

Autoras: Verônica Aparecida Mattos dos Reis e Francieli Fabris

Título: Capacitação de Profissionais de Apoio Que Atuam com Alunos Autistas: O PEI Como Fundamento da Intervenção

Autores: Wagner Luiz Mohr e Thais de Jesus Ferreira

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Formação Docente e Transtorno do Espectro Autista: processo de sensibilização de profissionais da APAE

Adinara Lopes Conceição; Thais de Jesus Ferreira
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA
adinara.lopes@gmail.com; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE BRASIL, 2024) caracteriza-se por ser uma organização social, sem fins lucrativos cujo objetivo principal é promover a atenção integral, atuando nas áreas de educação, assistência social e saúde, constituindo uma rede de proteção e defesa de direitos à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. A APAE Pato Branco é mantenedora de duas escolas de educação básica na modalidade Especial, a Carlos Almeida e a Zilda Arns. Com o aumento crescente de alunos com transtorno do espectro autista sendo encaminhados para a APAE, o atendimento no meio educacional é desafiador, sendo necessária a sensibilização por parte de toda comunidade escolar. O presente projeto tem como objetivo sensibilizar os profissionais da APAE Pato Branco, a partir da formação docente, pois a formação continuada dos professores é fundamental para proporcionar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor para os autistas.

METODOLOGIA

De acordo com Losch, Rambo e Ferreira (2023, p. 3) a pesquisa exploratória “vem sendo utilizada cada vez mais para investigar os fenômenos complexos da realidade educacional. Esse tipo de investigação busca respostas para questionamentos e dedica-se a identificar e compreender fatos/acontecimentos da educação que precisam ser explorados”. Neste projeto foi usada a pesquisa primária na qual a informação é coletada diretamente do sujeito, o que pode ocorrer por meio de um grupo de pessoas ou mesmo de um único indivíduo, sendo feita pelo próprio pesquisador. De acordo com Creswell (2014) a pesquisa primária foi realizada especificamente para explorar um determinado problema que requer um estudo aprofundado. A população e amostra da pesquisa contemplou quarenta e quatro (44) professores da Apae Pato Branco, sendo trinta e nove (39) professoras do sexo feminino, cinco (5) professores do sexo masculino. Todos os professores recebem acima de três salários mínimos. Em sua maioria são pessoas acima dos trinta (30) anos, de cor parda ou branca. Como instrumento de intervenção foi realizada uma formação na Jornada Pedagógica da APAE 2024.2, constituída de dois momentos formativos com profissionais especializados na área do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao término da formação foram utilizados, para coleta de dados, baseada na Pedagogia de Freinet, informações através do questionamento: “Aprendo Participando, Porque Eu: Pergunto – Sugiro – Critico e Felicito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos profissionais envolvidos cem por cento autorizaram a coleta de dados e participaram do feedback. No quesito sugiro, quarenta e quatro pessoas sugeriram novas formações, pois enriquece o trabalho, destas, cinco acrescentam a necessidade de incluir os familiares na formação, e seis ampliar os temas para outras deficiências. No quesito critico, dez profissionais criticam o tempo insuficiente das palestras e debate. Dezoito profissionais relatam não ter críticas. Três profissionais aparentam não ter compreendido a dinâmica e criticam situações pontuais do dia a dia do ambiente escolar, sem conexão com o contexto. Um profissional, relata “Na palestra sobre indivíduo autista poderia haver explicações e sugestões de trabalho para realizar com crianças autistas”. Quando os profissionais tiveram que perguntar os questionamentos foram diversos, todos com uma grande preocupação em relação ao atendimento de qualidade aos autistas, cinco profissionais questionam a forma de trabalhar com o autista, dez profissionais questionam o número grande de autistas em sala que dificulta o trabalho de qualidade. A última abordagem refere-se ao felicito, unanimemente todos felicitaram a iniciativa da formação, os palestrantes, a disponibilidade do palestrante, que também é pai de autista, expor a sua vivência e a organização.



Figura 1 – Advogada e palestrante
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 2 – Palestrante pai de autista
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora



Figura 3- Profissional da instituição participando da devolutiva das palestras
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da intervenção ficou evidente que os professores foram sensibilizados, conheceram os direitos, características e vivências da pessoa autista, compreenderam a importância de um olhar global nos processos de intervenção, sendo demonstrado na palestra a ‘Tríade não basta!’ que para que o aluno tenha suas demandas atendidas na totalidade é importante vários profissionais engajados pelo mesmo propósito, ou seja o autista. No decorrer das palestras, ficou evidente a escolha assertiva pelos palestrantes, abrindo caminhos para dar continuidade a estas formações buscando expandir para os demais profissionais da escola e familiares. No decorrer do projeto ficou evidente a falta de publicações científicas voltadas ao trabalho realizado nas APAEs, pois os artigos científicos relatam o trabalho realizado no ensino regular com os alunos autistas inclusos, fato que comprova a necessidade de outros pesquisadores debaterem este tema.

REFERÊNCIAS

- APAE BRASIL. Quem somos Disponível em: <https://apaebrazil.org.br/conteudo/quem-somos>. Acesso em 15/09/2024.
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Penso., 2014.
- FREIRE. P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. Revista Ibero Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, 2023.

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Atuação das profissionais de apoio na inclusão de crianças com TEA na escola

Alda Viviane Monteiro – Thais de Jesus Ferreira
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA
vivymonteiro12@gmail.com; thais@fampr.edu.br

INTRODUÇÃO

O acompanhamento de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola é um grande desafio para os profissionais da educação, em especial, aqueles que diretamente as acompanham, denominados de “Profissionais de Apoio”. Os desafios emergem por existir uma lacuna teórica de conhecimento e experiências baseadas em evidências nessa área, especialmente porque a legislação que ampara este profissional é muito recente (Lei 12.674/2012). Esta pesquisa, envolveu a compreensão sobre o trabalho pedagógico das profissionais de apoio com crianças com TEA, pelo fato de que existem várias características que os definem dentro deste espectro e, conseqüentemente, muitas formas de intervenção. É, sobretudo, no ambiente escolar que se observa o desenvolvimento integral das crianças e, por muitas vezes, é neste lugar que se vislumbra a dificuldade nas práticas pela limitação de procedimentos didático-pedagógicos adaptados às necessidades de alunos com TEA. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar os desafios pedagógicos apresentados pelos profissionais de apoio, que acompanham crianças diagnosticadas com autismo. Como objetivos específicos buscou-se: identificar a formação dos educadores que atuam como Profissionais de Apoio, apurando o regime de contratação; investigar as práticas realizadas por estes profissionais no acompanhamento pedagógico, registrando seus principais desafios.

METODOLOGIA

Realizou-se uma *pesquisa qualitativa de cunho exploratório* (FAMA, 2016), com o acompanhamento de uma Profissional de Apoio que atua com crianças diagnosticadas com TEA em uma Escola Municipal de Clevelândia, Paraná. Foi realizado o acompanhamento da profissional no período compreendido entre 19 de Junho e 04 de Julho de 2024, nos períodos matutino e, sobretudo, vespertino, mas estabelecendo um estudo de campo a partir da observação participativa, com coleta e análise de dados da atuação da respectiva Profissional de Apoio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar esta pesquisa com os Profissionais de Apoio para crianças atípicas diagnosticadas com TEA, analisou-se o processo de inclusão desses alunos na rede pública do Município de Clevelândia. Fundamentadas no que estabelece a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), corroborada no Estado do Paraná com a Lei nº. 17.798/2023 e, com a Instrução Normativa nº 01/2024 do Município de Clevelândia, que versa sobre os critérios de solicitação dos denominados PAEE (Professores de Apoio Educacional Especializado), foi possível perceber o quanto é importante a atuação destes profissionais, que auxiliam, além do aluno que acompanha, toda a sua turma indiretamente.



Figura 1: Fachada da Escola Municipal.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Em virtude da análise da legislação, foi possível identificar as faltas excessivas destes Profissionais, bem como, o deslocamento para outras funções, que ao ausentar-se acabam dificultando a dinâmica do atendimento do aluno com TEA, afetando o seu aproveitamento no processo de ensino e aprendizagem, e comprometendo o bom andamento da turma. O professor regente, na falta do Profissional de Apoio, precisa estar atento à turma como um todo, mas ao aluno atípico de maneira específica, o que dificulta, e muito, o trabalho educativo. Levando em conta toda essa realidade analisada, pode-se entender que a contratação destes profissionais não acontece via CLT e não há exigência de graduação. Acredita-se que um Profissional de Apoio com formação poderia melhorar muito o atendimento das crianças autistas. Com base nisso, percebeu-se nesta pesquisa que por serem as Profissionais de Apoio contratadas apenas como estagiárias, por vezes falta o conhecimento necessário para poder acompanhar os alunos e para elaborar atividades adaptadas condizentes com a realidade de quem estava sendo atendido. Neste sentido, percebe-se que os desafios das Profissionais de Apoio com crianças diagnosticadas com TEA na Escola Pública, como a analisada, são: de uma formação adequada, não só no que diz respeito à graduação, mas também, a cursos complementares e específicos para o trabalho com crianças atípicas; de ter o tempo apropriado para o seu trabalho, sem desvio de função, para que possa dar uma sistematização adequada e satisfatória a sua atuação; e, por fim, enfatiza-se que a valorização destes profissionais é fundamental, principalmente no que diz respeito a sua forma de contratação, para que o mesmo se interesse por si só, a buscar sua qualificação neste tipo de atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com esta pesquisa que é de extrema importância ter um profissional de apoio realizando o acompanhamento do aluno ~~portador~~ com TEA, sendo fundamental que este profissional tenha uma formação na área. O grande desafio evidenciado pela profissional analisada foram as dificuldades em auxiliar os alunos por falta de instruções e formação adequadas. Neste sentido, reconhecemos que é imprescindível que as Profissionais de Apoio de crianças com TEA tenham acesso a formação na área da educação especial e se apropriem de metodologias inclusivas de intervenção embasadas cientificamente, como por exemplo, o PECS (Sistema de Comunicação por Trocas de Figuras).

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Giovanni Ferreira. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: a problemática do Profissional de Apoio à Inclusão Escolar como um de seus efeitos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 26, n. 4, pp. 673-688, out./dez. 2020.
- BRASIL. Lei nº. 13.146, de 06 de Julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Site: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acessado em: 27.abr.2024.
- CANAL DO AUTISMO. *Dia Mundial de Conscientização do Autismo*. Site: <http://www.canalautismo.com.br/DiaMundial/>. Acessado em: 27.abr.2024.
- CLEVELÂNDIA. Prefeitura Municipal de. Instrução Normativa nº. 01/2024, de 12 de Março de 2024. *Estabelece critérios para a solicitação e disponibilização de Professor de Apoio Educacional Especializado – PAEE nas Instituições Educacionais da Rede Pública Municipal de Ensino de Clevelândia*. Site: <https://clevelandia.pr.gov.br/legislacao/>. Acessado em: 07.out.2024.
- FAMA – Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente de Clevelândia/PR. *Orientações para elaboração de Trabalhos Científicos*. Clevelândia: FAMA, 2016. Site: <https://fampr.edu.br/wp-content/uploads/2017/05/Metodologia-FAMA-.pdf>. Acessado em: 09.out.2024.
- PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. *Audiology – Communication Research*, São Paulo, v. 19, n. 2, pp. 171-178, abr. 2014.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

A Influência da Psicomotricidade no Desenvolvimento Social de Crianças Autistas: Uma Abordagem Teórica e Prática

Alessandra Biedermann de Jesus e Francieli Fabris;
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA
alessandrabiedermann80@gmail.com; francieli@famapt.edu.br

INTRODUÇÃO

Este estudo explora a influência da psicomotricidade no desenvolvimento social de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com Vygotsky (1991), o desenvolvimento motor e o social estão profundamente interligados, pois a interação com o ambiente ocorre por meio do movimento. Assim, intervenções que estimulam o desenvolvimento psicomotor são essenciais para aprimorar as habilidades sociais de crianças autistas (Silva, 2018). O projeto integra práticas de psicomotricidade e desenvolvimento social por meio de atividades adaptadas que incentivam a autonomia e a comunicação (Fonseca, 2020). O fortalecimento de capacidades motoras, como equilíbrio e coordenação, facilita a interação social (Barros, 2019). Além disso, a psicomotricidade desempenha um papel fundamental na criação de um ambiente escolar inclusivo, promovendo a colaboração e o fortalecimento de vínculos afetivos (Pereira, 2022). Com base nisso, o estudo busca responder à pergunta: "Como as intervenções psicomotoras podem influenciar a interação social de uma criança autista de 7 anos?", analisando seu desenvolvimento em um contexto educacional.

METODOLOGIA

A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, ideal para captar as sutilezas das interações sociais e do desenvolvimento psicomotor de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos a partir das perspectivas dos envolvidos, sendo particularmente apropriada para estudos com crianças com TEA. As atividades psicomotoras planejadas têm um caráter progressivo, iniciando com exercícios simples de coordenação motora, como caminhar em linhas retas, e evoluindo para movimentos mais complexos, como zigue-zague e saltos. As intervenções foram realizadas na quadra da escola, com observação da execução das atividades e das interações sociais entre a criança e seus colegas. A coleta de dados envolveu descrições detalhadas em diários de campo e uma entrevista com a mãe do participante, proporcionando um entendimento mais profundo da rotina e dos desafios da criança. Critérios rigorosos de inclusão e exclusão foram aplicados para garantir a adequação do participante ao estudo, assegurando o rigor ético e científico da pesquisa. A apresentação da pesquisa aos responsáveis ocorreu em uma reunião formal, onde os objetivos e os procedimentos foram explicados de forma clara, complementados por um material informativo acessível. A metodologia busca avaliar o impacto das atividades psicomotoras no desenvolvimento social e na inclusão da criança, promovendo sua integração ao ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As intervenções psicomotoras aplicadas durante o estudo demonstraram ser eficazes no desenvolvimento de uma criança com TEA de nível 1, abrangendo tanto a coordenação motora quanto a interação social. Embora o estudo tenha sido de curta duração, os resultados apontam que essas atividades atuam como mediadoras para o desenvolvimento social, conforme a teoria de Vygotsky (1984), que destaca a ampliação da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) por meio das interações sociais. Inicialmente, o aluno enfrentou dificuldades em tarefas como pular corda, mas apresentou progressos contínuos. Esse desenvolvimento motor foi acompanhado por melhorias na comunicação e na colaboração com os colegas, evidenciando o papel das atividades psicomotoras como facilitadoras da integração social. Apesar dos resultados promissores, é importante ressaltar que o estudo focou em uma criança com TEA de nível 1, que possui um alto grau de funcionalidade e comunicação verbal. Crianças com necessidades de suporte maiores podem exigir adaptações específicas para obter benefícios similares. Assim, a continuidade das intervenções é essencial para que os avanços sejam mantidos e ampliados a longo prazo. O estudo reforça a importância das atividades psicomotoras como estratégia eficaz para promover um desenvolvimento integral de crianças com TEA, favorecendo não apenas sua coordenação motora, mas também a construção de um ambiente escolar inclusivo e de bem-estar.



Figura 1 – Estações 1 e 2.
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).



Figura 2 – Estações 3 e 4.
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).



Figura 3 . Atividades psicomotoras.
Fonte: Elaborada pelas autoras (2024).

O estudo reforça a importância das atividades psicomotoras como estratégia eficaz para promover um desenvolvimento integral de crianças com TEA, favorecendo não apenas sua coordenação motora, mas também a construção de um ambiente escolar inclusivo e de bem-estar.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicomotricidade mostrou-se fundamental para o desenvolvimento social e motor de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As atividades adaptadas, como o "aquecimento das cores" e as estações progressivas, demonstraram eficácia em melhorar tanto a coordenação motora quanto as interações sociais. A intervenção revelou que o desenvolvimento motor, mediado por atividades estruturadas, favorece a interação social, corroborando as teorias de Vygotsky sobre a importância da mediação social. A inclusão de entrevistas com os responsáveis ampliou a compreensão do contexto familiar, fortalecendo a parceria entre escola e família. Os resultados indicam que intervenções contínuas e personalizadas são cruciais para maximizar os benefícios observados, destacando a importância de um ambiente educacional que promova não apenas o desenvolvimento físico, mas também a integração social das crianças. O estudo ressalta a necessidade de uma análise individualizada para melhor entender o desenvolvimento de cada criança com TEA, apontando para a criação de estratégias inclusivas que possam ser ajustadas conforme as necessidades específicas.

REFERÊNCIAS

- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2009.
PEREIRA, J. M. **Psicomotricidade e inclusão: práticas pedagógicas e desafios escolares**. 2. ed. Brasília: Editora Inclusiva, 2022.
SILVA, R. T. **Intervenções psicomotoras em crianças autistas: uma abordagem prática**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Saúde & Educação, 2018.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



O Autismo e Alfabetização

Alexandra Ap. Kich de Medeiros e Fabiane Carbonari Menegussi
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA;
xandakich@yahoo.com.br; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Para que uma escola seja inclusiva é necessário abrir espaço para todas as crianças, e isso inclui as que apresentam necessidades especiais. A legislação garante que essas crianças tenham o direito à educação em escola regular com todo o apoio necessário para seu desenvolvimento. Entende-se que o convívio com outras crianças favorece o desenvolvimento da criança com deficiência e esta deixa de ser “segregada”, sendo que sua acolhida pode contribuir muito para a construção de uma visão inclusiva. Com relação às crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista o início da vida escolar pode se tornar um momento desafiador.

Quando trata-se do processo de alfabetização das crianças, precisamos ter a ciência de que ela é essencial para o desenvolvimento pessoal e social de todas as crianças, isto é um direito humano e cabe às escolas, na prática, cumprir seu papel social, garantindo que todos possam aprender a ler e a escrever.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa intervenção foi identificar formas e metodologias adequadas para alfabetizar uma criança autista que frequenta os anos iniciais do Ensino Fundamental.



Figura 1 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).



Figura 2 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).



Figura 3 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).

METODOLOGIA

Esta pesquisa intervenção foi fundamentada teoricamente a partir de uma pesquisa bibliográfica elaborando-se um estudo de caso.

O participante da pesquisa foi um menino de nove anos, matriculado no terceiro ano do Ensino Fundamental I, de uma escola pública, diagnosticado com TEA e que ainda não está alfabetizado.

Foi realizada uma sondagem a fim de identificar o que o aluno já sabia, para iniciar as intervenções. Com os dados da sondagem foi elaborado um PEI (Plano Educacional Individualizado). A intervenção ocorreu durante trinta dias nas aulas do Componente Curricular de Língua Portuguesa.

Ele já fazia a leitura de sílabas simples, então na intervenção trabalhou-se, de forma lúdica, as sílabas complexas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho desenvolvido priorizou o uso da ludicidade, que de acordo com Joaquina e Silveira (2023, p. 147) “Esses recursos despertam neles o senso criativo e a construção de novos pensamentos, sentimentos e habilidades, bem como autonomia” e o uso de jogos e atividades digitais, na lousa digital para ele assimilar melhor os conteúdos ensinados. Buscou-se além dos métodos tradicionais (caderno, lápis e quadro) atividades que instigassem o querer aprender mais, sempre o estimulando de várias maneiras.

Isso está de acordo com o que Silva et al (2020, p. 47) afirmam:

Atualmente, as estratégias metodológicas utilizadas no processo de alfabetização vêm sendo enriquecidas com recursos tecnológicos como jogos digitais, plataformas, aplicativos para computadores, tablets, smartphones e iPads. Isso permite a inserção, no ambiente da sala de aula, de recursos que já fazem parte da realidade de muitos estudantes, visando minimizar as dificuldades que eles apresentam durante a aquisição da escrita. Esses recursos podem também beneficiar alunos e professores no processo de construção dos conhecimentos científico e acadêmico.

Algumas atividades, como formação de palavras, ele busca sempre realizar em silêncio, onde é possível verificar que ele aprendeu quando escreve as palavras corretamente. Na sala de aula com os outros colegas ele recusa-se a ler, então quando a professora quer que ele leia, leva-o para outro ambiente sozinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo geral que conduziu esta pesquisa intervenção é possível afirmar que alfabetizar uma criança diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista, nos anos iniciais do ensino fundamental, requer a utilização de metodologias personalizadas evidenciando a necessidade e características de cada aluno, buscando uma educação cada vez mais inclusiva. Para isso, elaborou-se o PEI e utilizou-se recursos lúdicos e o uso das tecnologias.

Cabe ressaltar que o professor deve buscar estratégias que melhor sejam adequadas para a essa criança, identificando seus interesses, tornando assim um processo prazeroso de ensino /aprendizagem. Ao utilizar abordagens adaptativas e centradas no aluno, reconhecendo suas necessidades individuais é possível ajudar crianças autistas a desenvolverem habilidades de leitura e escrita que lhes permitirão alcançar seu pleno potencial.

Cada criança é única, e as estratégias devem ser adaptadas às suas necessidades individuais e estilos de aprendizagem. O importante é criar um ambiente acolhedor e encorajador, que favoreça o desenvolvimento da alfabetização de forma respeitosa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Thiago. O que é o autismo? In.: CASTRO, Thiago (coord.) Simplificando o autismo: para pais, familiares e profissionais. São Paulo/SP: Literari Books International, 2023.
- JOAQUINA, Maria Eduarda e SILVEIRA, Zélia Medeiros. Práticas Pedagógicas Utilizadas Na Alfabetização E No Letramento De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea) Nos Primeiros Anos Do Ensino Fundamental. Revista Saberes Pedagógicos, V.7 n. 2, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.18616/rsp.v7i2.8261>. Acesso em 10/10/2024.
- SILVA, Josiane Almeida, et al. As tecnologias digitais da informação e comunicação como mediadoras na alfabetização de pessoas com transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática da literatura. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia 13.1:45-64, 2020. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=577164136003> Acesso em 14/05/2024.





Musicalização nas aulas de Arte: processos de sensibilização musical da criança autista

Ana Paula Bresolin; Thais de Jesus Ferreira
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA.
apk.bresolin@gmail.com; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão da musicalização nas aulas de arte para alunos autistas. Considerando que o Transtorno do Espectro Autista – TEA é um transtorno que provoca distúrbios comportamentais e sensoriais que causam dificuldades no desenvolver das atividades cotidianas, sendo necessárias adaptações que possam ajudar estes indivíduos a se conectarem a realidade e a serem mais ativos na sociedade através de processos de intervenções multiprofissionais que torne essa integração mais eficiente (BVS, 2023), portanto, trata-se de um processo que envolve características individuais para cada pessoa, fator este que reforça a necessidade de intervenções específicas conectadas as suas especificidades. O objetivo geral desta intervenção foi investigar o impacto das atividades de sensibilização musical para criança autista nas aulas de Arte. Seguido dos objetivos específicos: promover o conhecimento das cantigas populares nas aulas de Arte; estimular a criatividade a partir do repertório musical apresentado e identificar como a musicalização nas aulas de Arte pode possibilitar a sensibilização musical da criança autista.

METODOLOGIA

A pesquisa configurou-se de uma abordagem qualitativa que é baseada em uma análise de dados mais extensa com foco em selecionar apenas os resultados que sejam mais compatíveis com as necessidades da pesquisa com a meta de desenvolver processos de pesquisa mais precisos e com melhores resultados (Cardano, 2017), portanto trata-se de um conjunto de abordagens utilizadas de forma complementar para desenvolver um relatório de intervenção fundamentado sobre os processos de intervenção com alunos autistas.

A proposta buscou analisar as possibilidades e a eficiência do uso do repertório musical nas aulas de Arte, considerando a singularidade associada as informações presentes no laudo médico e a faixa etária de uma (1) criança participante da pesquisa. O repertório musical foi construído no período de quatro semanas. Foram oito encontros, duas vezes por semana nas aulas de arte e consistiu no trabalhar das músicas infantis populares do Brasil, das quais são comuns em cantigas e de forma simultânea com atividades artísticas que ajudem a trabalhar a arte e a sensibilização musical em sala de aula como proposta de intervenção educacional. Foi realizada uma análise qualitativa dos resultados obtidos, considerando o impacto das atividades musicais no desenvolvimento da criança, já que a musicalização pode ajudar a melhorar as interações sociais, o desenvolver intelectual e cognitivo, a coordenação, o controle das emoções, a comunicação e a linguagem dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades previstas no planejamento promoveram a aprendizagem necessária para a sensibilização musical a partir dos conhecimentos rítmicos, vocais, de mobilidade, e percepções sonoras. Contribuíram para que os alunos com dificuldades de relacionamento se expressassem e despertassem habilidades sociais importantes para o seu desenvolvimento, sendo estas aprendizagens que serão necessárias durante toda a vida do sujeito (Oliveira; Lampreia, 2017) A pesquisa revelou que se deve considerar que as crianças possuem as suas própria singularidades, das quais exigem o desenvolver de atividades mais lúdicas, buscando favorecer a interação, comunicação, o brincar, a imaginação e a criatividade, sendo esses aspectos melhores trabalhados através da musicalização.

1ª Semana	2ª Semana	3ª Semana	4ª Semana
Trabalho com a música: A cobra não tem pé e a música Meu pintinho amarelinho	Trabalho com a música: Caranguejo não é peixe e a música A borboletinha	Trabalho com a música Cai, cai balão e a música Sapo cururu	Trabalho com a música Pirulito que bate, bate e a música A dona aranha

Figura 1 – Tabela semanal das atividades de intervenção
Fonte: Autoria própria



Figura 2 – Atividades de sensibilização musical
Fonte: Autoria própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o trabalho foi possível compreender que as atividades de musicalização e arte possuem uma capacidade única de promover aprendizagens, conhecimentos e experiências que modificam positivamente os processos de formação pessoal e social dos educandos, haja vista que tais propostas permitem a integração dos sujeitos nas atividades em sala de aula, promovendo racionalizações, criticidades e racionalizações importantes para a promoção da participação e desenvolvimento dos alunos, permitindo que estes tenham mais visibilidade em sala de aula, permitindo que estes possam tanto relacionar com outros educandos, mas também com as matérias, já que é possível uma formação de atividades mais lúdicas, simples e com menos regras que melhoram as percepções dos educandos sobre si e sobre os demais.

Além disso, as atividades envolvendo a musicalização e a arte favoreceu a formação de práticas educacionais como o desenvolver de atividades rítmicas, sociais, musicais, promoveu o melhoramento da coordenação motora fina e ampla, ampliando a criatividade, a comunicação e a oralidade, ajudando a criança a regular algumas emoções e comportamentos, dentro e fora do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- BVS – BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. Transtorno do Espectro Autista – TEA. Autismo. Ministério da Saúde, 2023.
CARDANO, Mario. *Manual de pesquisa qualitativa: A contribuição da teoria da argumentação*. Petrópolis, Vozes, 2017.
OLIVEIRA, Stephan Malta; LAMPREIA, Carolina. *Intervenção no autismo baseada namusicoterapia de improvisação e no modelo DIR-Floortime*. Revista InCantare, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 1-156, jan./jun. 2017.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Autismo não verbal e comunicação aumentativa alternativa.

Anna Paula Martignoni e Fabiane Carbonari Menegussi
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA;
annapmartignoni@outlook.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério de saúde (2021, s/p) O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.

Segundo dados, 25% a 30% das crianças autistas não conseguem utilizar a linguagem verbal para se comunicar ou tem um número restrito de palavras em seu vocabulário. Com isso, elas têm barreiras de aprendizado no processo de aquisição da linguagem oral. É muito importante ressaltar que a ausência de fala ou linguagem oral em uma pessoa, não representa a ausência de compreensão. O que acontece é que no autismo não verbal a pessoa não consegue se expressar verbalmente, mas consegue, sim, compreender o que os outros estão falando.

O objetivo geral desta pesquisa intervenção é desenvolver uma comunicação alternativa de forma, concreta, clara e direta, a qual auxilie na rotina escolar e até mesmo em sua vida diária em casa e na comunidade aonde autistas não verbais estejam inseridos.

METODOLOGIA

Para desenvolver esta pesquisa intervenção realizou-se uma pesquisa bibliográfica para embasá-la teoricamente.

A intervenção foi realizada com uma aluna do sexo feminino com a idade de 13 anos, matriculada no Ensino Fundamental da Escola Clevelândia (APAE). Ela tem diagnóstico de Autismo, fala poucas palavras e apresenta ecolalia (repete algumas palavras).

Tendo como referência o Método PECS - Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (Picture Exchange Communication System), que é um sistema de Comunicação Aumentativa Alternativa, a pesquisadora inseriu figuras que façam parte da rotina da participante e que tenham funcionalidade para seu dia a dia, auxiliando na sua comunicação, na escola e nos ambientes que ela frequenta.

As figuras foram impressas em tamanho de fácil compreensão e visualização, imagens claras e objetivas para criar essa comunicação alternativa e aumentativa para auxiliar a aluna no momento em que a mesma deseja ir ao banheiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção aconteceu nas aulas do componente curricular de Arte, e teve o auxílio das atendentes que fazem o acompanhamento dos alunos que necessitam de ajuda para ir ao banheiro.

Inicialmente apresentou-se a imagem para a aluna e foi explicado que quando sentisse vontade de ir ao banheiro tocasse a imagem, que foi deixada sempre ao seu alcance.

Todos os dias a pesquisadora e as atendentes reafirmaram a utilização da imagem para demonstrar sua necessidade de ir ao banheiro, porém a aluna não demonstrou entendimento e relação entre a imagem e sua necessidade fisiológica.



Figura 1: Cartão de CAA – imagem do banheiro



Figura 2: Participante da pesquisa
Fonte: Autora (2024)

A intervenção foi realizada durante um mês (de 12 de agosto a 13 de setembro de 2024), a aluna não demonstrou a compreensão desejada para associar a imagem à sua necessidade fisiológica.

Dessa forma, supõe-se que o tempo de intervenção pode não ter sido suficiente para estabelecer a associação de forma clara para a aluna. E como a pesquisadora não conseguiu acompanhar a aluna durante todo o tempo que esta permanece na escola, talvez uma prática mais intensiva, com maior frequência ou em momentos mais variados do dia, poderia ajudar a consolidar a aprendizagem. Também seria possível envolver outros professores e familiares para oferecer uma visão mais ampla das suas necessidades e ajustar a intervenção de forma personalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Autista não verbal é uma condição em que a pessoa não consegue se expressar verbalmente. No entanto, isso não significa que ela não compreenda o que os outros estão dizendo, elas podem se comunicar por meio de gestos, expressões faciais, movimentos corporais ou outros meios adaptativos.

A intervenção realizada é um exemplo de uma prática educativa inclusiva, que busca melhorar a qualidade de vida e a autonomia da aluna. No entanto, os resultados limitados mostram que, embora a comunicação alternativa aumentativa (método PECS), utilizando figuras seja uma ferramenta valiosa, pode ser necessário mais tempo de intervenção, adaptação da forma que foi conduzido o trabalho, utilização de abordagem multidisciplinar para atingir os objetivos propostos. A continuidade e o ajuste da intervenção são essenciais para garantir o sucesso no desenvolvimento da comunicação da aluna.

REFERÊNCIAS

- AMATO, C. A. DE . LA H.; FERNANDES, F. D. M.. O uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 22, n. 4, p. 373–378, out. 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-56872010000400002> Acesso em 24/09/2024.
- Ministério da Saúde. *Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança*. 25 de março de 2021. Disponível em <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/> Acesso em 30/05/2024.
- SESA e Ministério da Saúde. *Transtorno do Espectro Autista (TEA)*. Disponível em <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA>. Acesso em 30/05/2024.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Berenice Aparecida Müller Bordin e Thais de Jesus Ferreira

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente -FAMA;

berenice_bordin@famapr.edu.br; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Este projeto buscou implementar estratégias pedagógicas para melhorar a comunicação de crianças autistas de cinco anos na APAE de Clevelândia, utilizando a comunicação alternativa (CA). O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação e a CA oferece ferramentas visuais e tecnológicas que ajudam essas crianças a expressarem suas necessidades e interagirem socialmente. O objetivo principal é analisar como esses recursos podem facilitar o desenvolvimento comunicativo de autistas verbais e não verbais, promovendo inclusão e autonomia. O projeto também visa contribuir para a educação inclusiva e expandir o conhecimento na área da Educação Especial.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada ao longo de três semanas, entre 03 e 21 de junho, com três crianças de 4 a 5 anos na APAE de Clevelândia, focando no uso de plaquinhas visuais para facilitar a comunicação e compreensão das atividades escolares. As plaquinhas representavam tarefas como ir ao banheiro, trocar fraldas, escovar os dentes e realizar atividades impressas. Ao longo das semanas, foi observado que os alunos começaram a antecipar as atividades e a interagir melhor com as instruções.

Na primeira semana, as crianças apenas observavam as plaquinhas quando eram mostradas, mas na segunda semana houve uma redução significativa nas birras, principalmente durante as transições de atividades. O aluno C se destacou por sua melhoria na atenção e compreensão, passando a indicar as plaquinhas de forma proativa. O aluno A, que inicialmente resistia aos comandos, mostrou maior cooperação, e a comunicação verbal do aluno B melhorou visivelmente.

Um ajuste necessário foi a fixação das plaquinhas no quadro, devido ao comportamento de outro aluno que jogava os materiais no chão. Essa adaptação ajudou na compreensão das atividades pelos alunos. A intervenção mostrou-se eficaz em reduzir birras e promover o desenvolvimento da comunicação verbal, especialmente para o aluno C, e os registros diários indicaram que o uso das plaquinhas visuais foi uma estratégia valiosa para melhorar a organização da rotina, a atenção e a comunicação dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das intervenções realizadas foram bastante positivos, indicando avanços significativos no comportamento e na comunicação das crianças envolvidas. A utilização de plaquinhas visuais se revelou eficaz para melhorar a atenção e a compreensão das atividades diárias. Durante a primeira semana, os alunos apenas olhavam para as plaquinhas quando eram apresentadas, mas, com o passar do tempo, começaram a antecipar as atividades, o que sugere que as plaquinhas ajudaram a internalizar a rotina. Estudos de Mesibov e Shea (2010) ressaltam que o uso de suportes visuais contribui para a organização do ambiente, facilitando a antecipação de eventos e atividades, o que foi evidenciado ao longo da intervenção.

Um dos resultados mais notáveis foi a redução significativa das birras, especialmente durante as transições entre atividades, como ir ao banheiro e escovar os dentes. O aluno A, que inicialmente mostrava resistência, apresentou melhorias, reagindo com maior cooperação. De acordo com Ganz (2007), o uso de recursos visuais tem um impacto significativo na diminuição de comportamentos desafiadores em crianças com transtornos do desenvolvimento, corroborando a observação de que a clareza e a previsibilidade proporcionadas pelas plaquinhas ajudaram na aceitação das transições.

Além disso, a intervenção teve um impacto positivo na comunicação verbal, especialmente no aluno C. Inicialmente, ele seguia as instruções de forma passiva, mas, ao final, começou a usar as plaquinhas de maneira proativa, indicando as atividades aos colegas. A pesquisa de Bondy e Frost (1994) aponta que o uso de figuras e imagens não apenas melhora a compreensão das rotinas, mas também promove o desenvolvimento da linguagem, confirmando o progresso observado no aluno C.

Uma adaptação importante durante o processo foi a fixação das plaquinhas no quadro, uma estratégia que surgiu devido ao comportamento de um aluno que não fazia parte da pesquisa. Essa mudança facilitou a visualização e a compreensão das atividades, ilustrando a importância da flexibilidade nas intervenções. Kluth e Chandler-Olcott (2008) destacam que a adaptabilidade no ensino é fundamental para o sucesso das intervenções, e essa experiência demonstrou que ajustes contextuais podem otimizar os resultados.

A análise dos dados coletados indicou que o uso de plaquinhas visuais foi uma estratégia eficaz para organizar a rotina dos alunos, criando um ambiente mais estruturado e previsível. Essa estrutura é vital para o desenvolvimento de crianças com TEA, ajudando a reduzir a ansiedade e o estresse associados a comportamentos desafiadores, conforme afirmam Mesibov e Shea (2010).

A redução das birras e o aumento da cooperação sugerem que a intervenção contribuiu para que os alunos se sentissem mais seguros e confiantes na escola. A repetição e a constância das atividades, junto ao apoio visual, foram fundamentais para esses resultados. O impacto positivo na comunicação verbal do aluno C, que se tornou mais expressivo e assertivo, confirma os resultados de Bondy e Frost, indicando que sistemas visuais podem promover melhorias na comunicação verbal.

Os resultados demonstraram que a intervenção atingiu seus objetivos principais: melhorar a atenção, reduzir comportamentos desafiadores e promover o desenvolvimento da comunicação entre os alunos. As adaptações feitas durante o processo, como a fixação das plaquinhas, foram essenciais para atender às necessidades específicas dos alunos, reforçando a importância da flexibilidade e personalização das estratégias pedagógicas. Em suma, o sucesso da intervenção sugere que o uso de recursos visuais pode ser uma prática valiosa em ambientes educacionais, facilitando a aprendizagem e o desenvolvimento socioemocional de crianças com TEA.



Figura 1 - Imagens de rotina utilizadas em sala de aula. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 2 - Imagens de rotina escolar utilizadas em sala de aula. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 3 - Imagens de rotina diária de atividades. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Figura 4 - Imagens de rotina diária de atividades. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção avaliou a eficácia das plaquinhas visuais como ferramenta para melhorar a compreensão, a atenção e a comunicação de crianças de 4 a 5 anos em sala de aula. A pesquisa buscou entender se esses recursos visuais poderiam facilitar a internalização da rotina escolar, reduzir comportamentos desafiadores e promover um ambiente estruturado.

Os resultados mostraram que as plaquinhas visuais foram eficazes em alcançar os objetivos propostos. A melhora na atenção e compreensão das atividades diárias indicou que os recursos ajudaram as crianças a se orientarem melhor na rotina escolar. Além disso, houve uma significativa redução das birras, especialmente durante as transições entre atividades, contribuindo para um ambiente mais seguro e previsível. O desenvolvimento da comunicação verbal e não verbal, especialmente no aluno C, demonstrou que o uso consistente das plaquinhas facilitou a compreensão das atividades e incentivou a interação entre os alunos.

Assim, conclui-se que a estratégia utilizada foi bem-sucedida, destacando a importância de recursos visuais como uma prática educativa que promove a organização, a cooperação e o desenvolvimento da comunicação em crianças em idade pré-escolar.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). American Psychiatric Publishing.
- Benz-Cohen, S. (2009). Autism and Asperger Syndrome. Oxford University Press.
- Beukelman, D., & Mirenda, P. (2013). Augmentative and alternative communication: Supporting children and adults with complex communication needs. Paul H Brookes Publishing.
- Bondy, A., & Frost, L. (1994). O Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS). Focus on Autism and Other Developmental Disabilities, 9(3), 1-19.
- Ferreira, L. L. (2013). Educação infantil: Enfoques de práticas pedagógicas inclusivas. EDUFBA.
- Frost, L. (2003). Autism: Explaining the Enigma. Wiley-Blackwell.
- Ganz, J. B. (2007). Treinamento de Resposta Pivotal e Treinamento de Tentativas Discretas para Crianças com Autismo: Estudos de Caso de 4 Crianças. Journal of Autism and Developmental Disorders, 37, 119-132.
- Hodgdon, L. A. (2016). Estratégias Visuais para Melhorar a Comunicação: Suportes Práticos para Escola e Casa. Quirk Roberts Publishing.
- Kahimato, T. M. (2005). O jogo e a educação infantil. Pioneira Thomson Learning.
- Kluth, P., & Chandler-Olcott, K. (2008). "Uma Terra que Podemos Compartilhar": Ensinando Alfabetização para Estudantes com Autismo. Brookes Publishing.
- Mesibov, G., & Shea, V. (2010). O Programa TEACCH na Era das Práticas Baseadas em Evidências. Journal of Autism and Developmental Disorders, 40(5), 570-679.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O olhar do professor do berçário aos primeiros sinais do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em bebês de zero à dois anos.

Danielli Cristina Marcondes e Fabiane Carbonari Menegussi
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA
daniellimaninha@gmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Os primeiros sinais do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) podem ser percebidos antes de um ano de idade e, considerando-se que estudos relacionam os melhores desfechos de desenvolvimento ao início do tratamento antes dos dois anos, entende-se a importância dos professores que atuam no berçário terem conhecimento sobre os sinais do TEA que podem ser identificados nos bebês. Dessa forma, esta pesquisa intervenção tem como objetivo geral contribuir para que o professor do berçário possa identificar os primeiros sinais do TEA em bebês de zero à dois anos.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o TEA e realizou-se um grupo de estudo, com professoras que atuam no berçário de um Centro Municipal de Educação Infantil, na cidade de Palmas – PR.

De acordo com Cavalcante e Maia (2019, p.1) os grupos de estudos “configuram-se como espaços formativos relevantes no processo de formação docente, oferecendo momentos de discussões que vão além do que tradicionalmente se propõe nas salas de aula da Universidade”.

O grupo de estudos abordou os sinais do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em bebês de zero à dois anos.

As atividades aconteceram em três momentos: primeiramente foram estudados os primeiros sinais do TEA presentes em um texto extraído do livro Sinais e orientações práticas para o Transtorno do Espectro Autista (BELLO, Suzieli Faria e MACHADO, Andreia Carla, Sinais e orientações práticas para o Transtorno do Espectro Autista (TEA) 1. ed. Ribeirão Preto, SP: BookToy, 2016), onde as professoras leram, conversaram sobre o assunto e os principais pontos que o texto abordava.

Depois assistiram ao vídeo 10 sinais de autismo em bebês – do Dr Tiago Castro (<https://www.youtube.com/watch?v=cN1c0oDZdzQ>) onde o médico apresenta os sinais do TEA no primeiro ano de vida do bebê. Na sequência as professoras debateram sobre o vídeo.

Em seguida elaboraram um mapa mental sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado desta intervenção foi muito satisfatório, pois com o conhecimento adquirido as professoras puderam ter mais confiança em identificar os sinais do TEA em seus alunos e levar o assunto de maneira mais eficiente à coordenação e consequentemente às famílias. Nesse contexto, Soffientini (2023, p. 328) afirma que “identificar sinais de um desenvolvimento atípico é um exercício contínuo e que pode mudar destinos. A educação continuada dos profissionais deve ser um esforço diário”.

De maneira geral as professoras já possuíam algum conhecimento sobre o tema abordado, no entanto, algumas falas no texto e no vídeo eram novas e as mesmas puderam repensar sobre o assunto, relacionado as novidades com o conhecimento que já tinham.

Também conversaram sobre a importância de sempre estar se atualizando e buscando novos saberes, pois conforme as descobertas são sendo feitas é necessário atualização para poder rever as práticas no dia a dia.



Figura 1 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que todo ser humano é único e tem suas complexidades, entendendo um pouco mais sobre o TEA é possível contribuir com o desenvolvimento das crianças, entendendo suas especificidades e dificuldades.

Capacitar professores para reconhecer os sinais de TEA é fundamental, pois eles passam muito tempo com os bebês e têm a oportunidade de observar seu comportamento de forma contínua. Ao identificar precocemente possíveis indícios de TEA, os professores podem alertar as famílias e contribuir para a busca de um diagnóstico precoce e intervenções adequadas. Essa ação pode fazer uma diferença significativa no desenvolvimento da criança, aumentando as chances de progresso nas áreas social, cognitiva e emocional.

Além disso, a atuação do professor nessa identificação não substitui o diagnóstico clínico, mas serve como um apoio inicial para que os pais busquem ajuda especializada o quanto antes.

REFERÊNCIAS

- APA. Associação Psiquiátrica Americana. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.
- CAVALCANTE, M. S. P e MAIA, M. G. B. **A importância dos grupos de estudos e de pesquisas para formação docente dos estudantes de pedagogia**. Disponível em https://editorarealize.com.br/editora/anaais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA1_ID7710_15082019125452.pdf Acesso em 12/05/2024.
- LIBERALESSO, Paulo, LACERDA, Lucelmo. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. 1ª ed. Curitiba, 2020.
- SOFFIENTINI, Mariana. O Autismo nos primeiros 12 meses de vida. In: CASTRO, Thiago (coord) **Simplificando o Autismo: para pais, familiares e profissionais**. São Paulo, SP: Literare Books International, 2023.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Desafios vivenciados com o diagnóstico do TEA: qualidade de vida da família em evidência

DIELISE M. FRANCIOSI BANDEIRA
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA.
dielisefran2014@gmail.com/

INTRODUÇÃO

O aumento da incidência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem elevado essa condição a uma prioridade de saúde pública e educacional, exigindo uma atenção especial de pesquisadores e formuladores de políticas. As famílias de crianças diagnosticadas com TEA enfrentam desafios emocionais, sociais e econômicos que impactam significativamente sua qualidade de vida. Assim, a necessidade de compreender essas dificuldades e de desenvolver intervenções práticas e eficazes torna-se fundamental. Este projeto de pesquisa tem como problema a seguinte questão: como os desafios enfrentados por famílias de crianças com TEA podem ser efetivamente mitigados através de intervenções práticas?

A fundamentação teórica-científica desta pesquisa se baseia em estudos que destacam a importância do suporte social e da inclusão educacional para o desenvolvimento das crianças com TEA e a resiliência familiar. Pesquisas anteriores indicam que a colaboração entre família, escola e profissionais de saúde é essencial, mas muitas vezes limitada por barreiras de comunicação e recursos.

Portanto, o presente estudo não apenas visa preencher lacunas na literatura existente, mas também contribuir com práticas que possam ser diretamente aplicáveis para melhorar a vida das crianças com TEA e de seus familiares, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva.

METODOLOGIA

A metodologia deste projeto envolve um planejamento cuidadoso e a execução de intervenções práticas voltadas para a família de criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A abordagem adotada é mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos, permitindo uma análise aprofundada das experiências das famílias e a avaliação da eficácia das intervenções. A seguir, são apresentadas a descrição das atividades planejadas e as atividades desenvolvidas. As atividades planejadas foram estruturadas em diferentes fases, abrangendo desde o recrutamento de participantes até a aplicação das intervenções.

Planejamento e Preparação do Projeto ; Recrutamento de Participantes ; Coleta de Dados ; Desenvolvimento de Intervenções ; Análise dos Resultados ; Finalização do Projeto .): A discussão dos resultados ocorreu em um encontro com a família participante, onde foi compartilhada a experiência e feedback sobre a intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados obtidos ao longo do desenvolvimento das intervenções para a família de criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) revelou insights significativos sobre os desafios enfrentados e as melhorias percebidas após as atividades propostas. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários e entrevistas, que permitiram uma compreensão abrangente da experiência da família, bem como a eficácia das intervenções implementadas.

Os dados quantitativos coletados através dos questionários indicaram que, antes das intervenções, o participante relatou dificuldades emocionais, como estresse e ansiedade, decorrentes do cuidado de suas crianças com TEA. Os pais mencionaram sentir-se sobrecarregados, o que evidencia a necessidade de suporte adequado. Após a implementação das intervenções, houve uma redução significativa na percepção de estresse, os participantes relataram melhorias no bem-estar emocional. Essa mudança sugere que as intervenções de apoio psicológico e as oficinas de estratégias de coping foram eficazes em fornecer ferramentas práticas para lidar com o estresse e as pressões diárias. Em suma, a análise dos resultados evidencia que as intervenções não apenas melhoraram o bem-estar emocional da família, mas também fortaleceu suas habilidades e conhecimentos, promovendo um ambiente mais favorável para o desenvolvimento da criança com TEA.

Esses resultados fortalece a necessidade de intervenções direcionadas e adaptadas às realidades da família de crianças com TEA, demonstrando que o suporte social e a educação são cruciais para a melhoria da qualidade de vida e para a redução das desigualdades enfrentadas por essa família. O projeto, portanto, não apenas atingiu seus objetivos, mas também forneceu uma base sólida para futuras ações e políticas de apoio a essa família, destacando a importância de um enfoque integrado e colaborativo no tratamento e inclusão das crianças com TEA.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de intervenção teve como foco central os desafios enfrentados por famílias de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando desenvolver estratégias práticas que promovam a melhoria do bem-estar e da qualidade de vida desse núcleo familiar. Ao longo da pesquisa, foi possível refletir sobre a complexidade do TEA e a necessidade urgente de apoio efetivo para a família. A questão do problema da pesquisa, que indagava como os desafios enfrentados por essa família poderiam ser efetivamente mitigados através de intervenções práticas, foi respondida com a demonstração de que um suporte estruturado e fundamentado em evidências é capaz de promover mudanças significativas nas vidas dessas pessoas..

REFERÊNCIAS

- Marçal, A. P. A., Mendes, K. G. C., & Rezende, A. P. N. (2022). Resiliência parental e transtorno do espectro do autismo: uma revisão da literatura sobre como os pais enfrentam as dificuldades na rotina diária com o filho autista. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 8(16), 183-201.
- Mendes, K. G. C. (2023). A percepção da família no diagnóstico de TEA: um estudo transversal qualitativo. *Revista Brasileira de Terapias Comportamentais*, 15(1), 12-25.
- Menezes, A. V. dos S., & Soares, S. B. da S. (2022). Resiliência das famílias de crianças com transtorno do espectro autista na pandemia de COVID-19 no Amapá. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 28(3), 423-436.
- Oliveira, T. R. de. (2022). A contribuição da família nos processos de aprendizagem de estudantes com TEA. *Revista de Psicologia e Educação*, 10(2), 45-58.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Autismo e Seletividade Alimentar

Eliane Pires e Fabiane Carbonari Menegussi

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA;
ep6763500@gmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista – TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta com ações e comportamentos singulares, dos quais provocam limitações graves em algumas das atividades cotidianas do sujeito, fator que pode incluir a sua alimentação, através da seletividade alimentar.

Estudos apontam que uma grande parte das crianças com o TEA apresentam problemas de alimentação, dos quais são mais que apenas recusas alimentares, podendo causar casos graves de reações fisiológicas e psicológicas quando estas são forçadas a comer, o que torna a seletividade alimentar em autistas complexa, sendo uma das maiores preocupações dos pais, responsáveis e também da escola, haja vista que a alimentação especial considerando as necessidades individuais do aluno com o TEA é uma responsabilidade, das instituições educacionais, prevista na Lei nº 12.998, de maio de 2014. Assim, as instituições educacionais precisam desenvolver estratégias que ajudem a trabalhar estas dificuldades através de um suporte multiprofissional, considerando as próprias peculiaridades de cada instituição e de seus estudantes, buscando desenvolver medidas que estejam compatíveis com as realidades de seus ambientes educacionais.

Dessa forma, trabalhar a seletividade alimentar de crianças autistas, nos sistemas educacionais, é mais que apenas propor modelos nutricionais, mas sim, trata-se de considerar o sujeito de maneira integral e garantir os direitos que a lei apresenta. Com isso, essa intervenção é uma forma de trabalhar a diversidade, de garantir os direitos básicos e de suprir necessidades individuais da criança.

O objetivo geral desta pesquisa intervenção foi promover formação para as merendeiras, professores/as e funcionários/as, direção e equipe pedagógica que atuam no CMEI, sobre a questão da seletividade alimentar em crianças autistas, além disso, buscou-se o desenvolvimento da compreensão sobre a conexão entre a alimentação de qualidade e a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a temática e uma palestra sobre a seletividade alimentar, com uma equipe multidisciplinar (psicóloga e nutricionista) à comunidade escolar do CMEI.

Durante a palestra foram compartilhadas experiências e situações, discutidos dois estudos de caso, além de esclarecer várias dúvidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizar esta atividade foi muito importante e trouxe vários benefícios ao CMEI, uma vez que o que foi discutido na palestra rapidamente virou pauta das conversas entre os profissionais, o que possibilitou o aumento do alcance desses conhecimentos, ampliando a visibilidade do assunto e iniciando uma mudança no comportamento dos envolvidos neste processo. Também é perceptível a preocupação da instituição educacional com o acolhimento desses alunos, gerando uma possibilidade maior de intervenções, mais próximas da realidade dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que o objetivo foi atingido, uma vez que a palestra realizada possibilitou a ampliação de conhecimentos sobre as especificidades das crianças com seletividade alimentar, como também houve troca de informações e a sensibilização sobre a importância das medidas de intervenção envolvendo estes educandos, visando a melhoria das práticas educacionais voltadas para a inclusão e integração dos alunos com problemas de adaptação e restrições tão complexas quanto as que envolvem a seletividade alimentar. Considerando isso, sugere-se que a intervenção realizada, a palestra sobre seletividade alimentar, seja realizada em todas as instituições de ensino do município.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei n. 12.998, de maio de 2014. Câmara dos deputados, 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-12982-28-maio-2014-778811-publicacao-original-144230-pl.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- MOURA, G.; DA SILVA, R.; LANDIM, L. Seletividade Alimentar Voltada Para Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea): Uma Revisão Da Literatura. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)*, v. 4, n. 1, p. 14 - 19, 17 ago. 2021. Disponível em <https://arquivoscientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/479>. Acesso em 04/09/2024.
- SABATINI, B. E. J.; COBUS, D.; ITO, V. C. Sensibilidade sensorial e seletividade alimentar em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): diretrizes para a terapia alimentar. *Dataset Reports, [S. l.]*, v. 2, n. 1, 2023. DOI: 10.58951/dataset. 2023.64. Disponível em: <https://journals.royaldataset.com/dr/article/view/64>. Acesso em: 30 abr. 2024.



Figura 1 – Registro da atividade desenvolvida
Fonte: Autoria própria



Figura 2 – Registro da atividade desenvolvida
Fonte: Autoria própria



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Atividades Lúdicas para alunos com Transtorno do Espectro Autista no componente de geografia

Eliane de Paula Landmann e Francieli Fabris
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente- FAMA
eliane.landmann@escola.pr.gov.br ; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

No presente trabalho objetivamos o desenvolvimento de atividades lúdicas enquanto metodologia ativa em práticas pedagógicas no ensino de geografia, para estudantes com TEA. A fim de promover uma forma diferenciada através do lúdico de aprender mais sobre o campo geográfico e cartográfico, refletindo em uma melhoria na assistência prestada aos alunos com TEA. Dessa forma verificar se a realização de atividades lúdicas contribuem para melhor aprendizagem dos conceitos estudados. E através de análise referente as atividades lúdicas, desenvolvidas durante a intervenção com um estudante autista, comprovar sobre a importância de implementar essa prática em sala de aula. Para que ocorra o engajamento do aluno e que ele se sinta pertencente e acolhido na sala de aula e que não se sinta excluído no ambiente.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, realizado com 1 participante, cursando o 7 ano do ensino fundamental, diagnosticado com Transtorno Espectro Autista, na faixa etária de 12 anos, do sexo masculino. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um caderno de anotações, as informações foram extraídas através da observação do participante durante a prática das atividades lúdicas, como: sua participação e aceitação das atividades, ao termino realizado uma análise de dados de forma descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de aplicação das atividades foi possível observar o total interesse do aluno na realização das mesmas. Demonstrando entusiasmo, dedicação e alegria no que foi notado que houve um engajamento em que ele se sentiu pertencente ao ambiente, à vontade, seguro e confiante durante a sua participação mostrando que queria aprender e ao mesmo tempo expando o que sabia. Para dar início às atividades propostas foi utilizado o embasamento sobre a Técnica sem escapatória, de Lemov essa técnica lembra os alunos que o professor acredita na capacidade deles de aprender. A atividade desenvolvida foi sobre as Regiões do Brasil. Enquanto eu falava ele ficava atento e ia comentando tranquilamente e empolgado com o que sabia entusiasmado com a atividade e com o que aprendeu. Ao concluir o quebra cabeça sobre as regiões, demos sequência com o segundo mapa do Brasil, quebra cabeça das regiões com as unidades federativas (Estados) ele demorou um pouco para concluir.

A segunda atividade foi um jogo que prosseguiu da seguinte forma: coloquei sobre a mesa um mapa grande do Brasil impresso para ele montar, as siglas dos Estados, e as fichas com perguntas, por exemplo: Qual é a capital do Paraná? O aluno deixou transparecer seu interesse pelas atividades diferenciadas em sala de aula, portanto melhorou sua interação, capacidade cognitiva e emocional. Pois, durante os períodos normais de aula o estudante passa a maior parte do tempo cabisbaixo sem interagir, sem interesse, desmotivado e perdido no ambiente da sala de aula como se não pertencesse à turma. Porém, quando foi conversado com o estudante é apresentado a estratégia da atividade de intervenção, imediatamente demonstrou entusiasmo e interesse concordando prontamente, sua expressão e seu olhar parecia dizer alguém me enxergou. Durante a intervenção observou-se que, apesar da dificuldade na leitura o aluno conseguiu fazer associação das cores e formas para montar os quebra cabeças, manteve-se focado nas explicações e no desenvolvimento das atividades propostas. Deixando perceptível a importância de desenvolver atividades lúdicas em sala de aula. É preciso que as estratégias referente à essas atividades sejam trabalhadas em sala de aula com mais frequência, de modo que seja notório a melhoria e a qualidade do desenvolvimento de aprendizagem fortalecendo as habilidades cognitivas e comunicativas dos alunos com TEA e os demais alunos.



Figura 1 – Atividade com os mapas
Fonte: Autoras (2024).



Figura 2 – Identificação dos Estados
Fonte: Silva (2010).

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe ao seu término um resultado positivo, com a implementação de atividades de intervenção lúdicas em sala de aula, direcionadas ao aluno com TEA, onde o participante demonstrou ser mais participativo e interessado em comparação com a rotina regular em sala de aula. Foi possível notar a importância de implementar a prática dessas atividades em sala, buscando com isso alcançar um desempenho satisfatório do aluno, melhorando sua interação social, emocional e cognitiva através das atividades. Além disso, a intervenção possibilitou um espaço para que o participante expressasse suas ideias e reflexões sobre o ambiente em que vive, promovendo um senso de pertencimento e responsabilidade social. A aplicação de conteúdos de geografia mostrou-se eficaz na construção de uma aprendizagem significativa. É fundamental destacar a importância de um acompanhamento contínuo e de intervenções personalizadas que considerem as particularidades de cada estudante, com estratégias adequadas. É importante que os educadores participem de uma formação contínua para que estejam capacitados, pois se tornam mediadores essenciais nesse processo. É imprescindível que novas pesquisas sejam realizadas para aprofundar o entendimento sobre a eficácia de diferentes abordagens lúdicas e sua adaptação às particularidades de cada aluno. A continuidade desse trabalho pode contribuir significativamente para a construção de uma educação mais inclusiva e equitativa, promovendo o desenvolvimento integral de crianças com TEA e o respeito à diversidade nas escolas.

REFERÊNCIAS

- PENHA M. C. S. et al. Jogos e Brincadeiras Que Ajudam no Desenvolvimento de Crianças Com Autismo. v. 4, n. 1, p. 11-12, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/download/3151/2393/9295>. Acesso em: 01/05/2024.
- SILVA V. A. C. et al. O Lúdico No Processo Inclusivo Do Autista Na Educação Infantil. V. 5, N. 2, P. 4-5, 2021. Disponível em: <https://n.ufs.br/bitstream/rufs/16411/2/LudicoProcessoInclusivo%20Autista.pdf>. Acesso em: 01/05/2024.
- HAMANN E. M. et al. Proposta de Classificação dos Diferentes Tipos de Estudos Epidemiológicos Descritivos. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/ress/a/zTjvDwQD8d7vRDbNspzXM/?format=pdf>. Acesso em: 01/05/2024



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



Uso da comunicação alternativa no Transtorno do Espectro Autista em ambiente escolar.

Franciele Teixeira Viana; Thais de Jesus Ferreira

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - Especialização em Educação Especial com ênfase no TEA
franciele.viana@famapr.edu.br; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O projeto consistiu na identificação das necessidades específicas de um estudante TEA não verbal, seguido pelo desenvolvimento de cartões de comunicação que combinaram figuras e texto, permitindo-lhe solicitar objetos ou expressar necessidades básicas. A implementação das estratégias de comunicação foi mediada pela pesquisadora e coordenada com a professora de apoio em parceria com a professora regente, as quais acompanharam o progresso diário através de registros escritos.

Como objetivo geral da pesquisa, buscamos realizar intervenções utilizando o recurso da comunicação alternativa, visando a melhoria gradativa da capacidade de comunicação de estudante autista não verbal por meio de imagens no contexto escolar. Seguido dos objetivos específicos: detectar as principais necessidades do estudante no ambiente escolar, para personalizar as ferramentas de comunicação alternativa de acordo com suas especificidades; desenvolver e implementar cartões de comunicação visual que combinem figuras e texto, permitindo ao estudante expressar seus desejos e necessidades de forma autônoma; capacitar a professora de apoio sobre as estratégias de comunicação alternativa e monitorar a implementação, realizando acompanhamento diário por meio de registros escritos para avaliar a progressão do estudante, fomentar a melhoria contínua na habilidade de comunicação do estudante dentro do ambiente escolar, visando sua maior independência e interação social.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo utilizou de uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, por meio de revisão bibliográfica e estudo de caso. O foco da pesquisa intervenção foi em um menino de oito anos com TEA nível 2 não verbal, estudante da 3ª série do Ensino Fundamental na rede municipal de Francisco Beltrão, além de sua professora regente e de apoio. Inicialmente o questionário inicial (ACOTEIA) com 34 questões sobre comunicação expressiva, receptiva e comportamento social, foi aplicado às professoras. Com base nas respostas, foram criados cartões de comunicação. Visitas semanais foram realizadas, com orientações sobre o uso dos cartões. A professora de apoio enviou atualizações pelo WhatsApp como feedback. Ao final da intervenção, as professoras receberam os relatórios finais descritivos para preenchimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos questionários revelou a necessidade de comunicação alternativa devido à ausência de oralidade e dificuldade de expressão do estudante. As professoras relataram que ele demonstra incômodo com irritabilidade, protesto com choro e autoagressão, e, quando não compreendido, apresenta comportamento disruptivo, como morder o punho. Com base nisso, foram confeccionados três cartões de comunicação: "sim", "não" e "ajuda", para simplificar a interação. As professoras foram orientadas a utilizar os cartões em momentos de calma, facilitando a regulação emocional.



Figura 1 – Cartões de comunicação
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Na primeira semana da intervenção com cartões de comunicação, a professora de apoio relatou progresso no uso do cartão "não" pelo estudante, que demonstrou entender e usar corretamente em diversas situações. Embora ele tenha se mostrado mais disposto a usar o "não", não utilizou os cartões "sim" e "ajuda", o que pode ser devido à dificuldade de compreensão de conceitos mais abstratos ou pela ausência de necessidade percebida. A intervenção foi considerada parcialmente satisfatória. Após um recesso escolar, a professora observou que o estudante compreendia a função dos cartões, mas não gostava de usá-los frequentemente, preferindo guardar o cartão após indicar "não" de forma rápida e insistente, especialmente quando contrariado.



Figura 2 – Estudante manuseando os cartões de comunicação.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).



Figura 3 – Estudante realizando tarefas escolares de pareamento com uso de cartões.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Após o recesso escolar, o estudante retornou à escola apresentando desorganização emocional e resistência ao uso de cartões de comunicação, embora ele tenha começado a verbalizar "não". Durante a intervenção, o estudante mostrou progresso na comunicação, utilizando oralidade ao invés dos cartões, um avanço significativo para o autismo não verbal. A professora também relatou sucesso em atividades de pareamento de imagens com palavras, ressaltando o impacto positivo da comunicação alternativa (CAA) no desenvolvimento da fala e na interação social.

Durante a quarta semana da intervenção, as professoras foram orientadas a continuar usando os cartões de comunicação "sim" e "ajuda", enquanto o cartão "não" não era mais necessário, pois o estudante já havia adquirido a fala correspondente. No entanto, a última semana da intervenção foi cancelada devido ao atestado médico do estudante.

Os resultados pós-intervenção, baseados no relatório final das professoras, indicaram que o uso dos cartões ajudou o estudante a entender e utilizar a comunicação alternativa, embora tenha havido desafios. O estudante inicialmente aceitou o uso dos cartões, especialmente o "não", mas posteriormente rejeitou-os, comportamento típico de autistas, que podem resistir a novas rotinas. Houve diferenças na interação do estudante com as professoras: ele utilizou os cartões com a professora de apoio, mas não com a professora regente, possivelmente devido à falta de vínculo afetivo, o que pode ter aumentado a ansiedade e a recusa em interagir.

Apesar disso, o estudante verbalizou a palavra "não" várias vezes, demonstrando um avanço na linguagem expressiva, mesmo sem apontar os cartões, o que foi considerado uma conquista importante. As professoras relataram que o estudante também conseguiu comunicar-se gestualmente em algumas situações.

Dificuldades surgiram devido ao cronograma, que coincidiu com o recesso escolar e o afastamento do estudante por motivos de saúde, o que limitou o uso contínuo dos cartões. Além disso, o estudante precisou de um tempo para se readaptar à sala de aula e às atividades propostas após seu retorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre esta temática relacionada à importância em propiciar uma comunicação mais eficaz aos autistas, evidenciamos uma prática validada cientificamente que demonstrou ser eficaz com o estudante autista não verbal. Revelou-se que a aceitação da equipe gestora e das professoras em experimentar tal metodologia e poder visualizar suas possíveis implicações foi fator fundamental desta intervenção. Relatos da professora de apoio (a professora regente não apresentou retornos sobre a intervenção com o estudante) não desvelam melhora na regulação emocional do estudante, e sim evolução na linguagem receptiva e expressiva. A partir da pesquisa-intervenção pode-se inferir que a comunicação alternativa quando planejada e confeccionada individualmente considerando as necessidades da criança com TEA, demonstra-se parcialmente eficaz e apta para novas intervenções e continuidade visando melhores resultados. Conclui-se que este não é um trabalho acabado com resultados finais e sim, um começo para a busca de meios que realmente proporcionem aos estudantes com TEA comunicar-se com o mundo do qual fazem parte, seja no ambiente doméstico, escolar ou social. A viabilidade foi constatada mesmo que por um curto espaço de tempo, o que pode ter continuidade neste e em outros espaços com possíveis efeitos qualitativos, tanto na comunicação do estudante, quanto nas atividades futuramente propostas. Espera-se que autistas não verbais possam demonstrar seus sentimentos, suas vontades e expressar suas emoções. A comunicação alternativa criada a partir das especificidades de cada um pode ser um caminho para se chegar a uma real interação com o/no meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

GOMES, R. C.; NUNES, D. R. P. Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola comum: uma proposta de intervenção. Educação e Pesquisa, v. 40, nº 1, p. 143-161, 2014.

MONNERAT T., WALTER C.C.F. A estimulação precoce e a Comunicação Alternativa para crianças com Transtorno do Espectro do autismo: relatos de casos utilizando o PECS adaptado. In: Deliberato D, Nunes DRP, Gonçalves MJ, editores. Trilhando juntos a comunicação alternativa. Natal: ABPEE; 2017, p. 257-72.

LIVRAMENTO, M. S. C. Como usar a comunicação alternativa/aumentativa na escola? Mestrado, Feira de Santana, UFRB, 2022.

SARTORETTO, M. L.; BERSCH, R. C. R. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.v.6, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Avaliação Psicomotora e do Desenvolvimento Motor

Francine Zanella e Fabiane Carbonari Menegussi
 Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA;
 francinezanella@hotmail.com; fabiane@famapr.edu.br



INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.

A psicomotricidade ajuda a melhorar a coordenação, equilíbrio e consciência corporal, aspectos frequentemente desafiadores para pessoas autistas. Além disso, promove a expressão emocional e a interação social, facilitando a comunicação não verbal e o entendimento das emoções dos outros.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é identificar as contribuições das atividades psicomotoras para o desenvolvimento da coordenação motora fina do aluno autista.

As atividades foram realizadas em sala de aula, juntamente com os colegas do participante da pesquisa, duas vezes por semana, com duração de 30 a 45 minutos, totalizando dez encontros.



Figura 2 – Atividade desenvolvida
 Fonte: Autora (2024).



Figura 3 – Atividade desenvolvida
 Fonte: Autora (2024).



Figura 4 – Atividade desenvolvida
 Fonte: Autora (2024).

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa intervenção realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas e caracteriza-se como estudo de caso.

A intervenção foi realizada na Escola União APAE de Mariópolis, com uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) com 5 anos de idade.

Realizou-se uma avaliação psicomotora utilizando-se a Escala De Desenvolvimento Motor – E.D.M. do autor: Francisco Rosa Neto.

Com os dados que serão obtidos na avaliação psicomotora, foi elaborado um PAI (Programa de Atendimento Individualizado), com a indicação de quais intervenções e com que frequência seriam realizadas as atividades com a criança.



Figura 5 – Atividade desenvolvida
 Fonte: Autora (2024).



Figura 6 – Atividade desenvolvida
 Fonte: Autora (2024).



Figura 7 – Atividade desenvolvida
 Fonte: Autora (2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

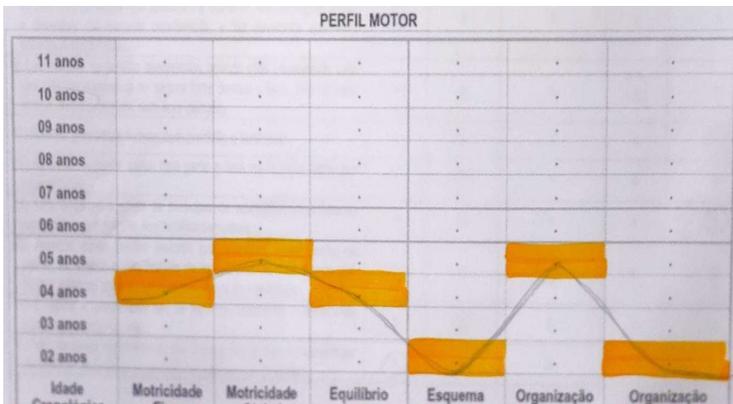


Figura 1: Perfil motor a partir da avaliação realizada.
 Fonte: Dados da autora (2024)

Com esses dados, identificou-se a necessidade de trabalhar atividades para desenvolver a coordenação motora fina, coordenação motora grossa, equilíbrio, consciência corporal e integração sensorial e foi elaborado o PAI (Programa de Atendimento Individualizado).

A intervenção psicomotora demonstrou diversas potencialidades e desafios ao longo de sua implementação. Pode-se afirmar que as atividades planejadas estimularam a precisão e a agilidade nas tarefas manuais, visando promover não apenas habilidades motoras, mas também a autoestima, a motivação, a interação social, o bem-estar, a independência para atividades diárias, o raciocínio, a tomada de decisões entre tantos outros aspectos.

Contudo, na intervenção também enfrentou-se desafios relacionados a necessidade de adaptação de algumas atividades para garantir que elas fossem apropriadas e desafiadoras. Outro ponto que pode-se indicar é que para se evidenciar os avanços é necessário realizar as intervenções por um período maior de tempo, ajustando sempre as estratégias e variando as atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a intervenção tenha sido finalizada, a professora continua trabalhando com o aluno, então as atividades continuam sendo realizadas, porque objetiva-se o desenvolvimento da criança.

Pode-se afirmar que as pesquisas têm evidenciado que atividades psicomotoras contribuem para o desenvolvimento de alunos autistas, porém com a intervenção realizada não foi possível afirmar isso, uma vez que o tempo curto de intervenção não permitiu uma avaliação conclusiva sobre os resultados nesse caso específico.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Érica M, et al. O impacto da Psicomotricidade no tratamento de crianças com transtorno do Espectro Autista: revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 34, p. e1369, 23 out. 2019. Disponível em <https://doi.org/10.25248/reas.e1369.2019> Acesso em 12/05/24.
 SILVA, Larissa. Movimentos, emoções e comportamento no autismo: uma contribuição da psicomotricidade. In: CASTRO, Thiago (coord.) *Simplificando o autismo*: para pais, familiares e profissionais. São Paulo/SP: Literari Books International 2023.

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Troca de sinal sonoro por música visando o bem-estar de alunos com autismo

Givanildo Artuso De Souza e Fabiane Carbonari Menegussi
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA;
givanildo17@hotmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O estudo e a pesquisa sobre o Transtorno do Espectro do Autismo é importante e vem de encontro às expectativas e necessidades das instituições escolares e professores, que buscam a formação continuada para desenvolver seu trabalho, tendo em vista o aumento do número de diagnósticos de pessoas com TEA e conseqüentemente, o aumento do número de matriculados na rede de ensino.

O sinal sonoro das escolas que é algo rotineiro do ambiente escolar, mas pode representar um desafio significativo nas pessoas com TEA porque esse ruído inesperado pode ser fonte de desconforto, ansiedade e desencadear sobrecarga sensorial aos alunos com hipersensibilidade auditiva.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa intervenção é substituir o sinal sonoro campainha por sinal musical na escola.

METODOLOGIA

Para embasar teoricamente o presente estudo realizou-se uma pesquisa bibliográfica.

O projeto de substituição do sinal sonoro foi apresentado à direção e equipe pedagógica da Escola União (APAE) que analisou e aceitou a proposta para realizar a substituição do sinal sonoro por sinal escolar musical. Sendo que a direção ampliou o projeto e sugeriu orçar a possibilidade de instalar o sistema de sonorização que permite a comunicação interna da direção com os alunos, professores e os colaboradores.

Esse processo de aprovação do projeto, análise do que seria necessário, elaboração e análise do orçamento, análise e busca de recursos financeiros para execução foi demorado, por isso houve atraso para realização do projeto. Porém, o projeto está em andamento e a instalação será realizada em breve.

Tendo em vista isso, foi apresentado aos alunos e professores a proposta de substituição do sinal sonoro, por sinal escolar musical e realizou-se a intervenção de forma experimental, utilizando caixa de som, bluetooth e pendrive com trechos de músicas, que são mais calmas e agradáveis.

Os alunos aprovaram a substituição do sinal sonoro (sirene) pelo sinal escolar musical e quando os alunos escutavam a música, alguns cantaram, batiam palmas e outros alunos começavam a dançar, demonstrando a aprovação da mudança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As escolas especializadas (APAEs) oferecem aos seus alunos educação, atendimento de saúde, de assistência social e dedicam-se também à promoção e defesa dos direitos das pessoas com deficiência. De acordo com Fortunato (2023) as APAEs são "uma grande rede constituída por pais, amigos, pessoas com deficiência, voluntários, profissionais e instituições parceiras – públicas e privadas – unidas para a promoção e defesa dos direitos de cidadania da pessoa com deficiência e a sua inclusão social".

Dessa forma, entende-se a importância que as escolas especializadas têm, oferecendo metodologias e profissionais capacitados para atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo o desenvolvimento de suas potencialidades e habilidades.

Tendo em vista isso, realizar a mudança do sinal sonoro por sinal escolar musical, possibilita criar um ambiente mais acolhedor, acessível e inclusivo, uma vez que minimizando o ruído é possível criar uma transição mais tranquila entre as atividades, reduzindo a ansiedade e melhorando o bem estar e a qualidade de vida para todos os alunos, especialmente aqueles com sensibilidade auditiva elevada.

Além disso, a troca do sinal sonoro por música em ambientes escolares tem sido uma prática cada vez mais adotada para beneficiar os alunos. Pesquisadores sobre o Autismo têm indicado que sons estridentes e repentinos, como o toque de campainha, podem ser altamente desconfortáveis e até desencadear crises sensoriais em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Considera-se que essa intervenção, embora seja uma mudança simples, tem uma grande eficácia visando não gerar incômodo a esse grupo de pessoas que frequentam a escola, oportunizando uma forma mais agradável e saudável possível. Além disso, os alunos poderão envolver-se escolhendo as músicas de sua preferência.



Figuras 1 e 2 – Apresentação da proposta aos alunos
Fonte Autor (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da substituição do sinal sonoro campainha por sinal escolar musical, mesmo de maneira experimental, foi possível observar que os alunos aprovaram a mudança, uma vez que interagiram com a música. Essa proposta também fez com que a direção ampliasse o projeto e buscasse aprimorar a forma de comunicação interna, o que possibilitará maior interação entre direção, equipe pedagógica, professores e alunos e poderão ser planejados novos projetos para explorar esse sistema de sonorização.

A implementação deste projeto poderá servir de modelo para outras instituições realizarem a troca e se beneficiarem da mudança e poderão ser planejados novos projetos para explorar esse sistema de sonorização.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Projeto de Lei Nº 2449, DE 2022. Disponível em [https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/154715#:~:text=Projeto%20de%20Lei%20n%C2%B0%202449%2C%20de%202022&text=Decreto%20a%20troca%20dos%20sinais,do%20Espectro%20Autista%20\(TEA\)](https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/154715#:~:text=Projeto%20de%20Lei%20n%C2%B0%202449%2C%20de%202022&text=Decreto%20a%20troca%20dos%20sinais,do%20Espectro%20Autista%20(TEA).). Acesso em 09/05/2024.
- COSTA, K. T. L. DA. et al. Percepção dos pais sobre hipersensibilidade auditiva de crianças com sinais clínicos de risco para o Transtorno do Espectro do Autismo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 30, p. e3038, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO23033038>. Acesso em 09/05/2023.
- NOBRE, Luana Eloá Martins. O ruído no ambiente escolar do ensino fundamental I como barreira no processo de inclusão de crianças com transtorno do espectro autista. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Brasil, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais. Fernandópolis: Universidade Brasil, 2021.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Intervenção com Tecnologias Assistivas: estudo de caso de um aluno com TEA e TOD

Idinéia Dutra Marquezoti de Oliveira e Thais de Jesus Ferreira

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA

idineia.Oliveira@famapr.edu.br; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Diante da importância do processo de ensino aprendizagem de educandos com transtorno do espectro autista (TEA) e transtorno opostivo desafiante (TOD), destaca-se a necessidade em aprofundar os conhecimentos e saberes quanto ao uso de tecnologias assistivas, visto que, à medida que a tecnologia avança, surgem novas ferramentas e soluções que têm o potencial de transformar significativamente a vida de pessoas com deficiência. No entanto, para que essas tecnologias sejam realmente eficazes, é crucial que profissionais e usuários compreendam profundamente suas funcionalidades, benefícios e limitações. O aprofundamento nesse campo é vital para assegurar que as tecnologias assistivas sejam utilizadas de forma apropriada e adaptada às necessidades específicas de cada indivíduo. Esse conhecimento detalhado facilita a seleção e a implementação adequadas dessas ferramentas, contribuindo para a otimização de seus usos e para a promoção de uma verdadeira inclusão social. O objetivo desta pesquisa é analisar como a intervenção com tecnologias assistivas pode influenciar na comunicação (ou controle de emoções) de criança com autismo e com TOD. Que estão norteados pelos seguintes objetivos específicos investigar os principais desafios enfrentados pelo aluno com autismo e TOD; examinar como a intervenção com as tecnologias assistivas pode contribuir para a superação dos desafios do aluno; realizar proposições pedagógicas com o uso das TA's com foco na melhoria da comunicação (controle das emoções) de aluno com TEA e TOD.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se configura como uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico exploratório, a qual oferece uma compreensão aprofundada e inicial dos fenômenos estudados, permitindo a análise crítica das teorias existentes e a identificação de lacunas na literatura que podem orientar futuras pesquisas atrelada a realização de estudo de caso, os recursos utilizados serão as tecnologias assistivas. O público-alvo desta pesquisa é uma criança do sexo masculino com autismo e transtorno opostivo desafiador, matriculado no 4º ano de uma Escola Municipal. Como resultados possíveis destaca-se: a compreensão das necessidades e desafios pedagógicos da criança com TEA e TOD e a proposição de intervenções com tecnologias assistivas que possam contribuir com o desenvolvimento da sua aprendizagem, controle das emoções (no ensino regular ou na sala de recurso). A intenção é fornecer diretrizes baseadas em evidências para o uso da tecnologia assistiva no suporte a pessoas com autismo e transtorno opostivo desafiador. Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico que se apropriou de um estudo de caso para realização da observação, intervenção e obtenção dos resultados. Segundo Alves (2007, p. 55) a pesquisa bibliográfica é compreendida como "aquela desenvolvida exclusivamente a partir de fontes já elaboradas – livros, artigos científicos, publicações periódicas, as chamadas fontes de 'papel'. Tem como vantagem cobrir uma ampla gama de fenômenos que o pesquisador não poderia contemplar diretamente".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da problemática elencada, quanto as intervenções realizadas com tecnologias assistivas, pode-se notar que estas oferecem oportunidades significativas frente a melhoria dos aspectos que envolvem o emocional e o processo de comunicação de crianças com autismo e Transtorno Opostivo Desafiante (TOD). Essas tecnologias têm se mostrado valiosas na promoção da inclusão e no desenvolvimento de habilidades essenciais para o bem-estar e o progresso acadêmico e social dessas crianças. Uma das principais possibilidades das tecnologias assistivas é a capacidade de criar ambientes de aprendizagem mais adaptados às necessidades individuais.



Figura 1 – Trilha das emoções. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Destaca-se que em alguns momentos o aluno aparece com roupas diferentes durante as aulas de intervenção, pois ele participa do período integral e tem o componente curricular de práticas esportivas, por este motivo realizava a troca de roupa. Sendo assim, em algumas fotos ele aparece com roupas diferentes no mesmo dia de intervenção.



Figura 2 – Dinâmicas das emoções. Fonte: Arquivo pessoal (2024).



Figura 3 – Intervenção pedagógica com TA's Construção do Jogo das emoções. Fonte: Arquivo pessoal (2024).



Figura 4 – Construção da Garrafa volta a calma. Fonte: Arquivo pessoal (2024).



Figura 5 – Dominó das emoções. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do autismo, tecnologias assistivas também podem facilitar o desenvolvimento de habilidades sociais e a integração em ambientes sociais. Crianças com TOD muitas vezes enfrentam desafios em regular suas emoções e comportamentos e as tecnologias assistivas podem oferecer suporte adicional. Dessa forma, a integração dessas tecnologias no ambiente escolar e em casa possibilita uma colaboração mais estreita entre educadores, terapeutas e familiares. Quanto aos objetivos abordados, destaca-se que a intervenção com tecnologias assistivas pode desempenhar um papel crucial no controle de emoções, especialmente para crianças com desafios emocionais e comportamentais. Essas tecnologias oferecem ferramentas práticas para ajudar os indivíduos a identificar, entender e regular suas emoções de forma mais eficaz. Com relação aos principais desafios enfrentados pelo aluno com autismo e TOD, tem-se que estes incluem dificuldades na comunicação e na regulação emocional, podendo impactar sua interação social e comportamento em ambientes de aprendizagem e do cotidiano.

REFERÊNCIAS

BOSA, C. *Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo*. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, n. 1. Porto Alegre, 2002.

COLARES, J. M. C. *O diagnóstico precoce do transtorno opostivo desafiador na prevenção da personalidade antissocial*. Centro Universitário de João Pessoa; 2020.

MATOS, Maria De Fátima. *A Tecnologia Assistiva como Ferramenta no Processo de Inclusão de Alunos com Necessidades Especiais*. Universidade Estadual Da Paraíba – UEPB, Cuité – PB, 2015.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O lúdico como estratégias de intervenção na Educação Infantil com aluno autista

Jéssica Cappellaro Faoro e Francieli Fabris
 Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA
 cappellarojessica73@gmail.com; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O trabalho refere-se a uma pesquisa baseada na problemática voltada para o desenvolvimento de ações e propostas educacionais que possam promover a inclusão, a diversidade, a socialização e a formação integral do educando com o TEA. Através de atividades de intervenção que ajudem a trabalhar aspectos essenciais para desenvolvimento, tais como o reconhecer do alfabeto, das vogais e conseguir realizar a escrita do nome. Assim, tem-se como justificativa a importância de possibilitar a complementação das experiências educacionais para a garantia da equidade de acesso a educação. Desse modo, objetiva-se através dessa proposta conhecer as singularidades visando a melhoria da participação, compreensão e a ressignificação das aprendizagens. O trabalho volta-se para a compreensão das ações e propostas educacionais de alunos com TEA que possam ampliar as metas educacionais, considerando a integralidade da educação, o que significa considerar aspectos sociais, físicos, mentais e pessoais.

METODOLOGIA

Este trabalho é uma intervenção baseado em um estudo de caso, do qual se trata de um aprofundamento do tipo qualitativo que considera os aspectos investigativos de forma integrada entre a exploração, observação e a análise bibliográfica, que visa o estabelecer de uma síntese de dados imparcial que considera os fatores positivos e negativos da situação analisada (Bressan, 2000). O trabalho foi realizado em uma Escola Municipal no município de Clevelândia-Pr, na turma do educação infantil II, com foco em um aluno específico com o Transtorno do Espectro Autista – TEA. A intervenção ocorreu na escola, sendo aplicada individualmente com a criança, durante 4 semanas entre agosto e setembro, três vezes por semana (Segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira), seguindo um cronograma programado de 9 aulas de intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o desenvolver do projeto, foi possível perceber que não basta apenas incluir os alunos com especificidades, sobretudo, autistas em ambientes educacionais regulares, mas sim, que é preciso realizar uma análise aprofundada das facilidades e dificuldades desse aluno, buscando a promoção de processos de intervenção conectados a estas necessidades. A pesquisa revelou que as atividades adaptadas são extremamente relevantes para as crianças autistas, das quais podem influenciar positivamente as práticas pedagógicas em instituições de ensino, promovendo ambientes mais acolhedores e eficazes para todos os alunos, considerando que as atividades educacionais são essenciais para a promoção da inclusão e da equidade dentro e fora das escolas, pois permite o contato com outras crianças, professores e realidades, gerando o desenvolver de novas percepções que são experiências vitais para o desenvolvimento do indivíduo (Gentil; Namiuti, 2015).

Além disso, com o desenvolver das atividades de intervenção, foi possível perceber que os indivíduos com autismo podem apresentar algumas dificuldades para interagir e até para desenvolver algumas das propostas educacionais mais complexas, contudo, as intervenções pedagógicas podem ser uma opção para trabalhar algumas das dificuldades, mas de uma forma mais interessante e conectada a realidade dos alunos, possibilitando não só o trabalhar dos objetivos pedagógicos, mas também o aperfeiçoar das relações de confiança entre professor e aluno, além de ajudar nas propostas de socialização e participação do educando nas propostas de ensino-aprendizagem.

DIA 1	Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5
Trabalhando as vogais	Revisão das vogais	Exercícios de fixação	Revisão	Exercícios de fixação
DIA 6	DIA 7	Dia 8	DIA 9	
Conhecendo o alfabeto	Aprendendo a escrever o nome	Exercícios de fixação da escrita do nome	Revisão de todas as atividades	

Tabela 1 – Relatório geral das atividades de intervenção
 Fonte: Autoras (2024).



Figura 2 – Fotos das atividades de intervenção
 Fonte: Autoras (2024)

Todas as atividades forma desenvolvidas com a meta de tentar ampliar o alcance das propostas educacionais para o toda a turma, incluindo para o aluno com autismo, do qual precisa de atividades mais específicas para o alcançar uma equidade nos processos de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as atividades de intervenção, realizadas tanto individualmente quanto coletivamente, são capazes de promover uma forma singular de inclusão integral, da qual é capaz de alcançar metas curriculares, mas também o desenvolver das habilidades físicas, corporais e de socialização. Nesse sentido, as atividade possibilitam que as crianças participem de todas as propostas educacionais, facilitando a interação e promovendo o desenvolver de estratégias estimulantes e criativas que despertam a curiosidade e potencializam a eficiência das atividades promovidas em sala de aula, estabelecendo novas formas de desenvolvimento individual e social da criança, favorecendo o desenvolvimento da criança para além das metas pedagógicas.

Desta forma o projeto contribui para a produção de conhecimento e evidências empíricas sobre o impacto das atividades lúdicas na educação de crianças autistas, pois permite o preencher da lacuna no campo da educação inclusiva, o trabalho pode fornecer subsídios teóricos e práticos para futuras pesquisas, bem como orientações relevantes para profissionais da área, com foco em estabelecer a melhoria da qualidade educacional, social e comportamental dos alunos com ou sem especificidades.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, Flávio. O método do estudo de caso, Administração On line, FACCAT, 2000.
 BVS – BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. Transtorno do Espectro Autista – TEA (autismo). Ministério da educação, 2023.
 GENTIL, Késia P. G.; NAMIUTI, Aline P. S. Autismo na educação infantil. Revista UNIARA, V. 18, n.2, 2015.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA EM RELAÇÃO A APRENDIZAGEM E AUTONOMIA DE CRIANÇAS AUTISTAS ESCOLARIZADAS

Juliana Toniolli; Thais de Jesus Ferreira

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - Especialização em Educação Especial com ênfase no TEA
juliana.toniolli@famapr.edu.br; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta interação social, comunicação e comportamento, variando em gravidade. O TEA impacta profundamente a vida das pessoas autistas e suas famílias, gerando estresse e sobrecarga, especialmente para as mães (Minatel, Matsukura, 2015; Misquiatti et al., 2015). A educação inclusiva é garantida por lei, mas enfrenta desafios na prática devido à falta de recursos (Instituto Federal da Paraíba, 2018). Este projeto investiga a percepção das famílias sobre a autonomia e aprendizado de crianças autistas, destacando a importância do apoio contínuo para sua inclusão.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa com base em revisão bibliográfica, envolvendo familiares de crianças com TEA. Dos 19 familiares convidados, apenas três participaram. Foi criado um grupo de *whatsapp* com os pais e neste espaço foi realizada uma enquete para organizar os encontros a partir do número de adesão. Foram realizados dois encontros no mês de setembro de 2024, denominados de "Café com TEA". Foi elaborado o card abaixo para mobilização do grupo:



Figura 1 – Card de divulgação dos encontros
Fonte: Arquivo Institucional – FAMA (2024)

Nos encontros foram discutidos temas como adaptação escolar, inclusão e desafios diários a partir de perguntas nove (9) que foram sorteadas e lidas de forma aleatória pelas mães. As conversas foram gravadas e transcritas para análise. O principal desafio foi a baixa participação, possivelmente devido à incompatibilidade de horários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o primeiro encontro, as mães das crianças autistas relataram dificuldades em confiar os filhos à escola, mas reconheceram a importância da socialização proporcionada no ambiente escolar. Destacaram a falta de professores de apoio, essenciais para cuidados como higiene, e mencionaram desafios com a alimentação seletiva.

A adaptação escolar foi considerada positiva, com melhorias no desenvolvimento social e na fala das crianças. As mães declararam que a rotina familiar requer organização para lidar com as necessidades específicas do TEA, e ressaltaram a importância do suporte escolar e familiar, embora existam barreiras no acesso a recursos adequados. Ao término do primeiro encontro, foi possível evidenciar a importância do espaço de diálogo e do compartilhamento de vivências entre as mães. Elas afirmaram sentirem-se fortalecidas em espaços como esse e consideraram fundamental aprender com as experiências umas das outras. Como encerramento do Café com TEA foram construídas coletivamente árvores com as digitais de todas as mães presentes, conforme imagem abaixo:



Figura 2 – Árvore com as digitais das mães
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Com a intervenção foi possível evidenciar a percepção das mães em relação a autonomia e ao desenvolvimento dos filhos com diagnóstico do TEA. No entanto, é fundamental refletir sobre o número restrito de participantes que possibilitou a análise de maneira limitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais destacam que as famílias reconhecem a importância do ambiente escolar e do suporte social no desenvolvimento e autonomia de crianças autistas. A pesquisa atingiu seu objetivo ao explorar suas percepções, revelando que, apesar de desafios como o isolamento social, houve avanços significativos nas interações das crianças nas atividades escolares. As mães relataram progresso, mas enfatizaram a necessidade de apoio contínuo e adaptação pedagógica. Em suma, a pesquisa mostra que a percepção das famílias é essencial para entender o progresso e a independência das crianças em um ambiente inclusivo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, K. C. Estresse e percepção de suporte familiar em mães de crianças com autismo. Belém, 2013.
- KIQUIO, T. C. O.; GOMES, K. M. O estresse familiar de crianças com transtorno do espectro autismo – TEA. Revista de Iniciação Científica, UNESC, Criciúma, v. 16, n. 1, 2018
- NEURO SABER. Entendendo o DSM-5 e os critérios para diagnosticar o Transtorno do Espectro Autista (TEA): suas características e graus. 2022. Disponível em: www.institutoneurosaber.com.br Acesso em: 16 maio 2024, às 21:34.
- MISQUIATTI, A. R. N.; BRITO, M. C.; FERREIRA, F. T. S.; ASSUMPCÃO JUNIOR, F. B. Sobrecarga familiar e crianças com transtornos do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. Rev. CEFAC, 17(1), 192-200, 2015.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Leovani de Fátima Bortolini e Francieli Fabris

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente,
leovani4127@gmail.com; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho tem por finalidade realizar a aplicação de atividades para desenvolver a leitura e escrita de uma estudante com Transtorno do Espectro Autista que apresenta dificuldades no processo de alfabetização, mais precisamente na leitura e escrita, bem como o monitoramento e acompanhamento da evolução nestes quesitos. O objetivo da seguinte pesquisa é fazer com que a estudante consiga atingir a meta, que é saber ler e escrever para facilitar a sua comunicação, já que, utilizar estratégias específicas para ensinar e orientar o desenvolvimento da escrita para alunos com autismo é de suma importância para garantir que esses alunos recebam um suporte educacional eficaz e adaptado às suas necessidades. Considerando que alunos com autismo frequentemente enfrentam desafios distintos na escrita, como dificuldades na organização das ideias, na formação de frases coerentes e na expressão clara de pensamentos. Dessa forma, abordar essas dificuldades com estratégias personalizadas pode fazer diferença no processo de ensino aprendizagem desses alunos, contribuindo na comunicação.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e pesquisa participante, utilizando-se das informações coletadas na pesquisa e descritivamente analisada. O planejamento das atividades envolveu o processo de leitura e a constituição de frases e textos, adotando letras em caixa alta e figuras coloridas, a fim de atender às necessidades específicas de aprendizagem. A atividade foi realizada no período de um mês, com três aulas de 50 minutos por semana. Foram selecionados textos simples e curtos em caixa alta com figuras coloridas, levando em consideração que esse formato facilita a leitura. O procedimento de coleta de dados deu-se ao longo das aulas, as quais foram realizadas normalmente, proporcionando a estudante a rotina e a estrutura que lhe são familiares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização de textos, em letras caixa alta, revelou resultados significativos na melhoria da formação de frases, entretanto a mesma apresentou dificuldade para a elaboração de textos longos. A estratégia facilitou a leitura e compreensão das estruturas textuais, dado que a aluna apresentava dificuldades na criação de textos extensos e complexos. Os resultados da intervenção foram positivos e evidenciaram avanços notáveis nas habilidades de escrita da aluna. Inicialmente, a aluna demonstrava desafios na organização de suas ideias e na construção de frases coerentes, fato que, com a prática constante de leitura e escrita de textos coloridos e em caixa alta, ela conseguiu desenvolver uma melhor compreensão das estruturas de frases e da conexão entre ideias. A aluna mostrou progresso na capacidade de estruturar frases de maneira mais lógica e fluida, visto que, ela começou a aplicar com mais eficiência as regras gramaticais básicas e a usar pontuação de forma apropriada. Com os dias, pode-se notar que a dificuldade inicial na organização dos pensamentos e na elaboração de textos longos mostrou-se reduzida, ainda que com pouco avanço. As atividades de escrita passaram a refletir uma maior coesão, com melhoria de forma progressiva na capacidade de desenvolver parágrafos mais extensos e bem organizados. A clareza proporcionada pelos textos coloridos e em caixa alta permitiu que ela focasse mais na elaboração de suas ideias e menos na dificuldade de leitura. No decorrer dessas atividades, a estudante foi submetida a testes de leitura, interpretação e elaboração de textos em caixa alta e aspectos coloridos, adaptados às suas necessidades. Conforme a aluna avançava em suas tarefas, o professor observava atentamente sua evolução, identificando pontos que necessitavam de maior destaque e áreas que poderiam ser aprimoradas. A intervenção realizada revelou tanto potencialidades quanto dificuldades no processo de aprendizagem. Entre as potencialidades, destacou-se a capacidade da aluna de reconhecer e decodificar as palavras com maior clareza, facilitada pelo uso de caixa alta e das cores, as quais atraem a atenção da aula, o que contribuiu para uma melhora na fluência da leitura.



Figura 1 – Alunos durante a atividade
Fonte: O autores (2024).

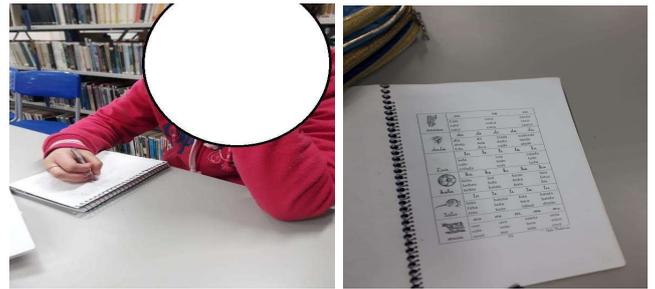


Figura 3 – Aluna e atividade
Fonte: Autores (2024).

A estruturação de frases mostrou-se eficaz na organização do pensamento, permitindo que a aluna expressasse suas ideias de maneira mais articulada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho envolveu a aplicação de atividades a fim de contribuir com o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita da estudante com autismo, cuja atividade foi realizada obtendo resultados positivos, no entanto, pode-se verificar ao longo das aulas e das tarefas distribuídas que a aluna, embora, com o acompanhamento e sendo adotadas estratégias destinadas ao incentivo da habilidade da escrita, mostrou-se com dificuldade para escrever textos extensos. Sendo que o desenvolvimento da escrita de frases longas foi obtido. Ao adotar técnicas específicas para atender às necessidades educacionais de uma aluna autista considera-se que tais ações são fundamentais para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficaz. A individualização das estratégias de ensino respeita as características únicas da aluna e ainda contribui para potencializar seu desenvolvimento. Ao observar a aluna pode-se notar que tais tarefas contribuíram para o processo de aprendizagem, com explicações diretas e específicas sobre cada tarefa, acompanhando-a e fornecendo instruções passo a passo, acompanhadas de exemplos práticos, garantindo que a aluna realize as atividades de forma mais eficaz.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO FILHO, J. F.; CUNHA, P. *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, 2010.

COSTA, Dayana Cruz. *Transtorno do espectro autista: Funcionamento cerebral e o impacto do diagnóstico para pais e cuidadores*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 01, pp. 65-75. Junho de 2020.



A LUDICIDADE NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA SALA DE RECURSOS

Marcia Rodrigues De Abreu e Francieli Fabris
 Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA
 marciaabreu81@hotmail.com; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito analisar a aplicação da ludicidade como recurso pedagógico no processo de alfabetização de estudantes com autismo na sala de Recurso. Levando em consideração as características e demandas específicas desse grupo de alunos, a ludicidade pode se mostrar uma estratégia eficaz para favorecer a aquisição de conhecimento, incentivar a interação e o progresso cognitivo. O objetivo é conduzir uma pesquisa de natureza participativa, por meio de observações, os efeitos dos jogos de alfabetização no desenvolvimento da leitura e escrita dessas crianças. Considera-se que a ludicidade, enquanto recurso metodológico, tem ganhado cada vez mais destaque no campo da Educação, principalmente em contextos que envolvem o ensino de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sua utilização se fundamenta na compreensão de que o jogo e as atividades lúdicas são ferramentas poderosas para promover o aprendizado de maneira engajadora e significativa.

METODOLOGIA

Serão propostas atividades, levando em conta as particularidades de cada aluno com autismo. As metas almejadas abrangem a descoberta de métodos de ensino eficazes, o aprimoramento do rendimento escolar e o estímulo e envolvimento dos estudantes autistas na aquisição de habilidades de leitura e escrita. Adicionalmente, busca-se promover a criação de um ambiente educacional que seja acolhedor e inclusivo para esses alunos. Assim, reconhece-se que a ludicidade oferece uma abordagem diferenciada e eficaz para o ensino. Por meio de jogos, brincadeiras e atividades criativas, é possível criar um espaço de aprendizado que respeita o ritmo e as características individuais dos alunos com TEA, facilitando a aquisição de habilidades sociais, cognitivas e motoras, ao mesmo tempo em que torna o processo de ensino mais atraente. Esse método ajuda na compreensão de conteúdos acadêmicos e contribui para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e emocionais, fundamentais para a integração social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aluno inicialmente apresentou momentos de hesitação e distração, especialmente quando confrontado com tarefas mais complexas ou instruções verbais prolongadas, haja vista, que o mesmo compreende as leituras, porém apresenta dificuldades para a escrita. Pode-se observar que o aluno apresentava um comportamento reservado e algum nível de resistência ao engajamento, no entanto, a introdução de jogos estruturados e adaptados às suas necessidades ajudou a superar essas barreiras. O desenvolvimento do aluno em termos de habilidades de alfabetização foi claramente visível ao longo das sessões, visto que, ele demonstrou progresso na identificação de letras, na associação de sons, porém para a formação de palavras, o aluno obteve pouco avanço, sendo necessário trabalhar com mais foco no referido aspecto. Entretanto, o aluno apresentou uma maior segurança ao usar essas habilidades em contextos mais aplicados, como a identificação de letras. A participação do aluno nas atividades também evidenciou avanços em suas habilidades sociais e de comunicação, já que, o mesmo passou a interagir de maneira mais efetiva, sendo que esse desenvolvimento social é um aspecto importante do processo de inclusão, permitindo que o aluno se sinta mais integrado e confortável no ambiente escolar. Compreende-se portanto, que com a prática de atividades lúdicas de alfabetização, o aluno obtém uma experiência positiva e produtiva, pois, a utilização de materiais lúdicos e educativos pode contribuir significativamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ainda que cada aluno tenha o seu tempo, pode-se notar que tais atividades promoveram um aumento na participação e no engajamento do aluno.



Figura 1 – Recursos didáticos utilizados
 Fonte: Autoras (2024).



Figura 2 – Aluno realizando tarefa
 Fonte: Autoras (2024).



Figura 3 - Título da tabela
 Fonte: Autoras (2024).

Na sala de recursos, as atividades lúdicas desenvolvidas com o aluno autista foram cuidadosamente planejadas para promover a alfabetização e facilitar a inclusão de maneira adaptada às suas necessidades específicas. A abordagem metodológica escolhida baseou-se em atividade lúdicas, jogos educativos, revelando-se ações eficazes, já que, oferecem uma visão detalhada sobre o desenvolvimento das atividades e a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do avanço do processo inclusivo, essas práticas se revelam cruciais para atender às necessidades específicas desses alunos, promovendo um ambiente mais acessível e estimulante. A implementação eficaz da ludicidade na educação inclusiva requer uma abordagem planejada e sensível. É necessário que os profissionais da Educação estejam capacitados para criar e adaptar atividades que sejam tanto estimulantes quanto adequadas às necessidades dos alunos com TEA. A colaboração com familiares e especialistas também é essencial para entender melhor as preferências e as dificuldades dos alunos, garantindo que as práticas lúdicas sejam realmente benéficas e inclusivas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto nº 7.611/2011. **Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.** Disponível em: Acesso em 20 de agosto de 2020.

NASCIMENTO, G. S. R. do. **Método de Alfabetização par Alunos Autistas (MAPA):** Alternativa da Clínica-Escola do Autista, 2016.

SOUZA, Emilaine Cristine Do Nascimento. **A inclusão da criança com transtorno do espectro autista na educação infantil.** Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa – PB, 2018.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



PROMOVENDO A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marizete Souto Fracalossi e Fabiane Carbonari Meneguissi

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA; marifracalossi@gmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por uma ampla variação na apresentação clínica, incluindo diferenças significativas na questão cognitiva, linguagem e comportamento.

A inclusão na escola regular requer estratégias, métodos e recursos, quanto às formas de adaptação das atividades curriculares, garantindo que as necessidades desses alunos sejam supridas de maneira equitativa, com os demais colegas do ambiente escolar e da sala de aula.

Frequentar o ensino regular, visa proporcionar aos indivíduos com necessidades educacionais especiais o desenvolvimento de suas potencialidades, respeitando suas limitações. Assim, o objetivo geral desta pesquisa intervenção foi desenvolver atividades com os alunos da educação infantil de uma escola, visando trabalhar a importância da inclusão de colegas autistas.



Figura 2 – História O Camaleão Azul.
Fonte: Arquivo da autora (2024)

METODOLOGIA

Foi realizada a pesquisa bibliográfica sobre a temática abordada e elaborou-se o planejamento das atividades que foram realizadas com a turma do Pré I, do turno vespertino de uma escola municipal na cidade de Clevelândia – PR. Foram realizados três encontros com a turma, desenvolvendo atividades de contação de história, roda de conversa, atividade prática visando trabalhar as diferenças individuais e um jogo de dominó, proporcionado a interação entre os pares.



Figura 3 – Alunos realizando atividade lúdica
Fonte: Arquivo da autora (2024)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Explorar a temática da inclusão, trabalhando a aceitação das diferenças e a importância de reconhecer e valorizar a singularidade de cada indivíduo desde a educação infantil é importante para que as crianças desenvolvam empatia e respeito. Isso ajuda a criar um ambiente mais acolhedor e justo, onde todos se sintam valorizados, independentemente de suas características físicas, culturais, ou habilidades.

Nesse sentido, Weizenmann, Pezzi e Zanon (2020, p. 3) ressaltam que “Apesar da complexidade da inclusão na atualidade é possível verificar que, de alguma maneira, este processo contribui tanto para o desenvolvimento da criança com deficiência como para seus colegas de turma”.

Quando trata-se da inclusão e respeito à diversidade, entende-se que os professores precisam planejar atividades buscando “estimular essencialmente a participação e a interação mútua dos alunos, respeitando as especificidades de cada um” (Weizenmann, Pezzi e Zanon, 2020, p. 5) sendo que buscou-se fazer isso na intervenção realizada.



Figura 1 – Criança realizando atividade proposta
Fonte: Arquivo da autora (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da intervenção realizada, foi possível evidenciar que a turma aceita e respeita as diferenças e o aluno autista participa e desenvolve as atividades junto com os colegas, sendo isso devido, também, ao trabalho que a professora regente da turma vem desenvolvendo desde o início do ano letivo.

A aceitação das diferenças promove um ambiente inclusivo e seguro para todas as crianças, por isso, é crucial que ainda na educação infantil, conceda-se oportunidade para que as crianças se sintam valorizadas e respeitadas pelo que são, independentemente de suas características pessoais.

Quando as crianças são ensinadas a respeitar as diferenças, elas também aprendem a resolver conflitos de maneira construtiva e a trabalhar em equipe de forma eficaz e o respeito pela diversidade também prepara as crianças para a vida em uma sociedade globalizada e multicultural.

REFERÊNCIAS

- BARBY, Ana Aparecida de Oliveira Machado; RATUCHNE, Paloma Aparecida Oliveira; SPINARDI, Gabriela Christine. Contação de história mediada pela comunicação alternativa no tea: revisando estudos. *Rev. FAEEDA – Ed. e Contemp.*, Salvador, v. 31, n. 68, out./dez. 2022.
- CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. *Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B.. INCLUSÃO ESCOLAR E AUTISMO: SENTIMENTOS E PRÁTICAS DOCENTES. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, p. e217841, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841> Acesso em 15/09/2024



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

POLÍTICA PÚBLICA DE IMPLEMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE (PICS) NO SUS NO MUNICÍPIO DE CLEVELÂNDIA - TERAPIA REIKI

Marla Cristiane Nienow e Francieli Fabris
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente- FAMA
marlanienow@hotmail.com ; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O Reiki faz parte das terapias que se enquadram nas Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICs), podendo ser aplicadas no tratamento de crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), como complemento ao tratamento clínico. A inclusão do Reiki nas PICs pode fortalecer a rede de atenção básica, especialmente crianças com TEA, proporcionando uma abordagem complementar aos tratamentos convencionais. Ao incorporar o Reiki nas políticas públicas de saúde reafirma o compromisso com a inovação e a busca de soluções integrativas que promovam a saúde integral da pessoa.



Figura 2 – Reiki – Terapia Complementar
Fonte: <https://www.cen.pt/blog/tag/reiki/lva> (2024).

METODOLOGIA

Com a elaboração deste trabalho, pretendeu-se evidenciar as informações que propiciem os benefícios da possibilidade de aplicação das Práticas Integrativas Complementares em Saúde, especificamente o Reiki, destacando seu potencial para promover o equilíbrio físico, mental e emocional dos pacientes, de forma direcionada ao tratamento de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro do Autismo, afim de oportunizar a melhoria da qualidade de vida a criança e a seus familiares. O objetivo principal é divulgar para a população, principalmente a de Clevelândia PR, informações sobre o Reiki que é uma das práticas terapêuticas possível de ser utilizada de forma integrativa e complementar no tratamento das crianças com o transtorno do espectro autista, nos âmbitos público e particular. Para desenvolver o trabalho foi utilizada pesquisa bibliográfica.



Figura 3 – Tratamento a base do Reiki
Fonte: <https://trovoterapias.com.br>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do desenvolvimento do trabalho considera-se que promover um cuidado completo, humanizado e eficaz para a população autista é fundamental para garantir o bem-estar e o desenvolvimento dessas pessoas em todas as fases da vida. Oferecer um cuidado completo é imprescindível, assim, considera-se a necessidade de abranger diferentes áreas, como saúde, educação, inclusão social e apoio familiar, de forma integrada e contínua, para tanto, tais aspectos podem incluir a utilização de terapias especializadas, como reiki, bem como intervenções comportamentais, estratégias educacionais inclusivas que possibilitem que indivíduos autistas aprendam e se desenvolvam em ambientes escolares adequados. Assim, para que o tratamento seja eficaz, é necessário que as políticas públicas e os sistemas de saúde e educação sejam adequadamente estruturados, com profissionais preparados e recursos disponíveis, propiciando um acesso facilitado a diagnósticos precoces e intervenções adequadas, pois, quanto mais cedo a pessoa autista receber o apoio necessário, melhores serão as chances de seu desenvolvimento e qualidade de vida.



Figura 1 - Terapia floral ajuda pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)
Fonte: Keila Bis – Florais de Baki (2024).

Para que essas práticas possam beneficiar a todos de maneira justa e segura, é essencial que sejam estabelecidas políticas públicas claras que regulamentem sua aplicação, garantam a qualificação dos profissionais envolvidos e ampliem o acesso da população a essas práticas. Entretanto, tal fato requer a criação de leis que normatizem o uso das PICs e a implementação de programas que promovam a conscientização sobre seus benefícios e limitações.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implantação de políticas públicas voltadas para a integração das Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICs) pode ser uma estratégia no atendimento de pessoas com TEA, sendo capaz de oferecer uma abordagem mais ampla. A integração das PICs com o acompanhamento tradicional garantem um cuidado integral, multidisciplinar e centrado nas necessidades dos indivíduos com TEA, possibilitando uma melhora significativa na sua qualidade de vida e bem-estar, favorecendo ainda a redução da sobrecarga das famílias, proporcionando mais recursos terapêuticos e apoio emocional.

REFERÊNCIAS

- PAPIM, Ângelo Antônio Puzipe. **Autismo e aprendizagem: os desafios da Educação Especial [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.
- STEINS, Diane. **Essential Reiki: complete Guide to on Ancient Healing Art**. São Paulo, editora: Pensamento, São Paulo, 1995.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



INTERVENÇÃO PRECOCE E PRÁTICA PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA

Neirieli de Oliveira Dlugoss e Francieli Fabris
 Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA
 neyriely@hotmail.com; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

As características do TEA podem ser apresentadas na criança com o transtorno desde muito cedo, já em seus primeiros anos de vida, sendo também mais comum em meninos, que em meninas. O comprometimento do Transtorno do Espectro Autista pode ter classificação de leve a severa, sendo o diagnóstico essencialmente clínico, a partir de relatos e observações dos pais ao médico. (Nascimento; Cruz e Braun, 2017). Para atingir o objetivo geral da pesquisa, pretende-se participar da rotina e descrever características, desafios de uma criança autista de até três anos de idade, identificar estratégias de intervenção e contribuições para o desenvolvimento da criança com TEA no CMEI. Justifica-se este projeto pelo crescente número de crianças com TEA no âmbito escolar e o desafio proposto na atualidade em atender cada especificidade, onde aspectos de seu crescimento estão em processo de desenvolvimento e muitas vezes apresentam dificuldades na comunicação. No campo de atuação, os resultados dessa interação contribuirão na prática docente.

METODOLOGIA

Trata-se de um Estudo de Caso com intervenção participativa no atendimento ao estudante menor de três anos que possui Transtorno do Espectro Autista no âmbito do CMEI-Centro Municipal Santo Antônio Maria Claret e a formação continuada para os docentes. Para a coleta de dados no estudo de caso com criança de até 3 anos de idade, utilizaram-se as técnicas da pesquisa qualitativa, sendo a entrevista com a professora e com os responsáveis. As pesquisas bibliográficas contribuíram na compreensão do desenvolvimento esperado para a faixa etária das crianças. As informações obtidas na intervenção foram extraídas através da observação, interação, brincadeiras, registro escrito e portfólio para apresentar à professora responsável. A atividade aconteceu de forma participativa realizada ao menos uma vez por semana por 2 meses. A estratégia metodológica adotada defende que a docência na Educação Infantil "precisa considerar que as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças" (Malaguzzi, 1999, p.61). Acompanhar a rotina da criança se fez necessário para o planejamento e execução das ações propostas no projeto de intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O participante faz parte de uma turma de crianças de maternal, onde convive diariamente com 15 crianças e entre estas, uma criança com TEA, e outra aguardando laudo. Por tratar-se de uma proposta intervencionista de estratégias, esta criança foi escolhida pela aplicabilidade e obtenção de resultados sugeridos à professora regente para posteriormente utilizar na sua prática pedagógica. A entrevista auxiliou muito na questão de entendimento e informações inerentes ao desenvolvimento da criança repassadas pela mãe. Essa criança foi indicada para a intervenção em meio as outras pela questão da dificuldade de aceitação de diagnóstico por parte da família e também por se tratar de uma criança não verbal, onde a intervenção poderá demonstrar resultados positivos de comunicação. A abordagem de Reggio Emilia usa a expressão "o eu que nós somos" para expressar a ideia de que é dentro deste espaço compartilhado do "nós" que cada criança pode oferecer seu melhor pensamento. Durante a infância a linguagem corporal é a forma de comunicação mais utilizada pela criança, como afirma Kyrillos e Sanches (2004), na Educação Infantil começamos a exploração intensa do mundo, das sensações, das emoções, ampliando estas vivências como movimentos mais elaborados. A linguagem corporal começa então, a ser substituída pela fala e pelo desenho, no entanto, é essencial que continue sendo explorada. O trabalho com movimentos e ritmos, é de grande relevância para a organização das descobertas feitas. Foi realizado a confecção da prancha a fim de auxiliar nas rotinas diárias. A professora responsável acompanhou todo o projeto e ficou a par de todos os passos, pois, a criança mesmo com insistência, não demonstrou interesse pela prancha. Deve-se destacar que houve semanas em que não conseguiu cumprir como especificado no cronograma, pela questão de adequação de horários da criança no CMEI e a intervenção.

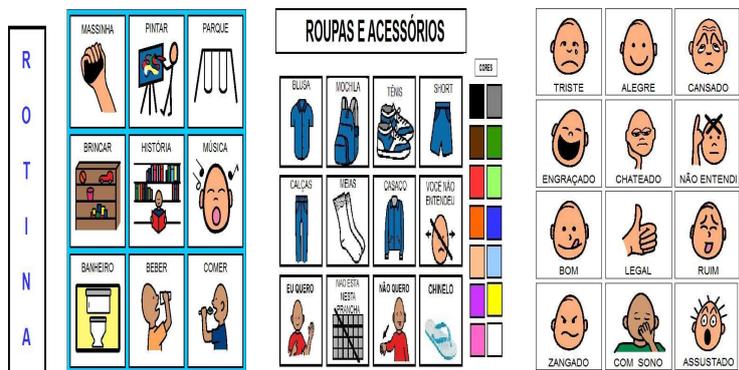


Figura 2 – Pranchas trabalhadas com a criança
 Fonte: <https://atividadeparaeducacaoespecial.com/inclusao>. Adaptada pela Autora (2024)



Figura 3 - Atividades desenvolvidas
 Fonte: Autoras (2024).

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema da pesquisa que norteia esse trabalho é: Como as intervenções precoces em crianças de até três anos poderiam auxiliar o docente na sua prática pedagógica. O acompanhamento constante, adaptação das estratégias, vínculo afetivo e um ambiente acolhedor contribuiu para a aceitação das intervenções propostas. A participação ativa da mãe foi determinante. Em síntese, a experiência foi um passo significativo no caminho para a inclusão e o desenvolvimento de habilidades comunicativas e sociais, mas também evidenciou a necessidade de um trabalho contínuo e adaptável. A continuidade das intervenções e o uso de recursos visuais e lúdicos são recomendados para fortalecer ainda mais os progressos alcançados. Contudo, a conclusão se apresenta parcialmente, pois, a criança está se adaptando à prancha. A professora regente está utilizando como ferramenta de intervenção na sala de aula, o que significa a relevância da intervenção desenvolvida.

REFERÊNCIAS

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.21973/9788530039897_3. Acesso em: 25 abr. 2024.

KYRILLOS, Michel Habib M; SANCHES, Tereza Leite. *Fantasia e criatividade no espaço lúdico: educação física e psicomotricidade*. In: ALVES, Fátima (Org.). *Como aplicar a psicomotricidade: uma atividade multidisciplinar com amor e união*. Rio de Janeiro: Wak, 2004. p. 153-175.

MALAGUZZI, Loris. *História, ideias e filosofia básica*. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Org.). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NASCIMENTO, Fabiana Ferreira do; CRUZ, Mara Monteiro da; BRAUN, Patrícia. *Escolarização de pessoas com transtorno do espectro do autismo a partir da análise da produção científica disponível na SciELO-Brasil (2005-2015)*. *Arquivos Brasileiros de Políticas Educacionais*, v. 25, n. 125, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/ape/article/view/125>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Pranchas. Disponível em https://atividadeparaeducacaoespecial.com/inclusao/pranchas-de-comunicacao-parte-1770w_sanchez.html. Acesso em 26 abr. 2024.



Figura 1 – Pranchas trabalhadas com a criança
 Fonte: <https://atividadeparaeducacaoespecial.com/inclusao>. Adaptada pela Autora (2024)

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



Estudo de caso: Explorando o Potencial do Autismo Através da Alfabetização

Neusa Maria Rodrigues e Francieli Fabris
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente- FAMA
neusa-rodrigues2012@hotmail.com; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma intervenção voltada aos alunos Autistas aplicada na Sala de Recurso Multifuncional com duração de um mês. Foram utilizadas ferramentas lúdicas, a fim de assegurar um melhor aprendizado complementando o trabalho já realizado em sala regular. Os alunos selecionados frequentam o ensino regular, 4º ano, em contraturno de uma Escola Municipal de Clevelândia.

A intervenção buscou trabalhar o processo de alfabetização de alunos com TEA através de atividades lúdicas, desenvolvidas a partir de temas que chamam a atenção das crianças, construção de materiais específicos, levando em conta o grande interesse do aluno no assunto, buscando assim o maior número de atividades acertivas e não apenas a reprodução de modelos prontos.

METODOLOGIA

Para realização e aplicação desse Estudo de Caso foram selecionados dois alunos, do 4º ano, com avaliação em Autismo, utilizados os seguintes critérios: Estarem registrados no SERE em Sala de Recursos Multifuncional e ter avaliação TEA. A seguinte intervenção foi realizada ao longo de quatro semanas. Sendo que na primeira semana foi realizada sondagem, com roda de conversa com os alunos, e preparação de materiais pedagógicos específicos. Na semana seguinte foram selecionados os materiais que seriam utilizados durante a intervenção. Para aplicação do projeto inicia-se com uma fala; expõe as regras da atividade, jogo ou brincadeira com propostas e objetivos diferentes, procurando desenvolver a concentração, memorização, a resolução de problemas, raciocínio lógico e criatividade que ajudam a melhorar o desenvolvimento cognitivo. Isso pode incluir jogos de construção, quebra-cabeças ou brincadeiras de faz de conta, entre outras atividades estruturadas. Após a realização de cada proposta, seguem anotações com observações sobre o envolvimento e desenvolvimento de cada etapa. Os registros foram realizados diariamente através de anotações descritivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a intervenção, foi observado que o aluno B apresentava um nível elevado de concentração e interesse em determinadas áreas e atividades, demonstrando um padrão de hiperfoco. Ao invés de tentar desviar essa atenção para outros tópicos, foi feito um esforço para integrar o conteúdo curricular dentro dessas áreas de interesse. Ao alinhar as atividades educacionais aos temas que despertavam maior motivação e envolvimento, foi possível utilizar o hiperfoco do aluno como uma ferramenta de aprendizagem. Com isso, o aluno conseguiu aprofundar o entendimento do conteúdo de forma natural, produtiva e com maior retenção, transformando uma característica que poderia ser vista como limitadora em um diferencial positivo para seu progresso acadêmico. Observou-se que esse mesmo aluno possui habilidades que precisam ser trabalhadas como: equilíbrio, concentração, expressão corporal e a comunicação verbal. A intervenção com materiais pedagógicos adaptados e lúdicos mostrou-se uma excelente estratégia para melhorar a atenção, compreensão de regras, conceitos matemáticos, comunicação verbal, sendo assim os alunos tiveram oportunidades de interagir com diferentes materiais ampliando conceitos e, consequentemente a compreensão da atividade que realizavam. Nesse sentido, adaptar estratégias conforme, as necessidades específicas de cada aluno pode ser uma prática valiosa e enriquecedora para os educandos.



Figura 1 – Jogos educativos
Fonte: O autoras (2024).



Figura 2- Cubos silábicos.
Fonte: O autoras (2024).



Figura 3 – Jogo do Pirata
Fonte: O autoras (2024).



Figura 4- Bingo numérico
Fonte: O autoras (2024).



Figura 5- Adição e subtração com letras e números.
Fonte: O autoras (2024).



Figura 6- Amarelinha.
Fonte: O autoras (2024).



Figura 7- Domínio gigante.
Fonte: O autoras (2024).



Figura 8- Jogo Caça-letas.
Fonte: O autoras (2024).

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que crianças com autismo frequentemente têm uma preferência pelo aprendizado visual. Métodos como o uso material manipulável, alfabeto móvel, apresentação de formas diferentes de leitura, jogos com temas que são do seu interesse, ajudam na compreensão de conceitos abstratos, promovendo uma melhor retenção de informações.

Embora a tecnologia e os métodos sensoriais sejam altamente eficazes, o uso inadequado ou excessivo pode gerar desconforto ou distração. As atividades devem ser sempre acompanhadas pelo professor e organizadas em etapas. É preciso também o acompanhamento e registro por escrito para que o aprendizado envolvendo a atividade seja concretizado, caso contrário ficará uma lacuna, principalmente para os alunos que se encontram em processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do espectro autista. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde, 2013. p. 5-74.
VIGOTSKI, L. Fundamentos da defectologia: obras escogidas V. Madri: Visor, 1997.
VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.
GENIALCARE. Comorbidades no autismo. Disponível em:
<https://genialcare.com.br/blog/comorbidades-no-auti>. Acesso em: 17/08/2024 às 21h45min



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NA ROTINA FAMILIAR DE MÃES DE CRIANÇAS AUTISTAS

Paloma Vieira e Francieli Fabris
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente,
palomavieira163@gmail.com; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades de comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, com variações em sua intensidade. O diagnóstico precoce e intervenções multiprofissionais são essenciais para melhorar a qualidade de vida da criança e da família, favorecendo o desenvolvimento social e a inclusão escolar. No entanto, muitas mães enfrentam desafios devido à falta de suporte psicossocial. Um ambiente familiar saudável e a participação ativa da família são fundamentais para o bem-estar da criança e para a criação de um ambiente propício ao seu desenvolvimento.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa realizada buscou compreender as experiências de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), utilizando a metodologia do Círculo de Cultura Freiriano. O estudo foi dividido em três encontros, onde as mães compartilharam seus desafios, conquistas e vivências relacionadas ao autismo. No primeiro encontro, elas relataram o impacto inicial do diagnóstico e os desafios familiares e escolares. No segundo, uma psicóloga facilitou discussões sobre apoio emocional e os desafios enfrentados. O terceiro encontro abordou-se as preocupações com o futuro das crianças, destacando a importância da conscientização social e do apoio mútuo. A pesquisa enfatiza a relevância de espaços de troca para o fortalecimento emocional das mães e para o progresso das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos encontros de mães de crianças com autismo evidencia a importância do apoio mútuo e da troca de experiências para enfrentar as dificuldades cotidianas. Os desafios incluem a falta de compreensão e aceitação, tanto no diagnóstico precoce quanto por parte de familiares e sociedade. Além disso, o impacto emocional das mães, agravado pela pandemia, e a dificuldade de lidar com os julgamentos sociais são recorrentes. As terapias, como fonoaudiologia e terapia ocupacional, são fundamentais para o progresso das crianças, mas o caminho é longo e cheio de desafios. Os encontros funcionam como um espaço seguro de apoio emocional, fortalecendo as mães ao compartilhar vivências sem julgamentos e ajudando a lidar com as incertezas quanto ao futuro e autonomia dos filhos. A análise reforça a necessidade de maior conscientização social sobre o autismo e inclusão das famílias.



Roda de conversa com a psicóloga no segundo encontro.
Fonte: O autores (2024).



Apresentação do pai convidado para o terceiro encontro.
Fonte: O autores (2024).



Figura 3: Roda de conversa
Fonte: O autores (2024).



Figura 4: Final dos encontros
Fonte: O autores (2024).

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o relato das mães de crianças autistas demonstra a importância de redes de apoio e espaços de troca de experiências para lidar com os desafios diários impostos pelo autismo. Embora o diagnóstico tenha se tornado mais visível, ainda existem grandes obstáculos relacionados à desinformação e à falta de compreensão por parte de familiares e da sociedade. As terapias especializadas são essenciais para o desenvolvimento das crianças, mas o suporte emocional para os pais também é fundamental, especialmente diante de julgamentos e preconceitos. Essas reuniões, portanto, oferecem não apenas um ambiente de acolhimento, mas também uma fonte de força mútua, permitindo que as mães encontrem estratégias para seguir em frente e lutar pelos direitos e pelo bem-estar de seus filhos, em um processo contínuo de aprendizado e superação.

REFERÊNCIAS

MINAYO, M.C.S. 2014. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª ed., São Paulo, Hucitec, 407 p.
TURATO, E.R. 2005. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3):570-514. <https://doi.org/10.1590/S0034-891020050003000>
SAULNIER, Celine; QUIRMBACH, Linda; KLIN, Ami. Avaliação Clínica de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo. In.: SCHWARTZMAN, José Salomão. ARAÚJO, Ceres Alves. *Transtorno do Espectro do Autismo*. São Paulo: Memnon, 2011. **Cap. 11**. p.159 a 172



Figura 1: Respostas ao questionário
Fonte: O autores (2024).



Figura 2: Dinâmica no segundo encontro
Fonte: O autores (2024).

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Importância das Artes Visuais para Desenvolvimento Sensorial de Alunos com TEA

Rafael Gilioli e Fabiane Carbonari Menegussi
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA;
rafaelgilioli@hotmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

A Arte tem sido utilizada de diversas maneiras para promover o bem estar e o desenvolvimento das pessoas, pode-se citar o uso da arte como recurso terapêutico pela área da Psicologia ou a Arte como terapia, no sentido de realizar atividades de artesanato e estas contribuírem para o bem estar das pessoas. Tem-se também a Arte-Educação que foi explorada nessa pesquisa intervenção.

O objetivo geral desta pesquisa intervenção foi realizar práticas pedagógicas, no componente curricular Arte, visando compreender como os estímulos sensoriais das Artes Visuais podem contribuir para o desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro do Autismo, uma vez que desenvolver atividades de Arte com os alunos possibilita ampliar suas experiências, suas oportunidades de conhecer, de aprender e de fazer.

METODOLOGIA

Inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica e buscou-se desenvolver um estudo de caso.

A participante da pesquisa-intervenção foi uma aluna, com laudo de Autismo, que frequenta a Educação Infantil, da Escola União Modalidade Educação Especial – APAE, da cidade de Mariópolis-PR.

Foram planejadas atividades para serem desenvolvidas do dia 05 de agosto até dia 09 de setembro de 2024, uma vez por semana em aulas de aproximadamente 2 horas.

As atividades planejadas foram relacionadas a estímulos que podem ser realizados dentro de sala de aula, para facilitar e aprimorar o desenvolvimento de crianças com TEA, facilitando a comunicação com o mundo ao seu redor através de percepções sensoriais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As intervenções ocorreram na Escola União onde a criança estuda, nas aulas de Arte.

Na primeira intervenção realizada no dia 05/08/2024, foi feita a tentativa de brincadeiras utilizando massinha de modelar, pois a criança já havia brincado desta forma em sala, então esta tentativa de ser algo que ela já conhece para ter menos resistência, porém, houve uma resistência por parte da criança em fazer as atividades propostas, supondo que seria por estar em um ambiente diferente da sala de aula que está acostumada. Dessa forma, iniciou-se as atividades dentro de sua sala de aula, e fez-se a tentativa de levá-la para fora da sala aos poucos, tendo em vista que

o alcance dos bons resultados demanda que o professor planeje suas ações considerando as peculiaridades de cada aluno, o que requer desse profissional paciência, atenção, cuidado e diálogo, visando garantir melhor qualidade de vida e de aprendizado aos alunos com autismo (Costa, Soares e Araújo, 2021, p. 11).

No segundo dia de intervenção (dia 12/08/2024), foi realizada a atividade de pintura com as mãos, onde foi colocado um papelão em formato de picolé na mesa, fixo com fita e a criança fez a pintura deste picolé com tinta guache usando as mãos, não houve resistência por parte da criança em sujar as mãos com tinta. Nesta atividade a criança teve muita iniciativa, algumas vezes precisou mostrar a ela como fazer a pintura mas logo fez de forma espontânea, sendo que gostou muito de sujar as mãos com a tinta.



Figura 1 – Registro da atividade desenvolvida
Fonte: Autoria própria

Durante a intervenção houve um imprevisto, a aluna ficou doente e deixou de frequentar a aula, por um período, o que impossibilitou a realização das demais atividades previstas no planejamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o objetivo geral proposto não pode ser evidenciado, a partir da pesquisa bibliográfica realizada, entende-se o potencial transformador que a Arte tem no processo de superação das dificuldades inerentes ao Transtorno do Espectro do Autismo, mostrando que o foco está no processo de experimentação, por isso a importância de que os docentes busquem o aprimoramento de suas práticas pedagógicas e educativas, visando compreender as particularidades que cada aluno apresenta no processo de ensino-aprendizagem, e utilize estratégias que possam contribuir com o desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Alex do Carmo; GONÇALO, Camilla Viana de Souza e FERREIRA, Liliane Musumeci. A Arte na escola e sua importância no processo de Inclusão de pessoas com deficiências. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 8, e20311830970, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30970> Acesso em 13/05/2024.
- COLA, C. et. al. *Hipersensibilidade sensorio-perceptual que acomete autistas descrita na literatura e observada no Centro de Atendimento Clínico de Itaperuna (CACI): um estudo comparativo*. Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico, p. 74-84, abril 2024.
- DISTRITO FEDERAL. *Cartilha do Autista*. Secretaria da Pessoa com Deficiência. Governo do Distrito Federal, 2023. Disponível em <https://www.sepd.df.gov.br/wp-content/uploads/2023/11/cartilha-do-autista.pdf> Acesso em 14/05/2024.
- NEVES, L. R.. Contribuições da Arte ao Atendimento Educacional Especializado e à Inclusão Escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 23, n. 4, p. 489-504, out. 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000400002>.
- SOARES, R. *O autismo, a arte e o ensino regular: uma convivência possível? Anais do 17º encontro nacional da associação nacionalde pesquisadores em artes plásticas, Panorama da pesquisa em Artes visuais Florianópolis p. 1437-1447, 2008.*



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

AUTISMO: Um guia para os trabalhadores da Saúde

Rafaela Carbonari Fogolari; Thais de Jesus Ferreira
 Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA
rafaela.fogolari@famapr.edu.br; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

A atenção primária a saúde (APS) é o primeiro ponto de contato da população a oferta de atenção integral a saúde, devendo ser o mais próximo possível dos territórios dos indivíduos e suas famílias, incluindo serviços de promoção de saúde, prevenção, tratamento de doenças agudas e infecciosas, o controle das doenças crônicas, os cuidados paliativos e a reabilitação, podendo atender até 90% das necessidades de uma pessoa ao longo de sua vida. A APS cuida das comunidades e não apenas trata doenças ou condições específicas (OPAS, 2018).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades (SESA/PR, 2023).

A literatura indica a ocorrência de desafios e barreiras para o profissional de saúde iniciar e manter cuidados em saúde para este segmento da população. A falta de conhecimento e o despreparo dos profissionais de saúde para a oferta de ações de cuidado à criança com TEA e sua família são fatores relacionados a essa realidade, o que impacta na qualidade da assistência e retarda o acesso das crianças e suas famílias aos serviços de saúde especializados (Bonfim, et al 2023).

Contudo o presente estudo encontrou como problema de pesquisa: como propor um material informativo que possibilite aos trabalhadores da saúde na atenção primária em saúde o acesso ao conhecimento sobre o TEA?

Desta forma o objetivo geral foi propor um material informativo que possibilite aos trabalhadores da saúde na atenção primária em saúde o acesso ao conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista, desenvolvendo os objetivos específicos de elaborar o material informativo básico, de qualidade e com base em evidências científicas sobre a temática, e informar aos trabalhadores da saúde quanto aos direitos garantidos em lei a estes usuários.

METODOLOGIA

A pesquisa ocorre no sudoeste do Paraná, no município de Pato Branco com população estimada em 2021 pelo IBGE em 84.779 pessoas (Iparde, Out. 2021). A Atenção Primária no município de Pato Branco conta com 15 Unidades Básicas de Saúde-UBS e 4 Posto de Saúde em áreas rurais, além de 14 equipes de Saúde Bucal credenciadas, sendo a porta de entrada preferencial no sistema e onde ocorre o acompanhamento de saúde da população.

Com uma abordagem qualitativa com enfoque ao aprofundamento da compreensão da temática das pessoas com deficiência/autismo e seus direitos, explicando aos trabalhadores da saúde a temática, sem preconceitos e crenças, com o objetivo de produzir informações aprofundadas que gerem conhecimento a população como um todo.

A população participante deste projeto foi a equipe de trabalhadores e profissionais vinculada a Unidade Básica de Saúde - UBS do Bairro Industrial, que conta com duas Equipes de Saúde da Família e totaliza 19 pessoas, esta população representa apenas uma Unidade Básica de Saúde do município de Pato Branco e serviu como piloto para a divulgação deste projeto, com a intenção de ampliação para os demais trabalhadores da saúde.

Para a elaboração do guia informativo utilizamos como base o material da UNIRIO disponibilizado pela CAPES, "Passo a Passo para a elaboração de Cartilhas" e o "Guia de Práticas de Educação em Saúde", produto educacional desenvolvido em dissertação de mestrado no Instituto Federal Farroupilha (2020), a fim de elaborar um material de qualidade para instrumentalizar didaticamente os trabalhadores da saúde. Após o levantamento bibliográfico utilizamos a plataforma para design gráfico CANVA na elaboração do guia, objetivando a formulação básica sobre a temática estudada. Realizamos a entrega do material em uma reunião de equipe, com a presença de 15 das 19 pessoas que trabalham na UBS, para os demais repassamos a coordenadora da UBS para a entrega posterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

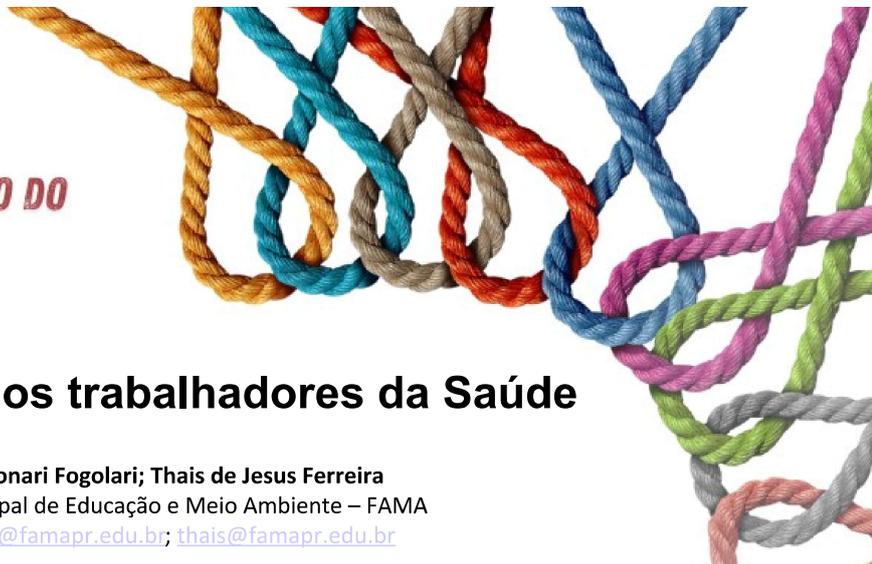
A temática abordada neste estudo é de extrema relevância, visto que está é uma demanda crescente junto as unidades de saúde. O aumento do número de casos de suspeitas e diagnósticos de TEA tem gerado muitas dúvidas e preocupações aos profissionais e também trabalhadores da saúde.

O material elaborado a partir de análise bibliográfica e dos projetos e publicações oficiais, garante a qualidade da informação repassando leis e benefícios básicos que podem ser acessados por pessoas com TEA e seus familiares.

Em nossos contatos com a equipe, percebemos desde a apresentação do projeto a necessidade de informações sobre a temática, e com a entrega do material informativo observamos a aceitação da equipe como um todo.

Conforme Alexandre, DS, et al (2020) o material informativo é um método eficaz para auxiliar no processo de ensino/aprendizagem em saúde, o que pode aumentar a autonomia do público-alvo, bem como dos profissionais que com ele trabalham, levando a melhores condutas terapêuticas e comportamentais.

Reflete-se que a produção deste material e sua aplicação/distribuição proporcionaram uma estratégia de educação permanente em saúde dentro da UBS, onde os profissionais e demais trabalhadores demonstraram um novo olhar diante a pessoa autista e seus familiares.



AUTISMO: UM GUIA PARA OS TRABALHADORES DA SAÚDE

TEA - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

É uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento.

Lei BERENICE PIANA nº 12.764/2012 reconhece o autismo com uma deficiência para todos os efeitos legais no Brasil, garantindo o acesso a direitos e serviços públicos.

Lembre-se: O TEA não limita o potencial de uma pessoa. A sociedade tem o dever de eliminar barreiras e garantir que todos os direitos sejam respeitados.

DSM-5 3 NÍVEIS DE GRAVIDADE

NÍVEL 1 DE SUPORTE
 Dificuldade para manter e seguir normas sociais, apresentam comportamentos inflexíveis e dificuldade de interação social desde a infância.

NÍVEL 2 DE SUPORTE
 Apresentam comportamento social atípico, rigidez cognitiva, dificuldade de lidar com mudanças e hipersfoco.

NÍVEL 3 DE SUPORTE
 Dificuldades graves no seu cotidiano e déficit severo de comunicação, com resposta mínima a interações com outras pessoas e a iniciativa própria de conversar muito limitada. Adoçam comportamentos repetitivos, como bater e girar seu corpo.

O nível de suporte não consegue definir o autista por completo, pois o transtorno se manifesta em cada indivíduo de forma diferente.

CITEPA CARTEIRA DE IDENTIFICAÇÃO DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

- Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020 - LEI ROMEO MION cria a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista;
- Visa garantir a atenção integral, o pronto atendimento e a prioridade no atendimento e acesso aos serviços públicos e privados.

Acceso pelo QR-Code

Documentos necessários:
 - RG, CPF do Autista e responsável;
 - Fotografia do Autista Digitalizada;
 - Laudo Médico Digitalizado - e Laudo deve conter os dados do paciente, a CID, a assinatura e carimbo de identificação com CRM do médico responsável;
 - Exame de Sangue sangüneo digitalizado.

DIREITO A SAÚDE

ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE (APS) é a porta de entrada dos serviços de saúde, onde são realizados um conjunto de ações de saúde individuais, familiares e coletivas que envolvem promoção, prevenção, proteção, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos, cuidados paliativos e Vigilância em Saúde.

ATENDIMENTO PRIORITÁRIO E ESPECIALIZADO NO SUS, incluindo consultas, exames e terapias;

ACESSO GRATUITO A MEDICAMENTOS, TRATAMENTOS E TECNOLOGIAS ASSISTIVAS, como órteses, próteses e meios auxiliares de locomoção;

DIREITO AO DIAGNÓSTICO PRECOCE e ao acompanhamento contínuo para promover desenvolvimento e o bem-estar; Possibilidade de ATENDIMENTO DOMICILIAR para aqueles com dificuldade de locomoção.

O CORDÃO DE GIRASSOL É UM NECESSÁRIO UTILIZADO COMO SÍMBOLO DE CONSCIENTIZAÇÃO, INSPIRADO NA BELÍZEA E RESISTÊNCIA DOS GIRASSÓIS, REPRESENTA SOLIDARIEDADE E COMPROMISSO

REDUÇÃO DE IMPOSTOS

Visa proporcionar benefícios fiscais e isenções às pessoas com TEA ou seus familiares, visando reduzir o impacto financeiro relacionado ao tratamento e cuidados especiais.

ISENÇÃO DO IPI - IMPOSTO SOBRE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS

Isenção na compra de veículos para pessoas com TEA. Este benefício visa facilitar a mobilidade. Necessita de avaliação clínica de um profissional vinculado aos SUS.

ISENÇÃO DO IPVA - IMPOSTO SOBRE PROPRIEDADE DE VEÍCULOS AUTOMOTORES

A pessoa com TEA e seu responsável tem direito a isenção do IPVA, como diz a lei nº 14.260/2003. É necessário acessar o portal, quitar débitos e então anexar o laudo assinado por profissionais vinculados aos SUS.

Figuras 1 e 2 – Guia para trabalhadores da Saúde elaborado para divulgação. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico do TEA cresce cada vez mais devido ao maior acesso a população aos serviços de diagnóstico, a formação de profissionais capazes de detectar o transtorno, por pais, professores, pediatras mais conscientes e informados para levantar as primeiras suspeitas, e pela ampliação da compreensão do que é o autismo e fatores que colaboram para a maior frequência dos casos.

Consideramos a relevância deste estudo pela difusão do conhecimento através do guia informativo que alcançou todos os trabalhadores de saúde, desde os profissionais de apoio até profissionais de nível técnico e superior de uma unidade básica de saúde, promovendo a inclusão, o respeito às diferenças, a desmistificação de preconceitos e desinformação.

Com a informação correta, possibilitamos aos trabalhadores da saúde um olhar humanizado e inclusivo e acreditamos em mudanças na abordagem, no acolhimento e no atendimento dos usuários com TEA e seus familiares, facilitando a garantia de direitos dos autistas e seus familiares, quebrando paradigmas quanto a acessibilidade nos serviços básicos de saúde, e promovendo valores de pertencimento aos usuários e seus familiares em todos os ambientes.

REFERÊNCIAS

LEI BERENICE PIANA https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei112764.htm
 LEI ROMEO MION https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei113977.htm
 LEI CORDÃO DE GIRASSOL https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei114624.htm
 BRASIL. Portaria nº 1.060, de 5 de junho de 2002. Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/pr1060_05_06_2002.html
 Brasil. Ministério da Saúde. (2014). Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf
 Brasil. Ministério da Saúde. (2015). Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



Influência do Plano Educacional Individualizado (PEI) na aprendizagem e socialização de crianças autistas

Renata Teixeira de Assis; Thais de Jesus Ferreira

Faculdade Municipal do Meio Ambiente - FAMA.
librasrenataassis@gmail.com; thais@famapru.edu.br

INTRODUÇÃO

Este estudo descreve o processo de implementação do Plano Educacional Individualizado - PEI em sua fase de elaboração e planejamento. O PEI foi estruturado junto a equipe de professores e gestão escolar que considerou a avaliação psicopedagógica e informações presentes no laudo médico de um aluno diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculado no Centro Municipal de Educação Infantil de Clevelândia, estado do Paraná.

Diante deste cenário, questiona-se: como as intervenções fundamentadas no PEI podem influenciar nos processos de aprendizagem e socialização de crianças autistas no contexto escolar? A partir do problema de pesquisa, desenvolveu-se o seguinte objetivo geral: Analisar como as intervenções fundamentadas no PEI influenciam nos processos de aprendizagem e socialização da criança autista no contexto escolar. Considerando o estudo desenvolvido, este foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos: a) Elaborar o PEI e b) Examinar como o PEI influenciou na aprendizagem e socialização de crianças autistas.

Considerando-se o exposto na Lei nº 13146, de 06 de julho de 2015, destaca-se a necessidade de criar um documento que contemple as características individuais do aluno, promovendo assim, um ambiente inclusivo por meio de recursos adaptados e do ensino colaborativo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória (Gil, 2007) que será realizada através de um estudo de caso composto por uma amostra de dois alunos diagnosticados com TEA. Para propor o modelo do PEI com base em evidências na criança com TEA e inclusão escolar foi realizada uma investigação e coleta de informações através do laudo médico, e de relatórios individuais com narrativas de professoras e/ou estagiárias e gestora da instituição, que possibilitou a construção e produção do PEI a partir de um determinado contexto.

Os procedimentos desta pesquisa contemplaram as seguintes fases:

- Avaliação pré-intervenção colaborativa;
- Implementação do PEI; e
- Análise pós intervenção do trabalho sendo este colaborativo.

A redação do plano educacional individualizado constituiu-se dos principais itens que compõe o PEI, contidas em um modelo de plano disponibilizado para os redatores da equipe – gestora e professora regente da turma –, escolhido pela própria equipe para redigirem uma proposta de plano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O parecer descritivo do aluno possibilitou o acesso as informações iniciais, e assim demonstrou a perspectiva individual de cada integrante da equipe PEI sobre o aluno. As práticas mais relevantes nas atividades realizadas para a capacidade/interesses do aluno, envolveram: jogos de encaixe, pinturas com tinta guache, atividades com movimento como imitação, música e circuitos.

Na categoria dificuldades/desafios para o aluno observou-se a dificuldade com a palavra "não" (quando contrariado), permanecer em sala de aula/sentado, habilidades motoras finas, alimentação e relacionamento com colegas. A professora realizou um diário de bordo com uma avaliação mais objetiva do aluno, assim cada mento da equipe PEI, realizou sua observação individual do estudante, em sala de aula, no ambiente escolar e foi registrado suas competências em um parecer descritivo como forma de um relatório.

O registro da observação possibilitou uma concordância de todas as avaliações sobre o desempenho do aluno nas áreas observadas. Na primeira parte do PEI é apresentado o nível de desenvolvimento do aluno, ou seja, como a condição dele afeta no seu progresso em geral. Trata-se de um relato atual da condição do aluno, baseando-se nos aspectos gerais observados durante a avaliação pedagógica.

Identificação do Estudante
Deve conter informações básicas do aluno, como: nome, idade, curso/mobilidade, informações médicas, atendimentos e acompanhamentos terapêuticos, condição de público alvo de educação especial. É necessário conter todos dados que identifiquem o aluno, além de nomes dos responsáveis, data de elaboração do plano, conteúdos e/ou disciplinas estudadas.
Habilidades, afinidades, interesses e dificuldades
É necessário conhecer habilidades e registros de conhecimento do estudante, do que gosta, suas afinidades, seus interesses, assim como suas fragilidades. Exemplo: O estudante apresenta excelentes níveis de percepção visual e movimento corporal, no entanto não acompanha o conteúdo da turma. Gosta de montar blocos, reconhece figuras e as cores. Gosta de música e imita passos solicitados das cantigas, gosta de atividades com tintas e massinha de modelar. Possui dificuldade de interação e atividades em grupos, sua comunicação é alternativa através de pranchas e rotinas com cards. O estudante precisa de suporte para se vestir, é necessário desenvolver autonomia e autocuidado com aparência.
Objetivos/Metas
O objetivo é o que o aluno deve alcançar e a meta quando e quanto daquele objetivo o aluno deverá alcançar. Os objetivos devem ser elaborados a partir do plano do componente curricular.
Metodologia e recursos didáticos
Na elaboração do PEI, deve ser registrada as metodologias e estratégias a serem utilizadas, assim como os recursos e materiais para que o estudante alcance os objetivos propostos. A Lei nº 13.145/2015 define como tecnologia assistiva ou ajuda técnica "[...] produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que promovam funcionalidade, relacionada à atividade e a participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando a sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social." (BRASIL, 2015)
Critério de avaliação
A avaliação deve ser entendida como processo e não desempenho, o professor deve avaliar o grau de manutenção ao longo do tempo, das habilidades adquiridas e a autonomia na execução. Exemplo de avaliação: O estudante será avaliado diariamente em todas as atividades que realizar, onde será criado um relatório descritivo e com metas para análise e evoluções.

QUADRO 1 – Componentes do PEI (Fonte: Portal Edu Capes, 2019. Adaptado pela autora)

As demais informações do PEI, trata-se de metodologias utilizadas pela equipe PEI, para assim, monitorar e observar o desenvolvimento do aluno. Todos os atos planejados neste plano foram reconhecidos a todos membros da equipe PEI, por meio de suas assinaturas neste documento. A redação do PEI foi de forma simples, contemplou a escrita por um dos membros da equipe PEI, pelo auxílio e avaliação pedagógica e por um modelo ofertado pela secretaria de educação, com algumas adaptações, por necessidade de conter informações do nível de escolaridade do aluno, sendo este da educação infantil.

Figura 1 – Modelo PEI
 Fonte: Arquivo compilado pela pesquisadora (2024). Adaptado do modelo de Romeu Kazumi Sasaki, 1999.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da construção do PEI, foi caracterizado pelas ações empregadas pelas capacitações da equipe, avaliação do aluno e pôr fim a redação do plano. Por base em uma análise dos dados apresentados e das ações que envolvem este processo, constataram-se resultados positivos a professora. Em suma, a intervenção colaborativa, estimulado pela implementação do PEI nesta pesquisa, transcendendo resultados da ação docente particularizada, elevando o grau de confiança dos professores, desenvolvimento das habilidades interpersonais de cada membro d equipe, provocar mudanças docente e potencializar resultados positivos para os alunos com deficiências em seu processo inclusivo e de desenvolvimento e aprendizagem.

Todos resultados desta intervenção indicaram possibilidades e desafios para o planejamento da inclusão escolar de um aluno TEA, especificamente com a aplicação da metodologia de trabalho PEI. Portanto, há uma necessidade de ampliar a pesquisa, visando aplicação em mais escolas, agregando evidências com relação a contribuição do PEI no trabalho coletivo dos professores e consequentemente na inclusão de estudantes com autismo.

Considerando o impacto que o PEI na vida acadêmica e social do estudante é em grande parte determinadas estratégias de ensino adaptadas para atingir os objetivos de aprendizagem. Diante desta, é necessário novos estudos que investiguem como a adoção do PEI podem auxiliar na organização nas práticas de ensino para os alunos com deficiência. Essas ações podem formar um escopo mais robusto com evidências, gerando a possibilidade de implementação futura do PEI, de forma legal em todas as instituições de ensino a partir da educação infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/civil_03/_arquivos/l12764.htm. Acesso: 23 de abril, 2024.

COSTA, D. S.; SCHMIDT, C.; CAMARGO, S. P. H.. Plano Educacional Individualizado: implementação e influência no trabalho colaborativo para a inclusão de alunos com autismo. Revista Brasileira de Educação [online]. 2023, v. 28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280098>> . Acessado 23 Abril 2024.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUIMARÃES, V. P. A., & MACHADO, V. R. O Plano Educacional Individualizado (PEI) como ferramenta de inclusão dos estudantes com autismo na educação profissional. Caderno Pedagógico, 2024.

PEREIRA, D. M., & NUNES, D. R. de P. Elaboração e validação de um Plano Educacional Individualizado para alunos com autismo: contribuições de um programa de formação docente. Revista. Educação Em Questão, 2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi, 1999. Modelo Plano Educacional Individualizado. The Individual Education Program (IEP), manual compilado pela Northern California Coalition for Parent Training and Information (NCC), s/d. Disponível em: <https://abamais.com/wp-content/uploads/2019/07/modelo-pep-plano-educacional-individualizado.pdf>. Acessado: 10 Agosto 2024.

SILVEIRA, V. G. Planejamento educacional individualizado de estudante com autismo na universidade. Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2023, v.27. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-238308-T> . Acessado 23 Abril 2024.

TANNÚS-VALADÃO, G. e MENDES, E. G. Inclusão escolar e o planejamento educacional individualizado: estudo comparativo sobre práticas de planejamento em diferentes países. Revista Brasileira de Educação [online]. 2018, v. 23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230076>>. Acessado 23 abril 2024.

VIANNA, M. M.; SILVA, S. E.; SIQUEIRA, C. F. O. Plano Educacional Individualizado: que ferramenta é esta. In: VII Encontro da Associação. Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UEL, Londrina, 2011.

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM CRIANÇAS AUTISTAS MATRICULADAS NO JARDIM : DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Rita de Cássia Schovai de Oliveira e Thais de Jesus Ferreira

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente
ritadecassiaoiveira1202@gmail.com e thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Sabe-se que escolas de educação infantil nem sempre possuem profissionais habilitados e qualificados para trabalhar com alunos com transtorno do espectro autista (TEA). O professor tem um papel fundamental no desenvolvimento e aprendizagem de alunos autistas, oferecendo-lhes oportunidades de aprendizado em ambientes educacionais inclusivos com adaptação de estratégias de ensino e intervenção que atendam às necessidades de cada criança. Este projeto tem como objetivo geral analisar os desafios e possibilidades das intervenções pedagógicas com crianças autistas matriculadas no Jardim I, como objetivos específicos visa-se planejar intervenções pedagógicas para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças autistas; realizar intervenções a fim de oportunizar a maximização do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos; relatar as percepções e vivências das intervenções.

METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou o método de pesquisa qualitativa e exploratório. A população envolveu os educandos do Jardim I de um Centro Municipal de Educação Infantil, que possui 16 crianças matriculadas e, dentre elas, no estudo destacam-se dois alunos, meninos, de três anos de idade. Destes, um apresenta laudo do neuropediatra diagnosticado com autismo nível III e o outro apresenta sinais de autismo, possui avaliação psicológica realizada em quatro etapas e atualmente foi encaminhado para o neuropediatra e avaliação com equipe multiprofissional e está em processo de investigação. A coleta de dados foi realizada por meio de observações e análises do comportamento e aprendizagem dos dois educandos durante a realização de atividades pedagógicas com a turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as intervenções pedagógicas realizadas pode-se considerar que estas foram bem-sucedidas mostrando que é possível criar um ambiente de aprendizado acolhedor e estimulante quando há um planejamento adaptado às capacidades e interesses das crianças. Observou-se que os alunos reagem de maneira positiva diante das possibilidades de aprendizagem atrativas, embora, para algumas tarefas necessitou do auxílio da professora. Uma das intervenções mais eficazes foi a implementação de metodologias visuais, que incluíram o uso de quadros de rotina, imagens e esquemas para facilitar a compreensão das atividades, possibilitando que as crianças com TEA se sentissem mais seguras e previsíveis em relação ao que iria acontecer, reduzindo comportamentos de ansiedade e promovendo maior engajamento nas tarefas propostas. As crianças mostraram um aumento no foco e na participação durante as atividades diárias. Considera-se portanto que em termos de aprendizagem, as crianças com TEA da turma do Jardim I mostraram progresso no reconhecimento de cores, formas, embora cada criança tenha avançado em seu próprio ritmo, foi notável a evolução em suas habilidades cognitivas, bem como a capacidade de seguir instruções e participar de atividades em grupo.

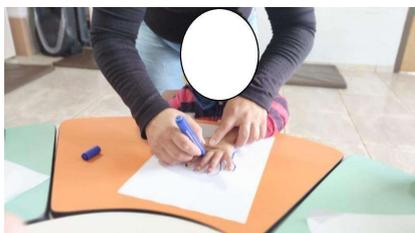


Figura 1 – Realização de atividade
Fonte: Arquivo pessoal (2024)

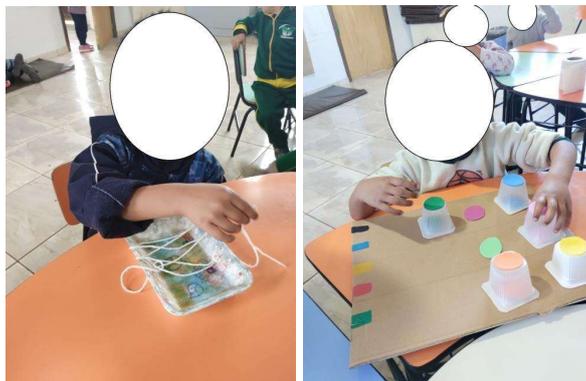


Figura 2 – Desenvolvimento de atividades
Fonte: Arquivo pessoal (2024)



Figura 3 – Realização de atividade pedagógica
Fonte: Arquivo pessoal (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos desafios e possibilidades das intervenções pedagógicas realizadas com duas crianças autistas matriculadas no Jardim I revela uma série de aspectos importantes para o desenvolvimento educacional inclusivo. Os desafios se concentram, principalmente, na necessidade de personalização das estratégias pedagógicas, considerando as particularidades de cada criança, como suas diferentes formas de comunicação, interação social e sensibilidade a estímulos sensoriais. Além disso, a formação continuada dos professores para lidar com o autismo é de extrema relevância, bem como, a utilização de recursos didáticos específicos, cujos mesmos precisam ser diversificados a fim de minimizar as barreiras que dificultam o atendimento das necessidades desses alunos.

REFERÊNCIAS

MARIANO, Ester Fernandes. **AUTISMO: transtorno invasivos do desenvolvimento e no processo de inclusão no ensino**, Universidade Federal de Minas Gerais, Lagoa santa, 2019.

NILSSON, **Introdução a educação especial para pessoas com transtornos de espectro autístico e dificuldades semelhantes de aprendizagem**, Congresso Nacional sobre a Síndrome de Autismo, 2004.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Material de Apoio aos Professores de Alunos Autistas

Rosana Ribeiro dos Santos e Fabiane Carbonari Menegussi

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA;
rosana.santos7@hotmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista - TEA é um transtorno de grande complexidade, visto que, apresenta inúmeros sintomas e ao longo dos anos tem sido alvo de estudo por diversos pesquisadores. Com base em informações obtidas na Secretaria Municipal de Educação do município de Clevelândia, atualmente (mês de abril) estão matriculadas nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIS) e escolas municipais 26 crianças autistas. O objetivo geral deste projeto de intervenção é contribuir com a inclusão de estudantes autistas, oferecendo material de apoio aos professores, com informações sobre o TEA e sugestões de recursos que podem ser utilizados, visando promover adaptações de conteúdo e atividade na sala de aula.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, sendo esta um recurso de grande importância, visto que, forneceu o embasamento necessário para o aprofundamento do conhecimento acerca do tema abordado. A partir da revisão bibliográfica foi elaborado o material, entregue na Secretaria de Educação e no Departamento de Educação Especial, para ser compartilhado com os professores de alunos autistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material de apoio elaborado contempla informações e estratégias baseadas em evidências científicas para ajudar os professores a atender as necessidades dos alunos autistas.

As sugestões de atividades adaptadas, para atender às necessidades específicas desses alunos, proporcionam um ambiente de aprendizagem acessível e inclusivo, tendo em vista primeiramente, que a estruturação clara e a utilização de recursos visuais nas atividades ajudam a facilitar a compreensão e a retenção de informações, já que, alunos com autismo frequentemente respondem melhor a estímulos visuais e a instruções bem definidas, o que pode reduzir a ansiedade e aumentar o engajamento com o conteúdo.

Adaptar os conteúdos e materiais é importante porque, de acordo com Rasmussen, Silva e Neix (2021, p. 103) "Essas alterações oferecem ao aluno condições necessárias para cumprir o currículo e fazer ajustes necessários para torná-lo adequado, ou seja, não deve criar um currículo novo para o aluno com Transtorno do Espectro Autista, mas sim adequá-lo." Essa é a proposta apresentada no material de apoio elaborado.



Figura 1- Ilustração do material elaborado
Fonte: Autora (2024).



Figura 2 – Entrega do material à Secretária da Educação
Fonte: Autora (2024).



Figura 3 – Exemplo de atividade sugerida no material
Fonte: <https://mundododaviantonios.com.br> – adaptado pela autora..



Figuras 4 e 5 - Exemplo de atividade sugerida no material
Fonte: <https://mundododaviantonios.com.br> – adaptado pela autora (2024).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

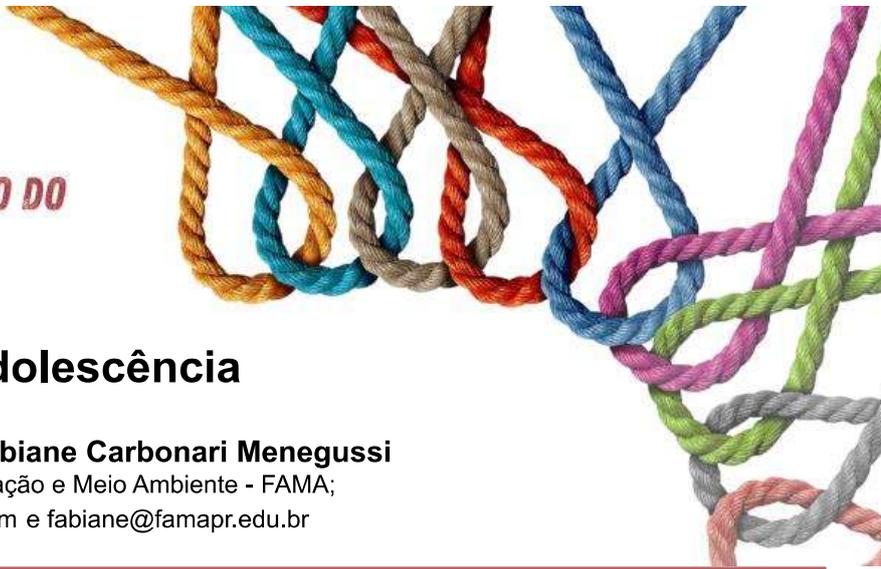
Disponibilizar o material de apoio aos professores com sugestões de atividades voltadas a alunos com autismo não só melhora a acessibilidade e a qualidade do ensino, mas também promove a autonomia e o bem-estar dos alunos. Esse tipo de recurso oferece aos professores ferramentas práticas para adaptar os conteúdos às necessidades individuais, incentivando o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e cognitivas. Além disso, contribui para a criação de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e acolhedor, onde todos os alunos, incluindo os autistas, podem participar ativamente e alcançar seu pleno potencial.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Camila de Moura. *Orientações para o uso adaptações curriculares na sala de aula: inclusão de estudantes com autismo*. Instituto Federal Bahia, Campus Ilhéus, BA, 2023.
- RASMUSSEN, Fernanda de Souza Machado; SILVA, Rosemeire da Costa e NEIX, Carine da Silva Vieira. *O ensino e a atividade estruturada para a aprendizagem de pessoas com transtorno do espectro autista*. *Constr. psicopedag.* [online]. 2021, vol.30, n.31, pp.101-112. ISSN 1415-6954. Disponível em <https://doi.org/10.37388/CP2021/v30n31a08>, Acesso em 10/09/2024.
- SILVA, Wilson Nascimento da; FREITAS, Flaviane Peloso Molina. *Atividades de adaptação curricular para crianças com transtorno do espectro autista na perspectiva do programa TEACCH: relato de Experiência*. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v.3, n.2, 2016.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



Desfralde na Adolescência

Rosilva de Lima Pereira; Fabiane Carbonari Menegussi
 Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA;
 rosepereira1508@gmail.com e fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de transição e desafios, e para jovens com autismo, essa etapa pode ser ainda mais complexa devido às dificuldades de comunicação e interação social. O desfralde, normalmente desafiador, torna-se especialmente difícil para adolescentes autistas, envolvendo questões sensoriais e comportamentais. O processo requer apoio especializado e estratégias individualizadas. Embora existam poucos estudos sobre o desfralde em adolescentes autistas, essa pesquisa visa entender melhor o tema, identificar sinais de prontidão e propor intervenções que contribuam para o bem-estar e a autonomia desses jovens.

O objetivo da intervenção foi realizar o desfralde diurno para melhorar o bem-estar de um adolescente autista.

METODOLOGIA

Para embasar cientificamente a intervenção realizou-se uma pesquisa bibliográfica, consultando artigos científicos, livros, cursos on-line, vídeos sobre o assunto, contudo não foram localizadas referências que tratam especificamente de desfralde em adolescentes, por isso, este trabalho tem como base o processo de desfralde em crianças.

De acordo com as evidências científicas disponíveis sobre o desfralde em sujeitos típicos e atípicos, foi realizada a identificação dos sinais de prontidão, registrando-as em uma planilha. Concomitante a isso, foi preenchida a planilha do controle do ciclo fisiológico para identificação e análise dos horários de evacuação.

Considerando essas informações, foi realizada a intervenção propriamente dita e, diariamente a pesquisadora registrava no diário de bordo as observações sobre as intervenções realizadas.

Utilizou-se as seguintes ferramentas: o quadro de rotina, a figura ilustrativa de um vaso sanitário, e o dispositivo eletrônico Alexa, cada uma com uma função distinta e adaptada ao contexto da intervenção.



Figura 2 – Alexa
 Fonte: Internet (2024).



Figura 3 – Quadro de Rotinas
 Fonte: Autora (2024).



Figura 3 – Figura Ilustrativa
 Fonte: Autora (2024).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ACOMPANHAMENTO DA INTERVENÇÃO

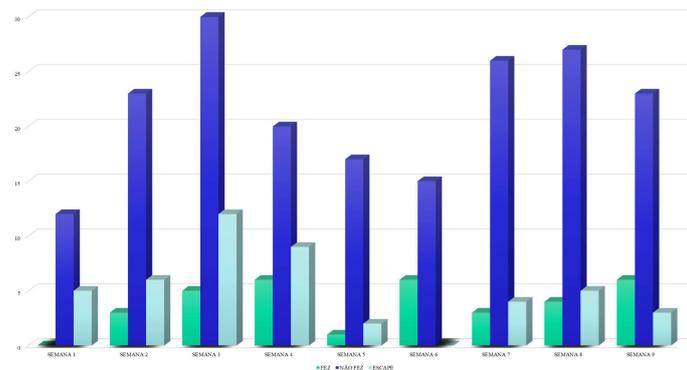


Figura 1 – Acompanhamento da intervenção
 Fonte: Autora (2024).

O gráfico acima foi elaborado a partir dos registros efetuados pela pesquisadora, no período da intervenção, que ocorreu de julho a setembro de 2024.

Os resultados obtidos revelam um cenário de progresso gradual, com desafios superados e adaptações estratégicas que permitiram alcançar objetivos significativos, especialmente no que diz respeito ao estabelecimento de uma rotina de ida ao banheiro para um adolescente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 de suporte, não-verbal e com sensibilidade auditiva.

A intervenção utilizou três ferramentas principais: quadro de rotina, figura do vaso sanitário e Alexa, com resultados variados. O quadro de rotina, comum em intervenções pedagógicas, não teve o efeito esperado, pois o adolescente não se engajou com a tarefa de remover os cartões após cada atividade, sugerindo que a ferramenta não se adequava ao seu perfil sensorial e cognitivo. A figura do vaso teve sucesso na escola, mas não em casa, indicando que o ambiente estruturado influencia os resultados. A Alexa foi a ferramenta mais eficaz, usando comandos de voz para ajudar a estabelecer uma rotina, o que o adolescente começou a antecipar, demonstrando internalização do processo.

Durante o processo, ele começou a se familiarizar com a rotina, muitas vezes antecipando o comando da Alexa, o que sinalizou progresso importante, especialmente para alguém não-verbal e que necessita de suporte constante. Contudo, houve momentos de resistência, como o comportamento de "senta e levanta rapidinho", comum nas fases iniciais de desfralde, o que indicou que ele ainda estava assimilando completamente a tarefa. Tentou-se prolongar seu tempo no vaso, mas sem forçar, para evitar rejeição ou desconforto emocional. Fatores externos, como baixas temperaturas, mudanças de rotina e a sensibilidade auditiva do adolescente, também influenciaram a consistência da intervenção. Crises causadas por barulhos demonstraram a necessidade de flexibilizar as intervenções, sempre respeitando as particularidades sensoriais e emocionais do adolescente, adaptando o processo com cuidado e sensibilidade às suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfralde diurno é importante para o bem-estar e autonomia de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente para aqueles que são não-verbais e necessitam de suporte.

O controle das funções fisiológicas promove dignidade, independência e melhora a autoestima. Nesse contexto, a criação de uma rotina estruturada oferece previsibilidade, importante para indivíduos com TEA, e o uso de ferramentas tecnológicas, como a Alexa, facilitou esse processo.

Ao reduzir desconfortos e permitir maior participação social, o desfralde melhora a qualidade de vida e promove inclusão. Intervenções adaptadas e flexíveis são fundamentais para o sucesso dessa jornada e, embora seja um caminho lento, progressos têm sido observados ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

AUTISMO VR, site. 14 Estratégias para Realizar o Desfralde em Crianças com Autismo. Disponível em: <https://autismovr.com.br/estrategias-desfralde-em-criancas-com-autismo/>. Acesso em: 20 set. 24.

CASTRO, Thiago. Simplificando o desfralde: para crianças típicas e atípicas. Material de apoio do curso online. Disponível em https://simplificandoodesfralde.club.hotmart.com/t Acesso em 25/04/2024.

MRAD, Flávia Cristina de Carvalho et al. Manual de Orientação: Treinamento Esfinteriano. Sociedade Brasileira de Pediatria e Sociedade Brasileira de Urologia. s/l., 2019.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

CAPACITAÇÃO DOS CONSELHEIROS TUTELARES PARA O ATENDIMENTO DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS DE VÍTIMAS AUTISTAS

Sandra de Fatima Ribeiro e Francieli Fabris
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente- FAMA
sandraribeiropedagogia9@gmail.com ; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

A Inclusão se configura como um processo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ela visa garantir que todas as pessoas, independentemente de suas características individuais, tenham acesso a oportunidades e recursos de forma igualitária, sendo assim, o presente projeto tem como tema central a formação de conselheiros tutelares no tocante à identificação e atuação em casos de violação de direitos de crianças e adolescentes autistas. Tem-se como iniciativa capacitar esses profissionais para que atuem de forma eficaz na defesa e garantia dos direitos das crianças e adolescentes, muitas vezes vulnerabilizada por falta de conhecimento e compreensão específica sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Acreditamos que é de suma importância que os conselheiros estejam preparados para atender às necessidades da comunidade autista de forma ética, profissional e principalmente com empatia, sendo assim a capacitação em autismo, é fundamental para que nós conselheiros possamos oferecer um suporte eficaz e de qualidade a comunidade autistas e suas famílias. Entende-se que através dessa preparação os conselheiros podem fazer a diferença na vida de muitas pessoas e contribuir para uma sociedade inclusiva.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado, através da utilização de métodos bibliográficos, com materiais informativos: como apostilas, livros, links para sites, uma capacitação em grupo, com dinâmica e roda de conversa com profissional especializado em TEA e os conselheiros. Após a dinâmica foi elaborado um questionário com os conselheiros, com objetivo de coletar informações sobre a atividade desenvolvida, possibilitando aos participantes apresentarem pontos positivos/ negativos, pontos a serem melhorados. A capacitação aconteceu em um único momento, com duração de 4 horas, sendo reservada uma 1 hora deste tempo para resolução do questionário. O evento aconteceu na sede do conselho tutelar, localizado no Município de Clevelândia PR, no Bairro: Rosa Branca, Rua: José E Hartmann S/N, a palestra foi realizada por uma profissional da área da educação especial do município de Clevelândia-Pr.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A palestra realizada com os conselheiros usou de exemplos reais para tratar do assunto. Sendo que através destes casos evidenciou-se a importância do conhecimento sobre os sintomas do autismo para a atuação dos conselheiros. A formação possibilitou um momento de estudo para os conselheiros. Além disso, destacou o papel fundamental do Conselho Tutelar na defesa dos direitos das crianças e adolescentes com autismo, frisando ainda a importância da atuação na garantia desses direitos. Vale lembrar que a palestra somou muito para o conhecimento dos conselheiros sobre o TEA. No momento foi abordando desafios vivenciados no atendimento de crianças e adolescentes autistas e dialogou-se sobre possíveis maneiras de atuação com mais clareza e conhecimento sobre o assunto. A partir dos respostas obtidas nos questionários, observou-se uma fragilidade em relação ao conhecimento dos conselheiros sobre o TEA. Evidenciando dificuldades na identificação e intervenção de casos de violação de direitos de crianças e adolescentes autistas. Existe limites no preparo dos conselheiros que atuam em nosso município em reconhecer os sinais de abuso ou negligência nesses casos específicos. Os profissionais do conselho tutelar, relatam a falta de preparação e conhecimento sobre os recursos e serviços disponíveis para atender as necessidades do público aqui em destaque. Os conselheiros manifestam ainda certa insegurança em atuar com essa público, e destacam a necessidade de mais informações e formações sobre o assunto, visto que o aumento de crianças autista, faz com que os conselheiros se preparem para possíveis intervenções com crianças e adolescentes autistas.



CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que para a efetiva atuação dos conselheiros, é fundamental considerar a diversidade dos sintomas do TEA, tendo em vista que cada sujeito possui características únicas. Durante a palestra detalhou-se diferentes manifestações do transtorno, como dificuldades de comunicação, interação social, comportamentos repetitivos entre outros. Devemos considerar a participação da família, o que é de suma importância, bem como as dificuldades enfrentadas, os recursos disponíveis, formas de apoio e encaminhamentos que o Conselho Tutelar pode solicitar. Enfatizou-se o direito à inclusão escolar de todas as crianças e adolescentes. Foi tratado sobre adaptações necessárias nas instituições de ensino, o papel do professor e a união entre escola, família e profissionais da Rede de Proteção. Os conselheiros precisam estar atualizados com as Leis que protegem os direitos das pessoas com deficiência, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei Brasileira de Inclusão. Abordando ainda práticas eficazes de atendimento para crianças e adolescentes com TEA, como a escuta ativa, comunicação clara e valorização das diferenças. A interação dos conselheiros com outros profissionais, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e pedagogos, é fundamental para garantia de um atendimento integral às crianças e adolescentes com TEA. A formação com os conselheiros contribuiu na identificação dos sinais de autismo em crianças e adolescentes, podendo ser solicitado encaminhamentos adequados para diagnóstico e tratamento. Ainda, podem estar atuando de forma positiva na defesa dos direitos das crianças e adolescentes com autismo, bem como garantindo o acesso a serviços e benefícios. Nesse sentido, podemos afirmar que o momento foi importante para a formação dos conselheiros, deixando a indicação de que se tenha outros momentos para ampliar os estudos sobre o tema, visto que, o conhecimento e a formação fará diferença no atendimento das crianças e adolescentes, bem como contribuirá com as famílias do município de Clevelândia-PR.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R. R.; SILVA, J. R. S.; D'ANTINO, M. E. F. **Breve discussão sobre o impacto de se ter um irmão com transtorno do espectro do autismo.** Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.12, n.1, p. 9-15, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11186/6945>. Acesso em: 16 mai. 2024.
- MANTOVAN, Ap. Rosimeire, DOMINGUES, de Fátima Tatiana. **A importância da capacitação continuada para conselheiros tutelares:** Fortalecendo a proteção dos direitos de crianças e adolescente: Disponível em: <https://www.paulus.com.br/Acesso> em: 01/10/2024.
- BRASIL. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BOSA, C. A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais.** Revista Brasileira de Psiquiatria [online]. São Paulo, v. 28, p. 47-53, 2006. Disponível em: Acesso em: 02 out. 2017.
- Batista, C., & Bosa, C. (2002). **Autismo e educação.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas. BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.**



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Cartilha de Conscientização sobre o Autismo na Primeira Infância

Seres Maria Poncio Da Silva; Thais de Jesus Ferreira

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA.

seresponcio@gmail.com; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Este projeto apresenta informações pertinentes aos casos de autismo, abordando em torno da importância do diagnóstico precoce afim de obter sucesso no tratamento. Discorre acerca da relevância das intervenções com recursos e metodologias pedagógicas acessíveis visando auxiliar no desenvolvimento de crianças autistas, ressaltando também o fato de conscientizar as pessoas quanto a importância da inclusão, já que, estando melhor informadas possibilita-se a agir em modo a promovê-la em meio a comunidade de orma geral, reconhecendo e valorizando a diversidade, garantindo a todos oportunidades iguais de participar plenamente na sociedade. O objetivo geral visa elaborar e distribuir uma cartilha apresentando informações sobre a necessidade da observação, avaliação e intervenção precoce em crianças com Trantorno do Espectro Autista, visando a conscientização da comunidade. Têm-se como objetivos específicos: Descrever sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, níveis e características autísticas; Proporcionar conhecimento acerca dos marcos do desenvolvimento na primeira e segunda infância; Relatar sobre o comportamento e desenvolvimento das crianças com diagnóstico de autismo; Apresentar informações acerca da necessidade da avaliação e intervenção precoce em crianças com Trantorno do Espectro Autista. Reunir o coletivo de professores, estagiários, pais e familiares para apresentar o material elaborado com vistas ao processo de conscientização do grupo (coletiva).

METODOLOGIA

A metodologia baseia-se na pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico exploratório, a pesquisa bibliográfica baseia-se em textos para a compreensão do tema em questão, a qual se apropria de referencial teórico para fundamentar a construção do material educativo. Foi elaborada uma cartilha com informações de detecção de sinais de autismo, tal qual, proporcionando orientações de relacionamento com estes indivíduos, a fim de promover o processo de inclusão social no CMEI Lar Bom Samaritano. Com isso espera-se obter como resultados possíveis a maximização do conhecimento da população para a melhoria do tratamento e da aceitabilidade dos indivíduos com autismo. A população da pesquisa refere-se a comunidade escolar pertencente ao Centro Municipal de Educação Infantil Lar Bom Samaritano, visto que o material informativo a ser criado será distribuído amplamente neste contexto. Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico exploratória, que com base em Richardson (2008, p. 80): Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação da cartilha sobre autismo no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Lar Bom Samaritano foi recebida com grande interesse e envolvimento por parte dos pais, familiares e professores. Desde o início, a proposta de contribuir para a identificação precoce dos sinais de autismo e oferecer informações acessíveis sobre essa condição despertou a atenção de todos os presentes, que reconheceram a importância de ampliar o conhecimento sobre o tema para melhorar o suporte oferecido às crianças. Os pais e familiares demonstraram gratidão pela iniciativa, destacando a relevância de receber orientações práticas que facilitam o reconhecimento de sinais comportamentais e de desenvolvimento, muitas vezes sutis, que podem estar associados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Alguns participantes compartilharam experiências pessoais, enriquecendo a troca de informações e promovendo um ambiente de acolhimento e apoio mútuo. Os professores mostraram-se bastante engajados, destacando a importância de estarem preparados para identificar possíveis sinais de autismo no ambiente escolar e, assim, encaminhar as crianças para avaliação e intervenção precoce. Assim, a disponibilização da cartilha pode auxiliar fornecendo valiosas informações para que os educadores possam compreender melhor os desafios enfrentados pelas crianças com TEA, além de apresentar alguns métodos estratégicos de acompanhamento, voltadas para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional dos alunos. A apresentação foi percebida como sendo um passo importante para fortalecer a parceria entre escola e família, criando um espaço mais inclusivo e preparado para atender as necessidades específicas das crianças com autismo. A cartilha foi acolhida como um recurso educativo fundamental, que promoveu a conscientização e o empoderamento de todos os envolvidos no processo educativo e de desenvolvimento infantil.

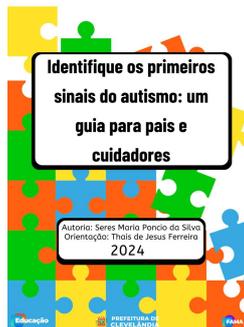


Figura 1 – Capa do material elaborado para divulgação
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

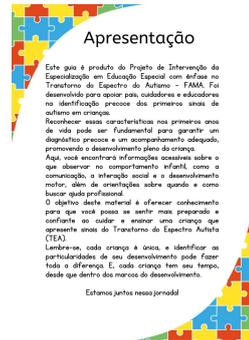


Figura 2 – Texto de apresentação do material.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

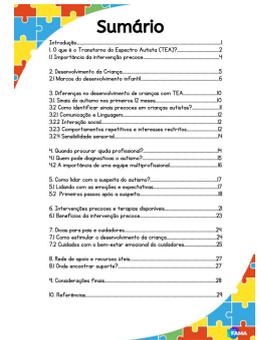


Figura 3 – Sumário com organização do material.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Considera-se de extrema importância e necessidade fornecer informações relevantes e adequadas sobre o autismo, já que estas são fundamentais para a conscientização e o entendimento dessa condição, tanto por parte dos familiares quanto da sociedade em geral. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda é cercado por mitos e desinformação, o que pode levar à incompreensão e ao preconceito em relação às pessoas com autismo, por isso, é essencial que sejam disponibilizados materiais informativos acessíveis, que expliquem de maneira clara as características do autismo, seus sinais, e como oferecer suporte adequado às pessoas diagnosticadas com o transtorno. A disseminação de informações corretas possibilita que os familiares, educadores, profissionais da saúde e a sociedade como um todo reconheçam os sinais do autismo desde cedo, permitindo que as crianças recebam intervenções precoces, que são cruciais para o seu desenvolvimento. Essas informações ajudam a desmistificar o autismo, promovendo maior inclusão social e diminuindo barreiras que dificultam a plena participação dessas pessoas em diversas esferas da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre o TEA também é essencial para a criação de estratégias educacionais e terapêuticas personalizadas, que respeitem as singularidades de cada pessoa com autismo. Ao fornecer informações adequadas, é possível capacitar as famílias e os profissionais envolvidos no cuidado e no ensino dessas crianças, contribuindo para que suas necessidades sejam atendidas de maneira mais eficaz e para que seus direitos sejam garantidos. Portanto, a disponibilização de informações sobre o autismo contribui para a conscientização configurando-se em uma ação que promove inclusão, respeito e cidadania.

Dos resultados destacam-se a elaboração e distribuição da cartilha apresentando informações sobre a necessidade da observação, avaliação e intervenção precoce em crianças com Trantorno do Espectro Autista, visando a conscientização da comunidade. No material elaborado foram apresentadas informações acerca do Transtorno do Espectro do Autismo, níveis e características autísticas. Este guia proporcionou acesso ao conhecimento sobre os marcos do desenvolvimento na primeira e segunda infância, bem como informações sobre o comportamento e desenvolvimento das crianças com diagnóstico de autismo, evidenciando a necessidade da avaliação e intervenção precoce em crianças com Trantorno do Espectro Autista. Por fim, foi reunido o coletivo de professores e estagiários da escola para apresentação do material, bem como foram entregues cartilhas aos pais no término do período letivo com vistas ao processo de conscientização do grupo (coletiva).

REFERÊNCIAS

ALVES, Raynon Joel Monteiro; GUTJAHR, Ana Lúcia Nunes; PONTES, Altem Nascimento. Processo metodológico de elaboração de uma cartilha educativa socioambiental e suas possíveis aplicações na sociedade. *Revbea*, São Paulo, V. 14, Nº 2, 2019.

DIMAS, Addressa Bento; PIERUCCINI, Dayane Almeida; GUIMARÃES, Miriã Madureira Sousa. *A importância do diagnóstico precoce no transtorno do espectro autista e as contribuições da análise do comportamento aplicada (ABA)*. Centro Universitário UNA. Contagem - MG, 2023.

ZANON, R. B., BACKES, B., & BOSA, C. A. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. *Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2014.

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

FAMA



PREFEITURA DE CLEVELÂNDIA

Educação

Tornando os direitos dos Autistas conhecidos: informações para familiares e professores

Sigmar Jeanne Miglioranza Massarotto e Fabiane Carbonari Menegussi

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA;

sigmassarotto@gmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Atualmente vivencia-se um grande desafio por parte de toda gestão pública e instituições de ensino que é a formação de profissionais da educação, saúde, assistência social e especialmente de famílias sobre os temas da inclusão, desenvolvimento infantil e autismo, com foco em uma atuação conjunta e estruturada no atendimento e garantia de direitos.

Tendo em vista isso, o objetivo geral desta pesquisa intervenção é contribuir com a divulgação de informações sobre o Autismo, visando a garantia de seus direitos, tendo como público alvo principalmente familiares e professores de autistas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa intervenção utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, foram utilizados artigos, livros e a legislação vigente para fundamentar teoricamente as ações que foram desenvolvidas.

As atividades incluíram rodas de conversa e distribuição de material informativo, com foco nas leis que garantem os direitos dos autistas, como a Lei Berenice Piana (nº 12.764/2012), a Lei Romeo Mion (nº 13.977/2020) e o Código Estadual da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista Lei nº 21.964/2024 do Estado do Paraná.

O público-alvo foi composto por 20 participantes, entre familiares e professores, convidados pela APAE de Mariópolis. As atividades consistiram em palestras sobre legislações, discussões entre os participantes e aplicação de um questionário para avaliar as percepções, do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção destacou a troca de experiências entre os participantes e o interesse dos professores em disseminar o conhecimento adquirido.

No entanto, houve desafios, como a complexidade das leis apresentadas e o tempo limitado para discussões mais aprofundadas. Os participantes sugeriram a ampliação da intervenção devido à relevância

Após as discussões, ficou evidente o maior entendimento sobre direitos relacionados à saúde, educação inclusiva e assistência social. A Lei Estadual do Paraná nº 21.964/2024, que consolida legislações sobre TEA no estado, foi especialmente importante, ajudando a esclarecer como buscar apoio do poder público.

As famílias relataram que a atividade realizada criou um espaço acolhedor para compartilhar experiências e que, após a roda de conversa, sentiam-se mais seguras para reivindicar os direitos assegurados por lei.

Os professores, por sua vez, afirmaram que as informações adquiridas seriam aplicadas em suas práticas pedagógicas, contribuindo para a inclusão nas escolas.

Apesar dos desafios, a intervenção teve um impacto positivo. Professores se comprometeram a disseminar as informações nas escolas, criando uma rede de apoio para ampliar o alcance do conhecimento sobre os direitos das pessoas com TEA.

A distribuição de panfletos foi bem recebida, e sugeriu-se a criação de novos materiais em formatos acessíveis para a comunidade.

Assim, esta pesquisa intervenção cumpriu seus objetivos de divulgar leis e direitos, com potencial de gerar um impacto mais amplo.



Figura 1: Panfleto informativo
Fonte: <https://governadoradocuritiba.com.br/comiteca-co-principais-direitos-da-pessoa-autista> Acesso em 02/08/2024



Figura 2: Registro da Atividade Realizada
Fonte: Autora (2024)



Figura 3: Registro da Atividade Realizada
Fonte: Autora (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa intervenção foi uma importante oportunidade para discutir os direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), fortalecendo o entendimento da legislação e promovendo a inclusão. Ao reunir familiares e educadores em um espaço de diálogo e troca de experiências, foi possível compartilhar informações e conhecimento entre os participantes, que agora se sentem mais preparados para buscar a garantia desses direitos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.** Diário Oficial da União, Brasília, 27 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12764.htm. Acesso em: 15 maio 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. **Marco Legal da Primeira Infância.** Diário Oficial da União, Brasília, 8 mar. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/13257.htm. Acesso em: 15 maio 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020. **Institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CipTEA).** Diário Oficial da União, Brasília, 9 jan. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13977.htm. Acesso em: 15 maio 2024.
- PARANÁ. Lei nº 21.964, de 30 de abril de 2024. **Institui o Código Estadual da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista no Estado do Paraná.** Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 30 abr. 2024. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pr/lei-ordinaria-n-21964-2024-parana>. Acesso em: 15 maio 2024.
- CASTRO, Ana Maria. **Transtorno do Espectro Autista: Diagnóstico e Inclusão Escolar.** São Paulo: Editora Autismo, 2023.

I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



Grupo de Estudos como estratégia de Formação de Professores: autismo em debate

Vanessa Ribeiro; Thais de Jesus Ferreira
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente - FAMA
vanessaribeirolinhares@gmail.com; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consistiu em reunir um grupo de profissionais da Educação que atuam em uma Escola particular do município de Clevelândia, a qual oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Tendo em vista, a realidade em que vivemos, percebeu-se a necessidade de uma formação continuada sobre o autismo e a criação de intervenções pedagógicas inclusivas. "A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando" (Nóvoa, 1997, p. 26). Esse trabalho tem como objetivo realizar formação continuada sobre o TEA na realidade escolar, para o coletivo de docentes de uma escola particular, com vistas a qualificar as intervenções pedagógicas inclusivas. Além de construir um espaço para reflexão, diálogo e estudo para compartilhamento de dúvidas, dificuldades e desafios enfrentados. Buscando contribuir, a partir do debate, para a criação de metodologias ativas e inclusivas com intuito de qualificar as intervenções pedagógicas oferecidas para alunos autistas.

METODOLOGIA

O grupo participante desta formação pedagógica foi composto por onze professoras de uma escola pertencente a rede de ensino particular que atuam desde a educação infantil até o 5º ano. Foram realizados 3 encontros quinzenais nos meses de julho e agosto de 2024, após o horário da aula do turno vespertino, por uma hora. Para melhor compreensão de alguns significados do TEA, os profissionais fizeram a leitura de artigos científicos sobre o tema gerador que foi posteriormente debatido. Tivemos como base teórica os "círculos de cultura" sistematizados por Freire (1991). Se resume em reunir um grupo de professores com objetivo de debater sobre algum assunto temático, de interesse de todos (autismo). Destaca-se o diálogo e a troca de experiências entre os participantes, tendo como princípios o respeito pelo aluno, a conquista da autonomia e a dialogicidade. com o intuito de promover a integração do conhecimento e a transformação social. Esses encontros foram organizados no formato de rodas de conversa. A projeção do círculo de cultura é que o debate teórico inspire e fundamente a prática pedagógica e, a partir das reflexões e diálogos, espera-se que os docentes criem e implementem metodologias ativas e inclusivas no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se através dos encontros que, o transtorno do espectro autista é um assunto de grande relevância, delicado e complexo, não só no ambiente escolar mas na sociedade em geral. O tema precisa ser debatido afim de buscar soluções e melhorias para que profissionais da educação consigam intervir respeitando e valorizando as especificidades de cada aluno.

Identificou-se que a formação continuada na área da educação pode interferir na prática pedagógica, pois ao buscarmos conhecimento ressignificamos nossas práticas e métodos de intervenção. A formação pode possibilitar a transformação da sala de aula em um ambiente acolhedor e inclusivo, incluindo e oferecendo uma educação de qualidade para todos.

Construímos um espaço de reflexão sobre a inclusão no espaço escolar com ênfase no TEA, com vistas a compartilhar experiências, superar dificuldades e desafios enfrentados. Concluímos que a formação continuada é tão importante para nós profissionais de educação quanto é para os alunos tem acesso a uma educação de qualidade e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que através das reuniões aconteceu o despertar do interesse pelo assunto (autismo) e isso fez com que as professoras fossem instigadas a pesquisar a fundo para melhor atender os alunos. Ficou evidente que as educadoras precisam desse momento de estudo, diálogo e compartilhamento de experiências. Através dos feedbacks das participantes foi possível perceber a importância e a contribuição desse projeto para o coletivo de professoras.

Percebeu-se que é necessário continuar com essa iniciativa, buscando melhorar nossa prática pedagógica e nos transformarmos em profissionais diferenciados e oferecer uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- CRUZ, Evandro Costa; COSTA, Deuzeli Brandão da. **A Importância da Formação Continuada e sua Relação com a Prática Docente**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 08. Ano 02, Vol. 03. pp 42-58, Novembro de 2017
- DAYANNE RODRIGUES . **Formação continuada para professores: entenda a importância dessa capacitação**. PROESC.com. Blog. janeiro 25, 2018.
- JOCHEM, Bruna. **Formação Continuada de Professores no Estado de Santa Catarina sobre o TEA**. Revista Educacao Inclusiva. Volume 6, nº 2, 12 Pg, fevereiro de 2012.
- LIMA, Lucas. Et al. **Formação Continuada de professores e as contribuições para a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales. V.16, nº 12, 19 PG, São José dos Pinhais, 2023.
- NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.
- RAMOS, Cláudia Costa. **Formação continuada de professores na Perspectiva da inclusão com estudantes com transtorno do espectro autista**. Revista Internacional de Formação de Professores, 2022.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Construindo um ambiente inclusivo: partindo da realidade a prática

Verônica Raquel Leal Grignani e Fabiane Carbonari Menegussi
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente-FAMA;
grignaniveronica21@gmail.com; fabiane@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

De acordo com o DSM-V (APA, 2014) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, interação social e comportamento. Os sinais estão presentes desde os primeiros meses, geralmente é diagnosticado na infância e é classificado em três níveis de gravidade – nível I exigindo apoio; nível II exigindo apoio substancial e nível III exigindo apoio muito substancial.

Sá (2023, s/p) afirma que "a prevalência de pessoas com TEA vem aumentando progressivamente ao longo dos anos . [...] Segundo dados coletados no ano de 2018, tem-se 1 em cada 36 crianças diagnosticadas com TEA".

Nesse contexto, muitos autistas estão frequentando a escola regular, gerando um desafio para os professores e toda gestão escolar, mas principalmente aos colegas que tem pouco conhecimento/entendimento sobre o assunto. . Como destaca Gil (2012) "A inclusão é um processo que deve envolver todos os membros da comunidade escolar, promovendo o respeito e a compreensão das diferenças".

Considerando isso, o objetivo geral desta pesquisa intervenção é desenvolver e implementar atividades na turma de alunos do Ensino Fundamental I, a fim de informar e sensibilizar sobre o autismo, promovendo o entendimento e a aceitação de colegas autistas, e assim, fortalecer a inclusão efetiva no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica para embasar teoricamente a temática e trata-se de um estudo de caso.

A intervenção foi realizada em uma turma do Ensino Fundamental I, da qual a pesquisadora é professora regente. A turma faz parte de uma escola pública de ensino integral do município de Clevelândia-PR, contendo 15 alunos com faixa etária de 09 a 10 anos, sendo 06 meninas e 09 meninos. Fazem parte da turma dois alunos diagnosticados com autismo e um em processo de avaliação.

Realizou-se o planejamento das atividades para serem desenvolvidas, utilizando-se como materiais de apoio a lousa digital, vídeos de animação sobre o Autismo, jogo, folhas em branco e lápis. Planejou-se para realizar a intervenção durante 3 segundas-feiras em uma aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi muito importante desenvolver essa pesquisa intervenção na turma em que a pesquisadora atua como professora regente, pois inicialmente ela percebia que a palavra autista era um termo associado a deficiência para eles, até mesmos os alunos autistas tinham vergonha de falar seu diagnóstico, receio de sofrerem bullying, de seus colegas não entenderem o que isso é, e realmente eles tinham pouco conhecimento.

A partir das atividades desenvolvidas houve mudanças no comportamento da turma com relação aos colegas autistas, eles passaram a cuidar dos colegas, passaram a relatar situações de discriminação que ouviam fora da sala de aula, passaram a ter mais empatia.



Figura 1 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).



Figura 2 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).



Figura 3 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).



Figura 4 – Atividade desenvolvida
Fonte: Autora (2024).

Retomando o objetivo geral desta pesquisa intervenção é possível afirmar que ele foi atingido. Isso porque, de acordo com Brito (2017, p. 10) "Evidências científicas mostram que entender algumas características comuns a pessoas com Autismo/transtorno do espectro do autismo, pode auxiliar muito a agir em diferentes situações (na escola, em casa, na terapia)" e foi isso que a pesquisa intervenção fez, levou informação, promoveu discussões, esclareceu dúvidas sobre o autismo de forma que as crianças pudessem entender, acolher e incluir os colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da intervenção realizada é possível afirmar que abordar o assunto por meio de roda de conversa, de forma lúdica, colocando-se no lugar do outro é uma maneira eficaz de promover a sensibilização das crianças e o que foi aprendido na sala de aula pode ser levado para outras áreas da vida de cada aluno.

A convivência entre alunos com e sem deficiência é muito benéfico, promove um ambiente mais inclusivo e empático, onde aprende-se a valorizar a diversidade e a desenvolver competências socioemocionais importantes para a vida em sociedade.

Concluo ressaltando que a inclusão de alunos autistas em salas regulares não deve ser vista como um desafio impossível, mas como uma oportunidade de construir uma sociedade mais inclusiva e acolhedora.

REFERÊNCIAS

- APA, Associação Psiquiátrica Americana. Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V). Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.
- BRITO, Maria Claudia. *Estratégias Práticas de Intervenção nos Transtornos do Espectro do Autismo*, 2017. Disponível em <https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/ebook-estrategias-de-intervencao-nos-transtornos-do-espectro-do-autismo-maria-claudia-brito.pdf> Acesso em 31/07/2024.
- Gil, Marta. Caminhos da inclusão: a história da formação profissional de pessoas com deficiência no SENAI-SP/Marta Gil- São Paulo, editora, 2012.
- SÁ, Cláudia. *Uma a cada 36 crianças é autista, segundo CDC*. Disponível em <https://autismoerealidade.org.br/2023/04/14/uma-a-cada-36-criancas-e-autista-segundo-cdc/#:~:text=Atualmente%2C%20o%20n%C3%BAmero%20ainda%20%C3%A9,1%20em%20cada%2036%20crian%C3%A7as.> Acesso em 07/05/2024



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O MUNDO DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR DO ENSINO REGULAR INTEGRAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA INCLUSÃO

Veronica Aparecida Mattos dos Reis e Francieli Fabris
Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente,
veromreis@hotmail.com; francieli@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo principal investigar os desafios e as perspectivas da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto do Ensino Regular Integral, com foco nas estratégias de ensino mediadas pelo uso de tecnologias digitais. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual, com a participação de professores da turma de 6º ano do Ensino Fundamental II e de alunos diagnosticados com TEA.

METODOLOGIA

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário aos professores e realizadas observações sistemáticas de três alunos diagnosticados com TEA, com idade de 12 e 13 anos, que estão matriculados na Turma de 6º Ano B do Ensino Fundamental II, Anos Finais do Regular Integral. Durante as aulas e nas atividades no laboratório de informática. Nesses espaços, os alunos com TEA receberam apoio individualizado para desenvolver habilidades de leitura, redação, cálculos matemáticos e participaram de atividades lúdicas e interativas por meio da plataforma Quizizz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tecnologia digital transformou o aprendizado de alunos com TEA, aumentando o engajamento e o desenvolvimento de habilidades. Nossa pesquisa revelou que o uso de plataformas interativas e recursos digitais personalizados proporcionou um avanço significativo no processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

A inclusão é um processo contínuo que exige dedicação e adaptação. Nossos resultados mostram que, apesar dos desafios, a utilização de estratégias pedagógicas inovadoras e o apoio de uma equipe multidisciplinar podem transformar a vida de alunos com TEA.

Alunos com TEA demonstraram maior autonomia e progresso nas atividades realizadas no laboratório de informática. A pesquisa evidenciou a importância do uso de tecnologias digitais como ferramenta de apoio à inclusão.

A formação continuada dos professores é fundamental para garantir uma educação inclusiva de qualidade. Nossos resultados apontam para a necessidade de investir em programas de formação que capacitem os professores a atender às necessidades específicas dos alunos com TEA. A inclusão é um processo colaborativo que envolve todos os atores da comunidade escolar. A parceria entre escola, família e profissionais especializados é essencial para garantir o sucesso dos alunos com TEA.



Fotos 1 e 2 – Sala de aula e Laboratório de Informática. Alunos 1, 2 e 3.
Fonte: O autores (2024)



Figura 3 e 4 – Alunos 1 e 2 no Laboratório de informática fazendo quizzz de várias disciplinas.
Fonte: O autores (2024)



Figura 5 e 6 – Aluna 3 com atendimento individual
Fonte: O autores (2024)

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar os desafios e as perspectivas da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto do Ensino Regular Integral, com foco nas estratégias de ensino mediadas pelo uso de tecnologias digitais. Os resultados obtidos permitiram compreender de forma mais aprofundada a complexidade desse processo e a importância de práticas pedagógicas adaptadas às necessidades específicas desses alunos. A tecnologia digital transforma a aprendizagem de alunos com TEA, promovendo maior engajamento e desenvolvimento. Juntos, construímos um futuro mais inclusivo. A inclusão é um processo colaborativo que exige a participação de todos e a formação continuada e recursos tecnológicos são a chave para o sucesso da inclusão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conferência Mundial sobre Necessidades em Educação Especial. A Declaração de Salamanca sobre princípios. Política e Prática em Educação Especial. 1994.
BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Toffo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
LIBERALESSO, Paulo. **Transtorno do Espectro Autista: evidências científicas no campo das intervenções terapêuticas**, páginas 13 a 25.
LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão é o Privilégio de Conviver com as Diferenças**. In Nova Escola, maio, 2005.
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
PAPIM, Angelo Antonio Puzipe. **Autismo e aprendizagem: os desafios da Educação Especial [recurso eletrônico]** - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. 85 p. (ISBN -978-85-5696-801-2).
SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.



I SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE APOIO QUE ATUAM COM ALUNOS AUTISTAS: O PEI COMO FUNDAMENTO DA INTERVENÇÃO

Wagner Luiz Mohr; Thais de Jesus Ferreira
 Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente- FAMA
wagner.mohr@famapr.edu.br; thais@famapr.edu.br

INTRODUÇÃO

Existe grande preocupação com a ausência da qualificação das professoras de apoio na realidade vivenciada na Escola Municipal Professor Antônio Marcelino Pontes. Apresenta-se uma crescente no número de casos de alunos com diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista - TEA na escola, a qual possui atualmente quinhentos e três (503) alunos matriculados, dos quais vinte (20) possuem diagnóstico. Destaca-se a importância da capacitação pela heterogeneidade comportamental de alunos no Espectro, sendo necessária a atualização constante dos profissionais com vistas ao desenvolvimento integral do aluno.

No Estado do Paraná de acordo com a Instrução Normativa nº 009/2023 – DEDUC/SEED o profissional de apoio deve ter Ensino Médio Completo e atuará nas áreas de comunicação, alimentação e locomoção quando comprovada a necessidade do estudante, com a nomenclatura de Profissional de Apoio Escolar (PAE). Já a Instrução Normativa nº 001/2016 – SEED/SUED trata do Professor De Apoio Educacional Especializado os quais atuam como agentes de aprendizagem e escolarização sendo necessário formação em Graduação e/ou especialização na área de educação especial que atenderá o aluno de acordo com cronograma montado pela instituição de ensino. Como qualificar os profissionais de apoio para atendimento aos alunos autistas utilizando o Plano Educacional Individualizado como fundamento? É um dos problemas enfrentados por gestores das unidades escolares que precisam oferecer formação para estes profissionais, definir qual metodologia deve ser adotada, horários para as formações são entraves que necessitam ser organizados. Esta pesquisa intervenção teve como objetivo geral promover a capacitação de profissionais de apoio para qualificar e humanizar o atendimento aos estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uma abordagem interpretativa da situação do atendimento realizado pelos professores de apoio aos alunos autistas na Escola Municipal Professor Antônio Marcelino Pontes buscando compreender as diversas interfaces do trabalho pedagógico. Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Participaram da pesquisa duas (2) profissionais de apoio que trabalham no suporte a sete (7) alunos autistas de turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental. As profissionais são contratadas como estagiárias pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte - SECE. As profissionais são acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia.

A pesquisa teve início com um questionário aberto aplicado na fase inicial da pesquisa em 02 de agosto de 2024, anteriormente a ao planejamento da formação, apresentava questões que evidenciavam conhecimentos a cerca do Transtorno do espectro autista como características e diagnóstico, Plano Educacional Individualizado, O que é? Quem elabora? Qual a finalidade? Como operacionalizar o que está posto no PEI, se a profissional sente-se apta a desenvolver a função que exerce, com a finalidade de mostrar o grau de conhecimento e as principais dificuldades encontradas pelos profissionais de apoio.

Após a análise das respostas organizamos uma formação com carga horária de 4h, com enfoque na construção e instrumentalização do Plano Educação Individualizado –PEI, realizada no formato de minicurso na data 08 de agosto utilizando a metodologia expositiva com auxílio de slides e vídeos, apresentação do caso de um aluno e posteriormente elaboração do PEI para atender o mesmo, participaram da formação duas profissionais de apoio.

Na sequência aplicou-se um questionário de saída no dia 16 de agosto de 2024 as questões são semelhantes ao questionário de entrada questionando sobre o que é o PEI, seus objetivos para a avaliar os impactos da formação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da intervenção 2 profissionais de apoio iniciou-se pela aplicação do questionário, no dia 02 de agosto de 2024 que teve como objetivo fazer um diagnóstico das potencialidades e fragilidades relacionados ao Transtorno do Espectro autista, Legislação de educação inclusiva atuação do profissional de apoio elaboração e aplicabilidade do Plano Educacional Especializado PEI. Observou-se que as profissionais tinham conhecimento superficial sobre o autismo, bem como da sua atuação como profissional de apoio e desconheciam o Plano Educacional Individualizado.

A formação executada no formato de minicurso com carga horária de 4 horas, no dia 08 de agosto de 2024 planejada de acordo com os resultados do questionário de entrada, focou mais nas atribuições do profissional de apoio e no Plano Educacional Especializado, utilizou-se metodologia expositiva e uma atividade prática onde com base em um caso de aluno atendido na escola foi construído um Plano Educacional Individualizado.

Questionário Final aplicado no dia 16 de agosto de dois mil e vinte e quatro, apresentou questões referente ao Plano Educacional Individualizado, como o plano pode contribuir com o trabalho do profissional de apoio, quais as principais dificuldades as profissionais sentiram na elaboração do documento.

Analisando a participação na formação e as respostas apresentadas nos questionários percebe-se de maneira positiva a intervenção, visto que após a formação as profissionais demonstraram ter maior facilidade em construir e utilizar o PEI como ferramenta de trabalho.

QUAL SEU NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA?	
BÁSICO	2
INTERMEDIÁRIO	0
AVANÇADO	0

Tabela 1 – Nível de conhecimento sobre o TEA. Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

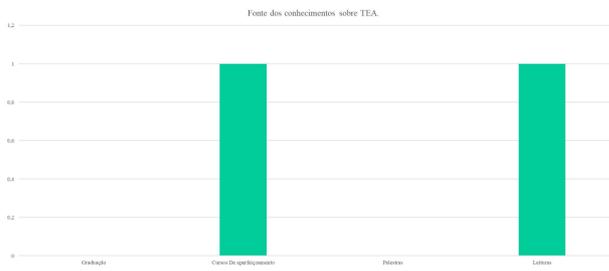


Figura 2- Fonte dos conhecimento sobre o TEA. Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

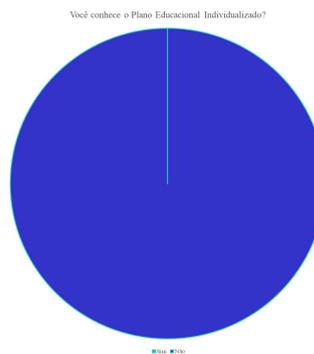


Figura 3- Plano Educacional Especializado. Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista seja efetivado verdadeiramente, com estes alunos usufruindo do direito a educação de qualidade que lhes é garantido por lei, tendo na escola e nos profissionais atitudes que possibilitem uma equidade de direitos a formação profissional é seguramente o primeiro passo, profissionais precisam ter clareza sobre o que é o transtorno do Espectro autista e todas as suas nuances, bem como conhecer sobre os processos de ensino e aprendizagem e legislação educacional.

A qualificação para os profissionais de apoio deve ser contínua e orientada pelas necessidades apresentadas pelos profissionais afim de aproximar-se da realidade tornando-se mais efetiva e tendo melhores resultados.

Conclui-se que o objetivo geral foi atingido de maneira parcial devido a carga horária da formação, os assuntos abordados são extensos e complexos e demanda de mais tempo para serem trabalhados. O objetivo específico que teve o melhor resultado foi a elaboração do Plano Educacional Especializado, pois este era o que as profissionais tinham maior dificuldade e conseguiram compreender como ocorre sua construção e utilização.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Joana Margarida Dias. A Criança Com Autismo: Os Desafios da Inclusão Escolar. Lisboa 2010.
 BARONE, L.M.C. Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
 BRASIL. Presidência da República. Lei n.º 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n.º 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 dez. 2012.
 CASTRO, A. C.; GIFFONI, S.D.A. O conhecimento de docentes de educação infantil sobre o transtorno do espectro autista. Rev. Psicopedagogia. n.34, v103, 2017, p.98-106.
 CHIAVENATO, I. Administração de Recursos Humanos: fundamentos básicos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1936.
 CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: Psicologia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: WAK, 2011.
 OLIVEIRA, F. L. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. Revista Educação Pública. V. 20, n. 34, 08/09/2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso em: jul 2021
 MIZUKAMI, M.G.N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
 VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.



